

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE ECONOMIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ECONOMIA POLÍTICA  
INTERNACIONAL

DA CRIMEIA AOS Balcãs: A PROJEÇÃO DE PODER RUSSA E A QUESTÃO  
ÉTNICO-CULTURAL

PATRÍCIA FERNANDES VASCONCELLOS

RIO DE JANEIRO

2016

PATRÍCIA FERNANDES VASCONCELLOS

DA CRIMEIA AOS Balcãs: A PROJEÇÃO DE PODER RUSSA E A QUESTÃO  
ÉTNICO-CULTURAL

Dissertação apresentada ao Corpo Docente do  
Instituto de Economia da Universidade Federal  
do Rio de Janeiro como parte dos requisitos  
necessários à obtenção do título de MESTRE  
em Economia Política Internacional.

Orientador: Prof. Dr. Daniel de Pinho Barreiros

RIO DE JANEIRO

2016

## FICHA CATALOGRÁFICA

V331 Vasconcellos, Patrícia Fernandes.

Da Crimeia aos Bálcãs : a projeção de poder russa e a questão étnico-cultural / Patrícia Fernandes Vasconcellos. --2016.

114 f. ; 31 cm.

Orientador: Daniel de Pinho Barreiros.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Economia, Programa de Pós-Graduação em Economia Política Internacional, 2016.

Referências: f. 108-113.

PATRÍCIA FERNANDES VASCONCELLOS

DA CRIMEIA AOS Balcãs: A PROJEÇÃO DE PODER RUSSA E A QUESTÃO  
ÉTNICO-CULTURAL

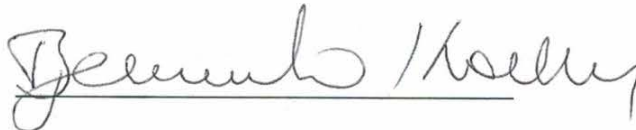
Dissertação apresentada ao Corpo Docente do  
Instituto de Economia da Universidade Federal  
do Rio de Janeiro como parte dos requisitos  
necessários à obtenção do título de MESTRE  
em Economia Política Internacional.

Aprovada em: 28/01/2016



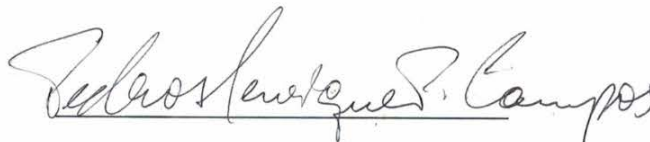
PROF. DR. DANIEL BARREIROS (ORIENTADOR)

UFRJ



PROF. DR. BERNARDO KOCHER

UFF



PROF. DR. PEDRO CAMPOS

UFRJ

RIO DE JANEIRO

JANEIRO/2016

JANEIRO/2016

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu orientador Professor Doutor Daniel Barreiros por todas as trocas, incentivos, estímulos e apoio durante todo esse período. Pela confiança depositada em mim e por colaborar enormemente com o meu crescimento intelectual ao longo dessa jornada.

Ao programa de Economia Política Internacional da UFRJ pelos conhecimentos adquiridos ao longo do curso.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível superior (CAPES).

Aos meus professores do PEPI por todas as trocas e conversas que de alguma forma colaboraram para engrandecer essa dissertação.

Aos professores que aceitaram fazer parte da minha Banca de Defesa, Prof Dr Pedro Campos, Prof Dr Bernardo Kocher, Prof Dr Luiz Felipe Osório e Prof Dr Eduardo Crespo.

Aos meus pais, Cláudia e José Marcio que sempre me apoiaram em todas as minhas decisões de vida. Pelo suporte e pelo carinho.

Ao meu namorado Felipe que me aguentou durante todos os momentos de crises e neuroses que acompanharam essa dissertação. Por todas as leituras e perguntas interessadas. Por estar sempre ao meu lado me apoiando incondicionalmente.

Aos meus alunos russos e sérvios que dividiram comigo suas visões e pensamentos sobre a História de seus países.

Às minhas amigas e colegas pesquisadoras Alice Ewbank e Linda Furtado por sempre dividirem comigo os anseios dessa profissão. Por todo apoio, torcida e carinho.

Aos meus colegas do PEPI por todos os cafés e conversas que colaboraram com a formação desse trabalho. Em especial aos meus colegas Fábio Lima e Vanessa Lima que dividiram seus trabalhos, suas ideias e seu apoio durante esse tempo.

À Biblioteca da Fundação Getúlio Vargas pelo seu acervo de pesquisa que colaborou imensamente com os textos desse trabalho.



“...history’s meaning is a matter to be discovered, not declared. It is a question we must attempt to answer as best as we can in recognition that it will remain open to debate...”

Henry Kissinger

VASCONCELLOS, Patrícia Fernandes. Da Crimeia aos Balcãs: a projeção de poder russa e a questão étnico-cultural. Dissertação de Mestrado em Economia Política Internacional. UFRJ 2016.

## **RESUMO**

Este trabalho tem como ponto de partida a percepção da atual relação internacional da Rússia com o seu entorno regional, com foco na região da Crimeia e nos Balcãs; a partir dos recentes acontecimentos. Como a guerra da Ucrânia e o escalonamento da tensão entre o Estado russo e o Ocidente. A hipótese é que existe um elemento comum que permeia a história da relação da Rússia com esses Estados, e esse elemento é o elemento étnico-cultural. A partir do foco nesse elemento central foi possível traçar um paralelo entre o que se vê hoje e os acontecimentos do passado, colocando em foco aquilo que permanece. A pesquisa desenvolvida teve como objetivo analisar as relações da Rússia hoje com os países do seu entorno, como a Ucrânia, a Turquia e alguns países balcânicos e entende-las a luz da questão maior étnico-cultural. A partir desse entendimento a pesquisa voltou na História para buscar dois momentos nos quais esse elemento aparecia com clareza. O primeiro momento foi a Guerra da Crimeia do século XIX e o segundo momento foi a guerra Russo-Turca no mesmo século. O objeto deste trabalho foi as relações internacionais da Rússia, tanto em seu momento imperial, no século XIX; como o atual Estado russo do século XXI.

**PALAVRAS-CHAVE:** RELAÇÕES RÚSSIA E ENTORNO REGIONAL;  
RELAÇÕES INTERNACIONAIS DA RÚSSIA; ELEMENTO ÉTNICO-CULTURAL;  
CRIMEIA; BALCÃS; TURQUIA.

VASCONCELLOS, Patrícia Fernandes. From the Crimea to the Balkans: Russia projection of power and the ethnic-cultural element. Dissertation of the Master's Degree program in International Political Economy. UFRJ. 2016.

### **ABSTRACT**

This paper has as his starting point the recent perception of the international relations between Russia and its regional surroundings, focusing on the Crimea and the Balkan's region; based on recent events. Such as the war in Ukraine and the tension development between the Russian state and the Ocident. The hypothesis is that there is a common element that persists in the history of the relationship between Russia and these states, this element is ethnic-cultural. From the focus on this central element was possible to trace a paralel between what is seen today and developments in the past, foccusing on what persisted during this time. The research had as main objective to look at nowadays Russia's relationship with its neiboors, like Ukraine, Turkey and some Balkan states, and understand them through the ethnic-cultural element. Through this understanding, the research went back on History to find two moments in which this element appears. The first moment was the nineteenth century Crimea war, and the second moment was the Russo-Turkish war from the same century. The object of this research was Russia international affairs, in its Imperial time and in the twenty-first century.



**KEYWORDS:** RUSSIA'S RELASHIONSHIP WITH ITS NEIBOORS; RUSSIA'S INTERNATIONAL RELATIONS; ETHNIC-CULTURAL ELEMENT; CRIMEA; BALKANS; TURKEY.

### **LISTA DE MAPAS**

Mapa 1: A questão oriental	51
Mapa 2: A região da Crimeia	61
Mapa 3: O Danúbio	63
Mapa 4: Região da Bulgária	73
Mapa 5: Estreitos	89
Mapa 6: Os Tratados	94

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	17
1.1 Contextualizando	18
1.2 Vladimir Putin e a recondução da política externa	20
1.3 O conflito na Ucrânia e a anexação da Crimeia	27
1.4 A Rússia e o seu entorno regional: as relações de política externa com os Balcãs, a Turquia, a Ásia Central e o Oriente Médio	34
1.5 A chave da questão: a origem comum – a ortodoxia religiosa e o pan-eslavismo	42
CAPÍTULO 2	46
2.1 A importância da região da Crimeia	47
2.2 A geografia	51
2.3 A guerra	55
2.4 A derrota	64
CAPÍTULO 3	69
3.1 O revisionismo	70
3.2 A Bulgária (estudo de caso)	73
3.3 A questão eslava	78
3.4 A Guerra e a formação da Grande Bulgária	86
3.5 O Congresso de Berlim e o recuo russo	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99

APÊNDICES	106
Apêndice 1	106
Apêndice 2	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	108



## INTRODUÇÃO

O século XIX foi definitivamente um século europeu, mas, segundo Geoffrey Barraclough também foi o século em que as relações internacionais extrapolam os cenários regionais para ganharem uma dimensão genuinamente global. A Europa do Concerto Europeu, estabelecido em 1815 com a queda de Napoleão, cem anos depois já demonstraria claros sinais de desgaste ao entrar na Primeira Grande Guerra (1914-1918). Nesse sentido, o século XIX é um século onde inúmeras transformações acontecem, tanto no âmbito europeu, como no mundial, quando a Europa sai dos seus limites territoriais e passa a integrar o resto do mundo, formando um verdadeiro mercado mundial.

“A Europa, simplesmente, extravasara seu leite, inundando o mundo. Embora a fase de política internacional incluísse agora o mundo inteiro, as forças motrizes eram ainda as mesmas; tudo o que acontecera, afinal, fora a transformação do equilíbrio de poder na Europa, em um equilíbrio que envolvia o mundo inteiro.” (BARRACLOUGH, 1987 p. 94)

O Congresso de Viena traz o retorno do conservadorismo ao cenário europeu, com a formação da Santa Aliança que reunia três das grandes potências (Rússia, Áustria e Prússia) na defesa, através do imperativo religioso, do status quo da Europa. (KISSINGER, 1994 p.91). Após a derrota de Napoleão a Rússia sai fortalecida e *“propunha nada menos do que a reforma total do sistema internacional.”* (KISSINGER, 1994). Essa reforma teria como um dos seus princípios básicos o da balança de poder, no qual deveria existir um sistema de entendimento e colaboração controlado pelas grandes potências, com o objetivo de promover intervenções concertadas no cenário internacional. (SARAIVA, 2010)

O Império russo sai, portanto, fortalecido das guerras napoleônicas e vai em busca de seus objetivos em política externa, sendo esses a constante busca pela expansão de suas fronteiras, que também pode ser visto como uma manutenção de suas posições com um objetivo maior de proteção do Império; e, uma saída para os mares quentes. Durante o século XIX, os russos iriam perseguir esses objetivos, tanto em suas fronteiras europeias como asiáticas. Essa busca constante para consolidar esses objetivos, no entanto, foi feita de modo diverso, existia uma política de expansão para o Oeste e uma outra política de expansão para o Leste.

Essas políticas eram diferenciadas devido ao fato de existir um Departamento Asiático do Ministério Exterior, que era semi-independente e que conduzia sua própria política externa em quase oposição a uma chancelaria que cuidava dos assuntos das Grandes Potências europeia (KENNAN, 1979 p.40). Ao redor dessa quase separação se organizavam os grupos políticos que ajudavam a conduzir a política externa russa. Em termos mais gerais é possível afirmar que os que se aproximavam dos assuntos europeus eram mais cosmopolitas e, os que conduziam as questões asiáticas mais nacionalistas.

Devido ao seu extenso território os russos possuíam três diferentes frentes de projeção de seu poder e possibilidade de expansão. O Império atuava por muitas vezes nessas três frentes ao mesmo tempo, o que fazia com que a dificuldade de expansão no Oeste fosse compensada por um escape maior para Leste (BASSIN, 2006 p.46), o que não significava, todavia, que os russos apenas agiam no Leste quando tinham problemas na fronteira ocidental.

Em sua fronteira europeia, no século XIX seus interesses se localizavam principalmente na Europa Oriental e nos Balcãs; a fronteira da Ásia Central, que neste mesmo século avançaria até a China e o Afeganistão, preocupando principalmente a Grã-Bretanha devido à proximidade com a Índia; e a fronteira do Extremo Oriente, na qual os interesses russos iriam esbarrar em uma área estrategicamente importante para os Estados Unidos que já nesse século estavam utilizando o Pacífico como sua área estratégica, e, entrariam em confronto direto com os japoneses (na Guerra de 1905).

A expansão russa do século XIX, no lado europeu, foi focada principalmente na região dos Balcãs. Apesar de fazer parte da Europa, os Balcãs, no departamento de política externa russo, estavam alocados no Departamento Asiático. Neste departamento concentravam-se políticos mais nacionalistas que acreditavam que a Rússia estava destinada a ser um grande Império que deveria se expandir até as suas fronteiras naturais. “...rather than being geographically bifurcated in any way, the entirety of Russia’s imperial realm represented a unified ‘natural region’” (BASSIN, 2006 p.62)

Essa forte crença em uma Rússia imperial é remetida ao reinado de Pedro, o Grande. Apesar de seu empenho em ocidentalizar a Rússia, Pedro, o Grande, foi muito bem-sucedido ao expandir o seu império. Para o oeste, a conquista do Mar Báltico e Negro, a leste, o Oceano Pacífico e ao sul o Planalto Pamir (localizado na Ásia Central).

(VERNADSKY, 1969 p.148). Essa expansão imperial, em termos gerais, manteve-se até o fim do czarismo, já no início do século XX.

A questão balcânica era vista como fundamental pelos russos por duas razões principais: em primeiro lugar a semelhança entre o povo russo e, alguns povos balcânicos. Semelhança essa que pode ser traduzida a partir de uma matriz étnico-cultural, fundada no elemento da cristandade ortodoxa e na origem étnica eslava. Esses dois elementos, muito fortes na cultura russa, também se encontravam presentes na origem do nacionalismo de alguns povos dos Balcãs. Aqui é possível encontrar uma divisão entre aqueles que apenas partilhavam da fé ortodoxa, como era o caso da Grécia; outros que possuíam a origem eslava, mas em termos religiosos divergiam dos russos, como é o caso da Croácia (em que a maioria é cristã, mas católica romana); e, finalmente, aqueles que possuíam os dois elementos presentes, como a Macedônia, em que a maioria da população local é cristã ortodoxa.

Independentemente de as afinidades serem ortodoxas, eslavas ou ambas; os russos se percebiam ligados aos povos dos Balcãs. A dominação Otomana daquela região e a imposição da agenda do sultão, acabava muitas vezes por fortalecer os laços entre esses povos e a Rússia, muitas vezes vista como protetora das minorias étnicas locais. Os eslavos e, ou ortodoxos dos Balcãs aceitavam a ajuda russa contra os otomanos (HOSKING, 2010), sempre quando esta se encontrava necessária. Isso não significava, todavia, que eles desejavam ser dominados pelo Império russo.

O contrário também era muito comum. Os russos se enxergavam como protetores dessas minorias balcânicas e, devido a isso, sempre estavam dispostos a intervir nos assuntos otomanos. Isso aconteceu inúmeras vezes ao longo do século XIX, sendo os dois momentos fundamentais a Guerra da Crimeia e a Guerra Russo-Turca. Em ambas as guerras os russos buscaram defender a religião e a origem étnica dos povos dos Balcãs, que estavam sendo ameaçadas pelo sultão otomano.

A segunda razão pela qual os russos possuíam interesses naquela região é de ordem geopolítica. É a questão da saída para os mares quentes, especificamente o interesse no Mar Negro. Devido a sua localização geográfica, o Mar Negro era fundamental para o comércio direto com o Mar Mediterrâneo. Até o século XVIII, entretanto, o Mar Negro encontrava-se rigorosamente protegido. A navegação era fechada, somente os turcos poderiam navega-lo (BRAUDEL, 2009 p.443).

“Nessas condições, o acesso dos russos ao Mar Negro, a abertura dos estreitos em 1774 e, sobretudo depois de 1784, a chegada dos primeiros navios venezianos, franceses ou russos, representam um sério golpe para a grandeza otomana e para o equilíbrio da enorme Istambul. ” (BRAUDEL, 2009 p.443)

Para os russos a importância do Mar Negro era o acesso direto aos estreitos e a chegada aos mares quentes. As demais saídas russas para o mar eram hostis, ou passavam boa parte do ano congeladas. Nesse sentido, o Mar Negro era fundamental para a política externa do Império russo. No caso da região da Crimeia, esta foi ocupada pelos russos no final do século XVIII, com o projeto de Catarina, a Grande, de manter frotas russas no Mar Negro. Os tatars, que viviam na Crimeia, constantemente faziam incursões ao interior da Ucrânia, ameaçando a expansão natural russa para o Mar Negro.

Após a conclusão do Tratado de Kutchuk Kainardji, de 1774, a Crimeia foi considerada independente do Império Otomano e os russos rapidamente se movimentaram para dominar a região militar e diplomaticamente (VERNADSKY, 1969 p.167). A partir desse momento, a região da Crimeia passou a ser um local estratégico para os russos que deveria ser mantido sobre o domínio do império. A perda da Crimeia, simbolizou, em linhas gerais, a perda de posição russa no Mar Negro. Essa posição, só seria revisitada quase vinte anos depois, com a Guerra Russo-Turca. Dessa vez, entretanto, a saída russa para o Mar Negro se colocava a partir de um Estado satélite criado, a Bulgária.

Essa tentativa russa de reaver suas posições no Mar Negro, perpassa toda a história do Império russo no século XIX, na qual a Questão Oriental se colocava no centro do debate de política externa. A saída para os mares quentes era fundamental para a estratégia militar e política da Rússia. A livre passagem nos estreitos fazia parte de uma das principais áreas de atuação da política externa do czar. A geopolítica da região dos Balcãs é, portanto, fundamental para entender o interesse russo naquela região. Ela, entretanto, não esgota o debate. Ela é apenas uma das chaves de compreensão da Questão Oriental.

Nesse sentido é possível perceber o elemento étnico cultural como a outra chave que explica a atração russa para a região. Tanto a questão religiosa como o fator étnico servem para justificar e, mais que isso, mobilizar a população para apoiar as investidas do czar nos assuntos otomanos. Conforme será analisado nesse trabalho, esses elementos são fundamentais mobilizadores das massas, principalmente quando se trata do fator



pan-eslavo. Se esses dois elementos são usados pelo tzar para justificar duas guerras que possuem outros interesses, ou, se eles são os que impulsionam o tzar a ir à guerra (com apoio popular); não é necessário destrinchar o que veio primeiro. O relevante aqui é entender que os mesmos são fatores mobilizadores e justificam intervenções em dois momentos distintos do século XIX.

A relação russa com a região da Crimeia é uma relação de perdas e ganhos de influência e privilégio. Durante o período soviético Nikita Kruchev entregou a Crimeia ao Estado soviético da Ucrânia. Naquele momento, entretanto, a Ucrânia não passava de um satélite russo. O fim da URSS trouxe o separatismo das Repúblicas soviéticas que procuraram, cada qual a sua maneira, se afastarem da Rússia. A Crimeia, portanto, deixa de ser área de influência direta russa mais uma vez.

A recente anexação da Crimeia coloca mais uma vez em questão o problema étnico-cultural. Nesta região a maior parte da população é russa, ou de origem russa. Devido a aproximação da Ucrânia com a União Europeia houve apreensão no Estado russo de que a população da Crimeia estivesse sofrendo por ser minoria em um Estado ucraniano que estava cada vez mais unindo seus valores aos valores da Europa Ocidental. O Estado russo, agiu de maneira a tentar realocar a população da Crimeia ao Estado russo, já que a mesma se identificaria mais com os valores russos do que ucranianos.

Já a relação da Rússia com a Turquia possui um histórico conturbado devido ao fato de o antigo Império Turco ter passado por muitos imbróglis com o Império russo. Assim aconteceu na Guerra da Crimeia e na Guerra russo-turca; nas quais o elemento que as liga é justamente o fator étnico-cultural. Esse fator, fundamental para entender os movimentos russos no século XIX; reaparece com força novamente no século XXI. Para entendermos os atuais acontecimentos na Ucrânia e as tomadas de posição de Vladimir Putin é necessário voltar os olhares para essa questão. Somente assim será possível compreender as origens dessas relações e fugir das questões corriqueiras e midiáticas.

O presente trabalho pretende justamente unir os acontecimentos de hoje que aparecem nos principais jornais internacionais, com dois momentos do passado em que a questão étnico-cultural se mostrou de maneira muito forte nas tomadas de decisões dos tzares do século XIX. Para alcançarmos o objetivo proposto, iremos primeiramente entender o que hoje está em jogo na política externa russa para o seu entorno regional.

Quais os atores envolvidos e quais os objetivos aparentes e não aparentes do Estado russo, personalizado em Vladimir Putin.

A partir dessa análise da conjuntura atual e da separação do que é momentâneo e fluido para o que perpassa os momentos históricos, e por isso, pode ser considerado um elemento fundamental para entender as tomadas de decisões; iremos analisar dois grandes momentos em que o elemento étnico-cultural aparece na História das Relações Internacionais da Rússia e esse elemento é usado como chave para entender duas guerras dos russos com seu entorno regional.

O primeiro momento histórico a ser analisado será a Guerra da Crimeia e o motivo pelo qual aquela região é de extrema importância para a construção da identidade do povo russo. A Crimeia, além de uma região geopoliticamente estratégica para os russos era também uma região onde se construiu a origem dos povos ortodoxos, dos quais os russos se julgam protetores fundamentais. Nesse sentido, essa região não pode ser vista apenas a partir de sua importância no comércio e na estratégia militar dos russos hoje. Ela deve ser vista como uma região que possui um apelo na construção da nacionalidade russa e, por isso, mexe com as paixões nacionais.

O segundo momento histórico a ser analisado é a guerra com o Império Otomano e a formação de um grande Estado Búlgaro. A relação do Império russo com os Estados balcânicos era uma relação de proximidade, devido a muitos deles possuírem a mesma origem étnica que os russos, a origem eslava. Essa relação ganhou novas proporções de tensão durante o século XIX no qual as potências europeias estavam disputando áreas de influência, e os Balcãs se colocavam em uma encruzilhada de diversos interesses (britânicos, austro-húngaros, franceses e russos). A aproximação russa da Bulgária se dá a partir do desenrolar de questões internacionais do momento, mas, essa aproximação ocorre com apoio da população russa devido à crescente questão pan-eslava.

A população russa enxergava nos eslavos balcânicos seus irmãos. Essa origem étnica comum fazia com que os russos se identificassem com os búlgaros e, ao perceberem que estes estavam sofrendo abusos do sultão otomano, passaram a fazer pressão popular para que o Império russo interviesse em prol dos búlgaros. Nesse contexto acontece a guerra entre a Rússia e o Império turco e a formação da Bulgária, a partir do Tratado de São Estevão.

A partir da análise desses dois momentos será possível entender melhor as relações da Rússia hoje com os países do seu entorno regional. Somente a partir do mergulho na História e na identificação de quais os elementos que permanecem, que é possível compreender o que acontece hoje. A análise conjuntural dessa relação complexa entre a Rússia e esses países do seu entorno, leva a conclusões precipitadas e, muitas vezes a percepções incorretas do que está de verdade em jogo. A ferramenta histórica é utilizada aqui para respaldar a ideia que se pretende desenvolver nessa dissertação.

A ideia de que existe sim uma clara importância geopolítica para os russos das regiões dos Balcãs e da Crimeia. Essa não é, todavia, a única questão que leva o Estado russo a agir de maneira firme nessas regiões. O fio condutor entre essa aproximação entre passado e presente está na questão étnica-cultural. Na religião ortodoxa e na etnia eslava. É somente a partir dessa linha que se pode entender como que esses três momentos se cruzam e o porquê do Estado (hoje) e Império (no passado) russo agir como ele age e se comportar como se comporta.

*“All civilizations are to some extent the product of geographical factors, but history provides no clearer example of the profound influence of geography upon a culture than in the historical development of the Russian people” (VERNADSKY, 1969 p.8).*

## **CAPÍTULO 1:**

### **A ATUAL POLÍTICA EXTERNA RUSSA E A SUA RELAÇÃO COM SEU ENTORNO REGIONAL**

## 1.1. Contextualizando

*“Toda Grande Potência está obrigada a seguir expandindo seu poder, mesmo que seja em períodos de paz, e se possível, até o limite do monopólio, absoluto e global.” Fiori (FIORI, 2004 p.41)*

A análise da História Contemporânea, segundo Geoffrey Barraclough (BARRACLUGH, 1987), é talvez a análise mais complexa de ser feita pelo historiador. Se, em qualquer tempo já é difícil, como exercício de análise, distanciar-se do objeto em questão e olharmos para ele com o olhar crítico; no caso da História Contemporânea esse exercício se torna duplamente complexo. Isso acontece porque a análise contemporânea está pautada em acontecimentos que influem diretamente em nossas vidas.

O exercício aqui proposto não é, de forma alguma, o exercício de analisar a História das Relações Internacionais da Rússia desde a segunda metade do século XIX até os dias de hoje. Ele é uma tentativa de perceber uma origem comum para uma questão que permeia a História russa, questão essa a relação deste Estado com o seu entorno regional. Ao perceber as questões recentes da Política Externa russa, como a parceria com o Estado sírio, a guerra civil na Ucrânia e a relação conflituosa com a Turquia, se faz necessário uma análise mais profunda da origem desses acontecimentos e o porquê do Estado russo se comportar da maneira como se comporta.

A ideia, portanto, é enfatizar aquilo que permanece, ou seja, aquilo que Fernand Braudel chamou de traços de longa duração. A busca pela raiz de um problema que se vê hoje no comportamento russo com relação ao seu entorno regional. Enquanto as notícias midiáticas enfatizam a figura do atual presidente russo, Vladimir Putin, e sua forma dura de lidar com as questões de política externa; é preciso entender a raiz desse processo. Por que afinal os russos se preocupam tanto com o seu entorno regional?

Barraclough, ao tratar das questões que permeiam a História Contemporânea e das armadilhas que os historiadores encontram ao analisar esse período histórico, aponta para a importância de se ater as questões realmente fundamentais que transformaram a história da Rússia, dos Estados Unidos ou de qualquer outro Estado. Ao citar o exemplo de Cuba, o historiador busca demonstrar que seria impossível compreender de maneira

satisfatória a revolução de Fidel Castro apenas analisando-a como uma “manifestação do comunismo internacional”. (BARRACLOUGH, 1987 p.15)

É necessário, portanto, ainda segundo Barraclough, relacionarmos a revolução cubana “ com os movimentos paralelos em outras regiões do mundo subdesenvolvido, ou com a longa e intrincada história das relações entre os Estados Unidos e Cuba desde 1901” (BARRACLOUGH, 1987 p.15). A História Contemporânea requer uma atenção redobrada daquele que se propõe a analisa-la. É preciso abrir o escopo da análise e buscar na História fatores mais profundos que levaram a ocorrência de certos acontecimentos contemporâneos. Somente assim o analista poderá perceber com mais clareza a origem dos acontecimentos e saberá separar aquilo que é fato corriqueiro e, portanto, constantemente alvo das mídias; daquilo que pode ser a raiz das questões atuais.

“Se quisermos que tenha algum perene e duradouro, a análise de acontecimentos contemporâneos requer profundidade nunca menor – talvez, de fato, até maior – do que qualquer outro gênero da história; nossa única esperança de discernir as forças efetivamente em ação no mundo que nos cerca é alinhá-las, de maneira firme, de encontro ao passado, para que o contraste lhes dê o devido realce.” (BARRACLOUGH, 1987 p.15)

Assim como a análise da Revolução cubana deve ser vista não apenas a partir da força do comunismo internacional, mas também a partir das questões pelas quais os países subdesenvolvidos estavam passando e, principalmente, a partir da relação conturbada entre Cuba e os Estados Unidos; assim também deve ser pensada a análise da relação entre a Rússia e o seu entorno regional, principalmente quando se trata das antigas repúblicas socialistas soviéticas, como é o caso da Ucrânia, e da relação com os Estados balcânicos (que inclui também a atual relação com a Turquia).

Não é possível compreender de maneira satisfatória os acontecimentos que atualmente se desenham no cenário internacional envolvendo os russos, como a guerra na Ucrânia e a anexação da Crimeia, as questões com os turcos, e a proximidade com alguns países balcânicos; sem voltar na história para entender a origem dessas relações. É preciso perceber aquilo que é estrutural nessas relações. Caso contrário, a análise ficaria prejudicada pelos fatos corriqueiros que aparecem semanalmente nos jornais.

Esse mergulho no passado para entender a origem de certos fatos que hoje permeiam os noticiários internacionais será feito somente após uma breve análise da atual conjuntura da política externa russa para o seu entorno regional. É preciso

primeiro entender quais são os atores envolvidos, quais são as questões cruciais que levam o Estado russo a se comportar como se comporta. Somente após essa análise da conjuntura contemporânea poderemos buscar a origem do problema em questão. Eis os fatos.

## **1.2 Vladimir Putin e a recondução da política externa**

Ao assumir a presidência, Vladimir Putin se propõe a reorganizar o Estado russo e prepara-lo para o novo momento internacional. No início dos anos 2000, Putin foi visto com cautela pelo Oeste, por não ser conhecido no meio político e por ter sido um funcionário da KGB. Hoje, quase 15 anos se passaram desde que Putin assumiu a primeira presidência russa e, com todas as turbulências que se passaram o Oeste ainda o vê com reticência.

Internamente o governo de Putin conseguiu reorganizar o país, colocando a Rússia, ainda nos anos 2000 em um ritmo acelerado de crescimento econômico. Além de também organizar o cenário político, Putin conseguiu centralizar bem o poder em suas mãos. Em termos de política externa, como será possível perceber, existem objetivos claros, que seguem constantes ao longo desses 15 anos, como a posição de cautela em relação ao crescimento da OTAN, e em grande medida ao alargamento da União Europeia; mas, também é possível perceber momentos de mudança de posicionamento, principalmente quando os objetivos estratégicos estão em jogo. *“Crucially, Moscow’s conduct of external affairs is more centralized, coordinated, and professional than at any time in the recent past.”* (LO, 2003 p.4)

Com o Estado russo reorganizado, Putin conseguiu dar mais atenção as questões de política externa, que no governo de seu antecessor acabaram ficando sem muito foco, devido a questões de ordem interna. Putin percebeu o novo cenário internacional e buscou uma inserção russa a partir dessa perspectiva. Foi necessário não somente ao líder russo, mas as elites e grupos de influência, compreender que a Rússia não era mais uma Grande Potência e que não existia mais a bipolaridade. A partir desse entendimento, Putin procura estabelecer uma política externa que prioriza o seu entorno regional, que busca novas parcerias e que, mesmo com muitos momentos de tensão, consegue se colocar na cena internacional perante a única potência que permanece, os

Estados Unidos. *“It gave priority to Russian investments in the CIS states and to developing active diplomatic relations with strategic partners such as India, Iran, and China.”* (LARUELLE, 2009 p.32)

A necessidade de se recolocar no cenário internacional trouxe à tona debates que sempre permearam entre as elites políticas russas. Qual seria o papel da Rússia no cenário internacional, como essa nova Rússia iria se posicionar perante o fim do império soviético e como iria lidar com as novas questões que emergiam no início do século XXI. Esse debate entre qual é o papel do Estado russo, está intimamente ligado com a questão nacional e como os russos fariam para lidar, principalmente, com a questão da sua diáspora.

“By a cruel trick of fate, the country of multiple identities appeared to metamorphose into a nation of no particular identity: not European, nor Asian, nor even Eurasian, and certainly not global; equally, nor empire, nor great power, nor normal nation-state.” (LO, 2003 p.15)

O governo de Yelstin não foi capaz de responder a esse debate, devido as inúmeras dificuldades internas e externas que o país estava passando. No governo Putin, com a centralização o debate é retomado e os russos percebem a necessidade de redefinirem não só a sua identidade como também qual posição iriam assumir perante as novas questões que estavam se formulando.

A noção imperial, que existe entre as elites russas desde do século XVIII, e sempre esteve latente nos debates de política externa, retoma força após o fim da URSS. Não na questão da manutenção do território, já que a Rússia se encontrava muito fragilizada para que isso acontecesse; mas em relação a manutenção de influência, principalmente nos estados que lhe faziam fronteira direta. (LO, 2003 p.15)

Nesse sentido houve uma prioridade pelos países da Comunidade dos Estados Independentes (CEE). Estes países passaram a ser acompanhados de perto pelo governo de Putin e sua influência passou a ser sentida nos mesmos. A guerra na Geórgia e a recente questão da Ucrânia são exemplos de que esses países permanecem como prioridade na agenda russa e que são e serão temas caros a uma intervenção dos países do Oeste.

A relação da Rússia com a Europa do Oeste sempre foi uma relação complexa, devido a inúmeras razões. Primeiramente pela posição que os russos assumem nesse continente. O Estado russo e suas elites sempre estiveram em debate com relação a sua

verdadeira identidade. Seriam os russos europeus, asiáticos ou euroasiáticos? Essa temática perpassa toda a história russa e até hoje não existe um consenso.

Pedro o Grande foi o responsável por uma grande expansão russa para o Ocidente e por estabelecer que o Império russo era, acima de tudo, europeu; por causa disso, deveria prezar os valores e costumes ocidentais. Sua aproximação com a Europa pôde ser percebida ao longo dos séculos seguintes, além de se solidificar como uma grande potência europeia no século XIX, a cultura russa foi majoritariamente difundida em toda a Europa Ocidental e ganhou o respeito e admiração de toda a elite. Um bom intelectual não poderia deixar de apreciar a Ópera russa e as obras de Dostoievski. (HOBBSAWM, 1982)

Com a expansão de Pedro o Grande a Rússia coloca-se no cenário europeu para não mais sair. A partir desse momento existe uma elite russa que se propõe europeia e que acredita que seu império faz parte da Europa e por causa disso, deve abraçar os valores ocidentais. Essa elite, irá existir e influenciar a política externa russa ao longo dos séculos seguintes e, ainda hoje, continua a ter voz nas tomadas de decisão do Estado.

Após o desmantelamento da URSS, os antigos Estados europeus que faziam parte das Repúblicas Socialistas precisaram ser reinseridos no cenário da Europa. Uma Europa, no entanto, muito diferente daquela do pós Segunda Guerra Mundial. A União Europeia passou a ser um atrativo para muitos desses países e, o caminho mais lógico a ser seguido. Além desta, a inserção nos demais arcabouços ocidentais, como foi o caso da entrada de alguns desses países na OTAN.

A questão da OTAN passou então a perturbar o Estado russo que viu essa expansão, ao longo dos anos, chegar aos limites de suas fronteiras. Para entender essa preocupação russa com o alargamento da OTAN é preciso entender um pouco da história russa e não apenas contar com as interpretações ocidentais. Essa questão será abordada com maior profundidade em outra seção desse capítulo. É importante, no entanto, enfatizar que os russos não acreditam na necessidade de expansão da OTAN e que essa é uma questão que os coloca em conflito com a Europa do Oeste.

Não é apenas esse ponto que coloca russos em conflito com a Europa do Oeste. A guerra nos Balcãs na década de 1990 também deixou os russos apreensivos, e,



atualmente, com o conflito na Ucrânia as relações tem se deteriorado uma vez mais. Os dirigentes russos entendem e acreditam que deve sempre existir uma ligação forte entre a Rússia e a Europa, mas o que eles (nesse caso especificamente Putin) deixaram claro é que não deixarão a Europa Ocidental intervir nos países que são zona de influência direta da Rússia. Em outras palavras, os russos não irão permitir que os países ocidentais interfiram nos assuntos de política externa prioritários à Rússia. *“Russia...believes in a more assertive strategy to defend its national interests and is ready to use force in the areas that it views as critically important.”* (WEGREN, HERSPRING, 2010 p.223)

Além da sua relação direta com os países da antiga URSS e a relação, em parte conflituosa, com a Europa Ocidental, a Rússia também possui relações com os demais países do seu entorno regional, direto, como com a Turquia e a Ásia Central; e indireto, como é o caso do Oriente Médio.

As relações com a Turquia sempre foram vistas como cruciais para os russos. A época do Império Otomano os russos mantinham uma relação cautelosa com o mesmo, devido à preocupação com os povos de origem eslava que viviam sob a égide do sultão. Essa relação de cautela existia devido ao fato de que os russos tinham que jogar com os nacionalismos locais para obterem aquilo que desejavam. Durante o século XIX, no entanto, não eram apenas os russos que tinham interesses diretos e concretos na região, como também duas outras potências, O na época existente Império Austro-Húngaro e a Grã-Bretanha.

O jogo entre as grandes potências e os nacionalismos locais era um jogo perigoso, já que cada uma das potências tinha interesse próprio na região e, um possível desmantelamento do Império Otomano poderia vir a prejudicar mais do que beneficiar esses interesses. Para entender as relações russas com a Turquia e os Balcãs hoje, no entanto, é necessário recuar na história com o objetivo de extrair o que de fato está em jogo para os russos e o que os perturba até os dias de hoje.

A relação entre os russos e os turcos hoje está pautada em dois pilares fundamentais. A questão econômica, que diz respeito principalmente a questão do gás natural; e a questão da Segurança Internacional, envolvendo especificamente a diáspora, sendo que este segundo pilar faz parte de uma preocupação maior russa em relação a sua segurança em todo o seu entorno regional.

É importante, entretanto, atentar para o fato de que o gás natural turco surge como uma alternativa no Mar Cáspio para a Europa do Oeste e os Estados Unidos. O gás europeu vem basicamente todo da Rússia pelos dutos que passam pela Ucrânia. Devido as questões muitas vezes conflituosas com os russos, os europeus do Oeste se beneficiariam, e muito, ao não depender tanto do gás russo. Por outro lado, os russos percebem a Turquia como um competidor por recursos no Mar Cáspio e percebem esse país como um importante elemento geoestratégico, devido, principalmente a sua localização. (DAVUTOGLU, 2007)

A influência ocidental na Turquia preocupa os russos devido a sua posição geográfica. A Turquia, assim como a Rússia, assume uma posição geográfica única, na união entre dois continentes, a Europa e a Ásia. Diferentemente da Rússia, no entanto, a Turquia esforça-se para se enquadrar nos pressupostos ocidentais e, durante muitos anos, tenta sem sucesso, fazer parte da União Europeia. A aproximação com ocidente diferencia os turcos dos russos. Enquanto os primeiros querem fazer parte do arcabouço ocidental, os segundos pretendem seguir os seus objetivos de maneira positiva, a despeito daquilo que o Ocidente espera deles.

A relação russa com a Ásia Central também perpassa pela sua relação com a Turquia. Com o fim da URSS os turcos enxergam uma oportunidade de expandirem sua influência na região. Enquanto os russos percebem esse vácuo de poder com apreensão, já que ele abre espaço para que aja não só uma aproximação de outros países da região, como também, uma aproximação de Estados extra regionais, como os EUA e a China.

Uma questão que surge no início do governo Putin é a questão do terrorismo internacional. Com os atentados de 11 de setembro nos Estados Unidos e a posterior Guerra ao Terror implementada pelo governo Bush, a Rússia é um dos primeiros países a apoiar a luta americana contra o terrorismo internacional. Putin percebe esse apoio como uma maneira de também receber algum tipo de respaldo pelo o que os russos já vinham sofrendo na Chechênia. Mais uma vez, a questão da diáspora russa surge como uma preocupação.

A diáspora russa é uma preocupação na sua relação com todo o seu entorno regional, o que inclui também alguns países da Ásia Central. O apoio na luta contra o terrorismo internacional feito por Putin, surgiu na base de uma preocupação crescente com os russos que viviam além da fronteira do seu Estado. Essa preocupação russa,

usada como uma justificativa de ingerência externa, no entanto, não é recente, ela vem desde a grande expansão russa no século XIX, principalmente a expansão para a Ásia Central. Esse tema, entretanto, será tratado mais adiante.

A relação com os Estados Unidos, apesar de não ser o tema desse trabalho é fundamental para entender a estratégia russa nos dias de hoje. A Guerra Fria colocou a Rússia no mesmo patamar que a potência americana. O mundo foi dividido em duas grandes áreas de influência, o mundo capitalista e o mundo socialista/comunista. Ao longo de quase cinco décadas a Rússia dividia o cenário internacional com os EUA, em uma disputa por qual seria a maior potência mundial, disputa essa que se deu tanto em termos territoriais, com a guerra da Coreia e do Vietnã, por parte dos EUA, e a invasão do Afeganistão, por parte dos soviéticos; como também se deu em termos espaciais e nucleares.

Na década de 1990 com o colapso soviético e a chamada derrota da URSS, a Rússia se viu em uma posição de desprestígio internacional. Essa década, no entanto, foi complicada para os russos, como já foi mencionado anteriormente e por conta dos inúmeros reveses que aconteceram somente com a chegada dos anos 2000 e a entrada de Putin no governo russo foi possível um reordenamento consciente das questões internacionais. Putin recolocou as prioridades de política externa na ordem do dia e, junto com estas a relação com a única potência mundial, os EUA.

Conforme visto acima, no começo dos anos 2000 é percebida uma aproximação com os Estados Unidos em temas caros à Segurança, como é o caso do terrorismo internacional. Ao longo dos anos, no entanto, Estados Unidos e Rússia passaram a ter divergências em relação as questões que mais preocupavam a cena internacional. Alguns exemplos recentes dessa divergência foi o não apoio russo a Guerra do Iraque, a condenação norte-americana a guerra na Geórgia e, ainda mais recentes, a guerra civil na Síria e a latente questão Ucraniana.

Mesmo com os muitos descompassos que se apresentam entre os dois países é possível afirmar que os mesmos ainda não chegaram à beira de uma guerra a despeito do que está acontecendo na Ucrânia. A postura americana com relação aos russos é de cautela e, sempre que possível, alarmar no cenário internacional que Putin possui tendências expansionistas e que os russos devem ser contidos em seu território. Junto

com os Estados Unidos se posicionam a Europa do Oeste, que, devido aos eventos mais recentes, estão empregando sanções severas ao Estado russo.

“...Moscow’s new assertive line towards its ‘near abroad’, confirm two facts in the eyes of the eastern Europeans; the rise of nationalist currents inside Russia and Putin’s apparent authoritarian tendencies.” (PRAVDA, 2005 p.272)

Os russos, no entanto, percebem no Oeste de uma maneira geral, e nos EUA e Europa do Oeste em particular, que os mesmos não são condizentes em relação ao que pregam e suas ações. A Rússia acredita que a chegada da Europa a suas fronteiras constitui sim uma ameaça e que, nesse sentido, deve ser impedida. É perceptível essa posição russa nos documentos de estratégia do governo, onde persistentemente a OTAN é citada como uma ameaça à Segurança russa e que a mesma não deveria estar se expandindo. Em contraponto a isso, a recente anexação da Crimeia por parte dos russos é interpretada por eles como apenas uma retomada daquilo que, segundo Vladimir Putin, sempre foi da Rússia.<sup>1</sup>

A preocupação russa com a sua Segurança, principalmente em relação ao seu entorno regional perpassa por sua história, uma história de constante invasão de território e uma apreensão em relação aos Estados do Oeste, principalmente os Europeus. “*More than any other European country, Russia has suffered from invasions and physical aggression. Not only from the east, but also from the north, south and, most critically, from the west.*” (LO, 2003 p.72)

A questão da Segurança deixa os russos apreensivos com relação a aproximação do Oeste. Não é somente a segurança do Estado que preocupa os russos, também é a necessidade de proteção dos russos que estão fora de suas fronteiras. Mais uma vez, a questão da diáspora é fundamental para entender a movimentação russa no cenário internacional. A proteção dos russos fora do território é uma questão de princípio e que é usada como uma justificativa do Estado para agir no seu entorno regional. É a partir dessa ótica que se deve jogar luz aos eventos recentes e tentar olhar além da perspectiva ocidental (norte-americana e europeia).

---

<sup>1</sup> (Discurso de Vladimir Putin na data de um ano da anexação da Crimeia. In: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/03/leia-integra-do-discurso-em-que-putim-reconhece-crimea.html>)

A partir de uma análise crítica da situação atual na Ucrânia e das implicações da mesma com relação as demais relações russas no seu entorno regional, será colocado em perspectiva aquilo que está sendo tratado pela mídia e, como um contraponto, analisaremos a perspectiva russa com relação as mesmas questões. Somente depois de colocado o cenário será possível analisar de maneira sólida e detalhada quais são as questões que estão de fato em jogo para os russos e, porque esses temas são tão caros a sua formação como Estado. Só assim será possível posteriormente mergulhar na história para entender o que move a política externa russa, não hoje, mas ao longo do tempo.

### **1.3 O conflito na Ucrânia e a anexação da Crimeia**

Com a dissolução soviética, a Ucrânia procura se distanciar da Rússia e se aproximar da Europa do Oeste especificamente da União Europeia. Em 1998 é assinado um acordo estabelecendo que a Ucrânia partilhava dos valores da União Europeia e que cabia a mesma se responsabilizar para que o país caminhasse para uma estabilização interna. Essa aproximação entre a ex- república soviética e a UE aconteceu a despeito do que a Rússia acreditava ser o caminho natural ucraniano.

Junto com a Bielorrússia, a Ucrânia era, para os russos, sua aliada natural, já que os mesmos compartilhavam uma origem comum, a origem eslava. A raiz do nascimento dos russos, como um povo, viria de Kiev. O fim da URSS fez com que se formasse um vácuo de poder nas antigas repúblicas, o que preocupava bastante os russos. No caso da Ucrânia, é importante frisar a questão populacional. Este estado possui uma grande parcela da sua população de origem russa, que falam russo como língua oficial e sentem-se tão russos como os que vivem em Moscou ou na Sibéria.

Ao longo de toda a década de 1990, não só a Ucrânia, mas muitas outras ex-repúblicas soviéticas passaram a buscar a sua reorganização no sistema internacional, e, por mais que isso perturbasse a elite e o Estado russo, os mesmos encontravam-se impossibilitados de lidarem com essas questões, já que os russos estavam lidando intensamente com suas questões internas. A chegada de Putin e a reorganização do Estado deu novo fôlego a política externa e, a prioridade de proteção do seu entorno regional mais próximo retorna a agenda.

“ Putin has restored professionalism to decision-making, achieved a substantial economization in external priorities, and changed Moscow’s approach to the security and geopolitical agenda. ” (LO, 2003 p.97)

A Revolução Laranja na Ucrânia, seguida pelas demais “revoluções coloridas” que aconteceram na maior parte dos países ex- membros da URSS, foram apoiadas pelos países da União Europeia e dos Estados Unidos, com o objetivo de trazerem as ex- repúblicas para mais perto da sua órbita e influência. O presidente eleito Yushchenko, com inclinação pró-ocidente, passa a governar o país que entra em uma grave instabilidade política. Apesar de sua tendência ocidentalista, Yushchenko não vira as costas para a Rússia e exerce uma política externa bipolar. (BARATA, 2014 p.36)

A partir de 2008, entretanto, os governantes ucranianos passaram a assumir uma postura mais pró-leste, o que de uma certa maneira acalmou os ânimos de Putin. A crise econômica e a crise política, contudo, permaneceram latentes no país, além de escândalos recorrentes de corrupção por parte do governo. A governabilidade na Ucrânia se torna cada vez mais difícil com a chegada da segunda década do século XXI e, os dois lados envolvidos diretamente na questão começam a se mobilizar para defenderem suas posições.

Foi em meio a esse contexto de crise generalizada e de posições dúbias, ora pró-Occidente, ora pró-Rússia que os ucranianos se viram em meio a uma guerra civil. O estopim para o começo da questão, que envolve não apenas a própria relação política da Ucrânia com os seus vizinhos, mas também questões econômicas (como o gás russo que perpassa pela Ucrânia), questões militares e questões nacionalistas; foi a recusa do então presidente da Ucrânia Viktor Yanukovich de assinar um acordo com a União Europeia, no final de 2013.

Yanukovich opta fazer um acordo com a Rússia por um pacote de ajuda de US\$ 15 bilhões e pela redução do preço do gás russo fornecido a Ucrânia. A população foi as ruas em reação a esse novo acordo e acabou depondo o presidente. Os aliados russos no país, por sua vez, se rebelaram e tentaram introduzir um golpe de Estado.<sup>2</sup> Inicia-se então um conflito na Ucrânia que acabou dividindo o país. De um lado as forças ucranianas, e de outro, os separatistas pró-Rússia.

---

<sup>2</sup> (<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/03/ucrania-diz-que-conflito-com-russia-pela-crimeia-entrou-em-fase-militar.html>)

O conflito rapidamente se espalhou pelo país e passou a preocupar a comunidade internacional. Em meio ao caos político instalado, no início de 2014 Putin faz um referendo na Crimeia, perguntando a população se os mesmos desejavam fazer parte do Estado russo. O referendo foi positivo e 97% da população da Crimeia disse sim a anexação ao Estado russo. O pleito do presidente russo era de que a Crimeia sempre fez parte da Rússia e que estes dividiam não só a sua origem comum como também a maior parte da população ainda é de origem russa.

Em meio a esse cenário, os Estados Unidos e os países europeus rapidamente agiram com sanções à Rússia. Os Estados Ocidentais alegam que Putin violou a lei internacional e que isto seria “um golpe inaceitável na integridade territorial da Ucrânia”<sup>3</sup>, conforme o presidente americano Obama e a chanceler alemã Angela Merkel, afirmaram em conversa à época. Além disso, existe uma preocupação de que Putin esteja tentando fragmentar o Estado ucraniano, ou seja, de que a Crimeia seria apenas um primeiro passo para futuras anexações.

Os russos, por sua vez, procuram justificar sua ação em duas questões principais; a primeira, que a população da Crimeia é de maioria russa e que os mesmos se consideram russos; e a segunda de que a província, ao longo de sua história sempre pertenceu ao povo russo, sendo suas origens comuns. Putin também procura sempre enfatizar que a anexação da Crimeia foi feita de maneira democrática e dentro da lei internacional, já que antes de anexar a província foi feito um referendo com a população local.

Junto com essa questão territorial, outras também se colocam em cena. A questão econômica, relacionada principalmente ao gás, é outra que perturba, principalmente a Europa. O gás que chega na Europa vem da Rússia e o mesmo perpassa por dutos que estão situados na Ucrânia. A dependência europeia do gás russo foi motivo de preocupação, devido ao fato que mais de 70% do fornecimento de gás para a União Europeia vinha apenas desse país. Os europeus viam, e ainda veem, Putin como um homem a ser tratado com cautela e observação, já que não existia uma confiança no mesmo quando se dizia respeito as suas manobras internacionais.

---

<sup>3</sup> (<http://oglobo.globo.com/mundo/putin-assina-acordo-para-anexar-crimea-russia-11908094>)

Essa cautela acabou se tornando uma grande preocupação com o estouro da questão ucraniana. A UE sempre vinha buscando maneiras de diversificar seu fornecimento de gás, a exemplo do projeto que eles vinham implementando com o gasoduto da Turquia. Até o momento, no entanto, os europeus não conseguiram avançar muito nessa diversificação, o que os mantém dependentes do gás russo. Devido a isso, quando se inicia o conflito na Ucrânia os europeus começam a se preocupar diretamente com o seu fornecimento de gás e se utilizam desse argumento para pleitear a manutenção da paz e da ordem na região.

Em outra perspectiva, os russos procuram proteger seu entorno regional e sua posição conquistada nesse fornecimento de gás. Desde o fim da URSS, com o vácuo de poder deixado pelos russos existe uma preocupação constante com as vantagens que podem ser tiradas em seu entorno regional pelos países vizinhos. Nesse caso entra em questão novamente os países ligados a CEE, principalmente a Ucrânia e a Bielorrússia. “ *We are going to use all measures to ensure our economic security and preserve our economic and energy interests. This concerns the whole CIS and particularly Belarus.*”<sup>4</sup>

A questão de fornecimento de gás preocupa ambos os lados que estão envolvidos no conflito. A UE procura uma alternativa à dependência do fornecimento de gás russo, enquanto os russos procuram manter sua posição de influência na Ucrânia. É leviano dizer que a guerra civil, que começou em 2013, e continua nos dias de hoje está perto de um fim. Ao mesmo tempo que são trocadas farpas e acusações entre os dois lados, a questão que se coloca é, porque a Ucrânia é tão importante no cenário internacional?

Para os Europeus a Ucrânia é um Estado que já estava sob sua órbita de influência desde o fim da URSS. Os ucranianos já haviam demonstrado o seu apreço pelo Ocidente em diversas oportunidades e, mais do que isso, já haviam expressado seus interesses em fazer parte da União Europeia e da OTAN. Com o fim da Guerra Fria se tornou um esforço europeu tentar trazer mais países para a sua órbita, principalmente utilizando a OTAN como instrumento de atração. O alargamento da instituição chegou até as fronteiras do Estado russo, preocupando-o.

---

<sup>4</sup> (IVANOV, Le Figaro, 2004)



Do ponto de vista da Europa Ocidental, o crescimento da OTAN é mais do que natural, já que a mesma serve como um guarda-chuva de segurança na região. Na visão dos russos, no entanto, não é bem assim que as coisas funcionam. Para entender melhor o que preocupa os russos, é preciso mergulhar na sua história e entender que esse é um problema, na sua essência, de segurança internacional. Os russos, por terem seu território invadido ao longo da história, como última tentativa é possível citar o quase triunfo de Hitler em São Petersburgo, desconfiam muito dessa aproximação europeia pós fim da era soviética.

Essa preocupação russa é interpretada pelo Ocidente de maneira diversa, porém muito aquém do que é a realidade. Para Brzezinski, que vê na geopolítica a maior motivação da política externa russa, sem a Ucrânia os russos não poderiam retomar o seu império eurasiático. Já outros colocam o fator do Imperialismo<sup>5</sup> latente russo e a sua derrota na Guerra Fria, como um motivacional para temer o crescimento da OTAN. A expansão da OTAN, envolvendo os Balcãs e a Ucrânia iria/poderia intensificar o sentimento russo de humilhação. (TUMINEZ, 2000 p.285)

Essas diversas interpretações de quais seriam os reais motivos do interesse russo nos ex- países da República Soviética, acabam colocando os Europeus em constante estado de alerta com relação aos russos na região, principalmente quando se trata da Ucrânia. O fato de parte da população do país ser russa ou de origem russa, alarma os Europeus de que esse seria um motivo contundente para que Putin interferisse no Estado.

O estouro da guerra civil foi, portanto, o momento-chave para buscar entender o movimento russo de aproximação e posterior anexação da Crimeia. Ao perceber que a minoria russa estava sofrendo real ameaça na Ucrânia, Putin aproveitou esse momento para, com um referendo, perguntar a população da Crimeia se estes deveriam voltar a fazer parte da Rússia. Como já foi apontado anteriormente, o referendo foi positivo e, há mais de um ano a Crimeia já faz parte da Rússia.

Com esse movimento russo, os europeus, liderados pelos norte-americanos, decidiram adotar sanções com relação ao Estado russo, por considerarem que os

---

<sup>5</sup> (Aqui, pode-se entender Imperialismo, como aquele promovido pelas potências europeias no século XIX)

mesmos haviam agido infringindo as leis internacionais. Os russos, entretanto, explicam que o referendo foi legítimo e que o mesmo refletiu o interesse real de uma população que se considerava mais russa do que ucraniana.

“O posicionamento político da Ucrânia em relação à Rússia é um dos mais complexos dentre as outras quatro ex – repúblicas soviéticas, pois envolve atritos relacionados ao território, fatores étnicos, e, também culturais.” (BARATA, 2014)

Para entender a posição dos criméios e dos russos, no entanto, é preciso entender a história e, principalmente a construção da identidade de ambos os povos. A história da Rússia e da Ucrânia está intimamente ligada e, é impossível compreender o sentimento de pertencimento dos ucranianos do Leste a grande nação vizinha, sem esbarrar nessa questão. De acordo com Fabiano Mielniczuk (MIELNICZUK, 2006), no século XIII mongóis invadiram o território russo e separaram a Rússia da Ucrânia. Desse momento em diante, a história desses dois países seria sempre relacionada a invasão de território e conflitos.

No século XIX, o Império russo passa a fazer parte do clube restrito das Grandes Potências europeias, e como tal, busca se expandir para além suas fronteiras. Nesse sentido, a região da Crimeia torna-se de extrema importância para os russos, pois suas tropas passam a ocupar o Porto de Sebastopol. Devido a disputas entre potências acontece a Guerra da Crimeia, que será tratada com mais detalhes no capítulo seguinte. É preciso, no entanto, apontar aqui que a importância da região da Crimeia para os russos e que, essa decisão de anexação, não foi de fato repentina.

A Crimeia é, não somente para o atual presidente russo, como para suas elites, russa. Esta apenas deixou de ser russa em alguns momentos equívocos da história. Esse momento mais recente aconteceu em 1954 quando o então presidente Krushev, transferiu a região da Crimeia para a Ucrânia. Com o fim da URSS, no entanto, os russos passam a criticar a Ucrânia como um país independente, já que o mesmo possui a mesma raiz identitária da Rússia. Ainda de acordo com Mielniczuk “A elite da Rússia não aceita a identidade da Ucrânia como país independente.” (MIELNICZUK, 2006)

Em meio a todo esse caos identitário, se instalam os demais problemas do Estado ucraniano. Um Estado que possui uma política fragilizada desde a sua separação da Rússia. Um Estado que é estrategicamente importante para os países europeus e, intimamente ligado a Rússia. Um Estado que tem um grande fluxo de comércio com a

UE, desde praticamente o fim da Guerra Fria (BARATA, 2014), mas que, ao mesmo tempo recebe 70% do seu petróleo e 90% do seu gás natural do seu vizinho russo. (MIELNICZUK, 2006). Soma-se a todos esses impasses, os políticos fragilizados pela corrupção existente no país. É possível, nesse contexto, afirmar que a Ucrânia, desde meados da década de 1990, viveu momentos políticos divergentes por vezes até pendulares, ora se aproximando do Ocidente, principalmente da UE, ora se voltando para o leste, se reaproximando da Rússia.

Enquanto a Ucrânia fazia esse movimento a partir dos seus próprios interesses estratégicos, os demais atores envolvidos também buscavam tirar vantagens do caos político ucraniano. Isso sempre foi facilitado pelo fato de o nacionalismo ucraniano ser fragilizado. Sua população tem origens diversas e, hoje, a mesma está dividida entre os pró-ocidente que buscam se aproximar da Europa e dos Estados Unidos, e os separatistas, que estão inclinados a um diálogo maior com a Rússia. Essa separação interna coloca a Ucrânia em uma situação delicada, que, aparentemente está distante de ser resolvida.

O país está em guerra civil e as suas fronteiras estão indefinidas já que se abriu o precedente pela Rússia da anexação da Crimeia. Internacionalmente os EUA e a UE continuam a condenar os russos por esse movimento, impondo duras sanções a este estado, enquanto a Rússia afirma que agiu democraticamente e deu aos crimeios o direito de escolher serem parte da Rússia.

Perpassa, portanto, por muitas nuances a questão ucraniana. Nuances estas que, por muitas vezes, podem atrapalhar e desviar o olhar do pesquisador ou interpretador dos fatos. É inegável que a questão econômica e a questão geoestratégica assumem um papel relevante aqui, o que não se pode ofuscar, no entanto, é que para os russos, a questão ucraniana é fundamentalmente uma questão de nacionalismo, ou seja, raízes históricas comuns (povos eslavos) e uma questão de território, já que a Crimeia, ao longo da história, sempre fez parte da Rússia.

Ao tentar compreender o momento atual a partir das inúmeras outras questões que aparecem pela superfície, o analista pode acabar por incorrer em interpretações que não analisam o cerne central do problema. A ideia aqui não é a de construir uma história das relações da Rússia com a Ucrânia desde os dias atuais até o século XIX, mas sim, fazer o esforço metodológico de tentar mostrar que, a atual anexação da Crimeia possui

origem nos 1800 e que esta está baseada em dois pilares fundamentais: população e território.

#### **1.4 A Rússia e o seu entorno regional: as relações de política externa com os Balcãs, a Turquia, a Ásia Central e o Oriente Médio**

A questão ucraniana hoje é uma questão central para a política externa do governo Putin, no entanto, essa não é a única região com a qual a Rússia se preocupa e com a qual a mesma possui relações intensas que, por muitas vezes, podem ser interpretadas como relações de conflito.

Ao pensar no entorno regional russo é possível dividi-lo em três grandes esferas. Estas esferas estão definidas de acordo com os objetivos interpretativos desta dissertação e servirão para fazer uma ponte lógica com os capítulos seguintes. A primeira grande esfera a ser analisada será a região dos Balcãs, região de grande importância para o Estado russo.

A relação da Rússia com os Balcãs, após o desmembramento da URSS, passou a ser uma relação de intensa preocupação, devido à, principalmente, a guerra que se instalou na região no início da década de 1990 e a intervenção da OTAN. Os russos enxergam os Balcãs como uma região estratégica, não só pela questão geográfica, devido a sua saída para os Mares Negro e Mediterrâneo, como também pela questão étnica, devido ao passado comum de origem eslava.

A guerra entre a Bósnia e a Sérvia preocupou os russos que viam na mesma um precedente para o Ocidente intervir na região, o que de fato aconteceu com a intervenção da OTAN. No momento em que aconteceu a guerra, contudo, o Estado russo encontrava-se por demais fragilizado para tomar qualquer atitude a respeito, como já foi mencionado algumas vezes nesse mesmo capítulo. A preocupação, no entanto, existe, e permanece ao longo de todo o conflito.

Em 1999 a Rússia se coloca contra o bombardeio da OTAN à Sérvia na crise do Kosovo. Nessa ocasião o sentimento pan-eslavo e ortodoxo coloca os russos em solidariedade com o Estado sérvio.

“The stances taken by Western countries in the Yugoslav wars and the NATO bombing of Serbia in 1999 in response to the Kosovo crisis crystallized the resentment of Russian citizens, who pushed for a pan-Slavic or pan-Orthodox solidarity with Serbia.” (LARUELLE, 2009 p.31)

O medo da intervenção ocidental aos Balcãs existe pela a elite russa desde o século XIX. Um medo de que os estados ocidentais se aproveitariam da fragilidade dos nacionalismos locais para intervirem em prol dos seus próprios interesses. Nesse sentido, existe um pensamento dentre essa mesma elite de que o sentimento eslavo deve ser protegido, dentro e fora das fronteiras do Estado russo. Isso foi verdade à época do Império Otomano, e é verdade nos dias de hoje, em que a Rússia se coloca em uma posição de proteção dos mesmos com relação a intervenção dos ocidentais. “...expressions of apparent concern for the interests of ethnic Russians throughout the former Soviet space, wich signalled a far more assertive approach to relations with the countries of the ‘near abroad.’ ” (PRAVDA, 2005 p.263)

Além da questão do nacionalismo étnico eslavo, existe a preocupação, por parte da Rússia da expansão da OTAN. Novamente, essa questão se torna crucial devido a questão da segurança do Estado russo. Durante a década de 1990 e a de 2000, muitos países dos Balcãs passaram a fazer parte do Tratado do Atlântico Norte. Isso, para os russos, significa uma expansão do braço armado ocidental para as fronteiras da Rússia. O que ameaça a sua segurança e a de suas fronteiras diretas.

Apesar de Tuminez (TUMINEZ, 2000) afirmar que uma expansão da OTAN envolvendo os Balcãs e a Ucrânia iria/poderia intensificar um sentimento russo de humilhação no cenário internacional; é possível, todavia, enxergar um pouco além dessa afirmação. É necessário entender os argumentos russos contra a expansão da Organização. Não é apenas uma questão de inferioridade no cenário internacional, mas sim, uma questão de proteção da própria segurança russa em seu entorno regional.

Enquanto a Rússia viu, no alvorecer da década de 1990, suas fronteiras serem recuadas, ela percebeu, ao mesmo tempo, que as fronteiras ocidentais se alargavam na mesma proporção. Qual seria a necessidade de um alargamento da OTAN, já que a mesma se propunha combater a URSS e existia por causa da Guerra Fria? Essa resposta, que tanto aflige o Estado russo ainda nos dias de hoje, não foi respondida de forma satisfatória pelo Ocidente, que enxerga com naturalidade o crescimento de um braço

armado dentro da Europa, que exclui a possível participação, nos dias de hoje, apenas a Rússia.

Para entender, portanto, a preocupação russa com a OTAN e a declaração da mesma como ameaça a segurança da Rússia é necessário entender mais profundamente a questão do sentimento do Estado russo de pertencimento ou não da Europa. Sem querer entrar nas profundas questões que esse argumento suscita e nas perguntas que ele faz florescer, é necessário ter sempre a percepção de que a identidade russa se vê como estrangeira dentro da Europa mesmo nos momentos de maior aproximação. Ao mesmo tempo, no entanto, o sentimento de aproximação com o Oeste existe e permanece durante toda a história russa. De acordo com Lo, “...its fundamental premise- the ‘superiority’ and emotional/intellectual closeness of the West to Russia – remains basically intact, as true for the Slavists and Eurasianists as for Westernizing liberals. ” (LO, 2006 p.102)

Os Balcãs, no entanto, sempre fizeram parte da zona de influência direta da Rússia, como ficará mais evidente a partir da interpretação da Guerra russo-turca do século XIX. Atualmente, além das questões já apontadas, existe também a questão do gás. O gasoduto South Stream, que estaria em construção desde dezembro de 2012, ligaria a Rússia à Bulgária, através do Mar Negro, dirigindo-se seguidamente a Europa. Este seria construído com o objetivo de contornar a Ucrânia, que se encontra hoje em situação de conflito.

Em meio a toda a crise internacional que envolve a Rússia e a Europa Ocidental, este projeto foi cancelado por Putin no final de 2014. O mesmo alega que a Comissão Europeia estava agindo de maneira não construtiva e que as obras seriam interrompidas.<sup>6</sup> Como desde a questão ucraniana o diálogo entre a Rússia e a UE tem se deteriorado constantemente não aparece como surpresa que este projeto tenha sido cancelado.

O que é possível perceber, todavia, é que o interesse russo no Mar Negro não é atual. Os russos já tentaram ocupar essa região anteriormente, com a construção de uma grande Bulgária que abarcaria boa parte do mar em questão. Apesar dos perceptíveis interesses econômicos, existe também os interesses estratégicos. Para a Rússia é

---

<sup>6</sup> ([http://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/01/internacional/1417459894\\_673112.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/01/internacional/1417459894_673112.html))

fundamental uma posição na região dos Balcãs já que a península é estrategicamente posicionada entre os Mares Negro e Mediterrâneo. O crescimento russo, no século XIX, perpassou por essa região, e hoje, existe uma preocupação de que a mesma seja possa vir a ser dominada pelos países ocidentais, principalmente pela União Europeia e os Estados Unidos.

A relação da Rússia com os Balcãs está ligada diretamente a relação da Rússia com a Turquia. No século XIX os Balcãs pertenciam ao Império Otomano que sempre manteve uma relação conflituosa, para dizer o mínimo, com relação ao Império russo. O fim da URSS na década de 1990 deu uma oportunidade aos turcos de preencherem os vazios deixados pela Rússia no seu entorno regional. Isso é verdade quando se fala dos Balcãs, como também quando se estende esse entorno regional até a Ásia Central.

O Estado turco é um ator chave em seu entorno regional em boa parte devido a sua localização geográfica. A Turquia está na encruzilhada entre a Europa e a Ásia, especificamente ligando a Europa ao Oriente Médio. Devido a isso, o Estado turco possui relações estreitas tanto com os países europeus, como com os países asiáticos. Com relação a Europa a Turquia luta já há algumas décadas para ser incluída no clube dos valores ocidentais, com o seu persistente pleito de entrada na União Europeia.

Já a União Europeia mantém suas relações estreitas com o vizinho, mas sem permitir que o mesmo faça parte da UE. Tanto os europeus como os norte-americanos veem na Turquia um grande parceiro comercial e que poderia ser uma alternativa viável de fornecimento de óleo e gás para a Europa. (SAYARI, 2000). Isso faria com que os europeus dependessem menos do fornecimento russo, o que, no cenário internacional atual seria extremamente benéfico.

A Turquia é, portanto, uma alternativa às relações de dependência energética da Europa com relação a Rússia, o que faz com que os turcos possuam uma margem de manobra em seu entorno regional. A influência ocidental no Estado turco é vista pelos russos com preocupação já que os dois Estados possuem pretensões semelhantes de exploração do seu entorno regional.

A relação russo–turca é hoje pautada por uma competição por influência na região da Eurásia e da exploração dos recursos naturais no Mar Cáspio e no Cáucaso (DAVUTOGLU, 2007). O Mar Cáspio é uma das maiores zonas de produção de

petróleo do mundo, principalmente na costa do Azerbaijão. Ou seja, é uma região de disputa por recursos naturais. Baku é uma região hoje controlada pelo seu próprio Estado, o Azerbaijão, mas foi, durante muito tempo, dominada pelos russos e possui alto nível de exploração de petróleo. O entorno regional do Mar Cáspio é, portanto, um entorno regional com inúmeras disputas conflitivas, nas quais, tanto os países do seu entorno regional direto (como Rússia e Turquia) e potências extra regionais, como a UE e os EUA, possuem interesses diretos.

Isso faz com que essa região seja conflituosa, na qual muitos interesses divergentes convergem. Isso acontece no caso da relação direta entre a Rússia e a Turquia, já que esses dois países disputam a influência na região. Não é somente a questão da disputa de influência, no entanto, que pauta as relações entre Rússia e Turquia. Ambos países sofrem com uma questão comum, a diáspora.

O fim da URSS traz o problema da questão da diáspora russa no seu entorno regional. Com o recuo da fronteira, muitos russos se viram vivendo fora do seu Estado de origem e passaram a ser minorias em seus novos Estados. Isso é um problema enfrentado pelo governo russo desde que o país voltou a ser apenas federação russa.

A questão da diáspora apareceu na guerra da Chechênia, onde o presidente Putin afirmou que os russos do país estavam sendo ameaçados; a questão volta a emergir na guerra separatista da Geórgia (2006 e 2008) com a criação da Ossétia do Sul e da Abecásia; e, hoje é a questão central do conflito interno da Ucrânia. (LARUELLE, 2009 p.33). Assim como a Rússia sofre a questão da diáspora o mesmo é conhecido pelos turcos. A Turquia, antes Império Otomano que se estendia da Europa até a Ásia. Dentro do Império Otomano coexistiam diferentes nacionalidades e etnias o que fazia com que esse Império fosse considerado o maior império multiétnico de sua época.

A Primeira Guerra Mundial foi, dentre inúmeras outras coisas, a guerra que extinguiu os grandes Impérios multiétnicos da História Mundial. Isso foi verdade tanto no caso do império turco, como também foi o fim do Império dos Habsburgo (Áustria-Hungria). O fim do Império Otomano acabou por separar inúmeras nacionalidades e etnias que se reagruparam com e sem a ajuda das potências europeias.

Ao longo dos anos, no entanto, a imigração de turcos entre a Turquia e, principalmente a região dos Balcãs foi intensa, o que faz com que o Estado turco



mantenha uma relação estreita com os países balcânicos. (SAYARI, 2000). Os conflitos balcânicos na década de 1990 também preocuparam os turcos que viram sua segurança ameaçada. Assim como os russos, os turcos não enxergaram com bons olhos a interferência europeia na região, o que poderia vir a causar mais conflitos étnicos.

A questão da diáspora extraterritorial é, portanto, uma questão comum entre turcos e russos. Ambos países possuem minorias étnicas além de suas fronteiras que devem ser uma preocupação central de seus chefes de Estado. A proteção das minorias é uma agenda comum entre Rússia e Turquia e que sempre poderá vir a desencadear conflitos regionais. Essa questão comum perpassa, todavia, pela história da construção da nacionalidade desses dois países. Os dois já foram grandes Impérios e possuem uma história intensa de conquistas e dominação de territórios, isso fez com que os problemas nacionais extrapolassem as fronteiras naturais, causando conflitos até os dias atuais.

Ainda relacionado a questão da diáspora existe o problema separatista. Este também une Rússia e Turquia. Enquanto os russos lidam com o problema cada vez mais intenso de muçulmanos dentro de suas fronteiras, os turcos têm que lidar com a questão do separatismo curdo, que se torna cada vez mais uma questão crucial na agenda de política externa turca.

Os conflitos étnicos e identitários são um ponto comum entre Rússia e Turquia que tem de lidar com essas questões dentro e fora de suas fronteiras. Questões estas que são ordem do dia, como a guerra contra o Estado Islâmico e a guerra civil na Ucrânia. Os conflitos étnicos e identitários, não são, entretanto, novidades do século XXI. Estes existem e persistem ao longo da História de construção dos Estados Nacionais e de identidades. Esse argumento ficará mais evidente quando voltarmos ao passado dos Impérios para mostrar momentos em que essas mesmas questões se colocaram na agenda russa e que, as mesmas, possuem uma raiz comum.

A última esfera a ser analisada da relação russa com o seu entorno regional é a relação deste Estado com a Ásia Central e o Oriente Médio. A relação com a Ásia Central pode ser dividida em duas questões centrais: a questão econômica (petróleo e gás) e a questão étnica (fundamentalismo islâmico). Conforme já mencionado anteriormente a disputa pelos recursos naturais do Mar Cáspio coloca novamente a Rússia em confronto com o Ocidente. A Ásia Central é vista pelos russos como uma região de sua influência direta.

Desde o século XIX, com a grande expansão russa para a Ásia, chegando as fronteiras da China, essa região da Ásia Central sempre sofreu o domínio direto ou indireto dos russos. Pedro, o Grande expandiu-se para a Ásia Central e dominou a região de Baku, no Azerbaijão. Desde então a mesma passou por inúmeros momentos de dominação russa, inclusive a dominação soviética e sempre foi, alvo de disputa e cobiça de outros países ocidentais (como exemplo é possível citar as pretensões alemãs na região na Segunda Guerra Mundial), devido a sua grande riqueza energética.

Hoje o Azerbaijão, e principalmente Baku, fazem parte das disputas energéticas internacionais. O oleoduto Baku-Ceyhan, construído em 2005, mas colocado em funcionamento em 2006, está localizado em uma região de inúmeras disputas políticas. O oleoduto sai do Mar Cáspio e passa pelo Estado da Geórgia até chegar na Turquia, no Mar Mediterrâneo. A construção desse oleoduto colocou a Geórgia em meio a disputas energéticas, sendo que este país não possui produções significativas.

É possível afirmar, portanto, que as disputas econômicas na Ásia Central fazem parte das questões internacionais atuais. Enquanto os russos temem uma maior influência europeia e norte-americana na região, os europeus, por sua vez veem nesse oleoduto uma forma alternativa para o seu fornecimento de energia, já que a dependência do gás russo coloca hoje os europeus em uma situação energética delicada.

Os europeus veem na Turquia justamente o Estado que poderia fornecer essa parceria alternativa tão almejada. (SAYARI, 2000) O Estado turco, por ser o mais influente na região, à exceção dos russos, poderia, nessa parceria com o Azerbaijão, resolver a questão energética europeia. Conforme já visto, no entanto, a Turquia possui graves problemas internos atualmente, o que faz com que essa parceria não seja a ordem do dia dos turcos.

Além da questão da energia, a outra questão fundamental que envolve russos e a Ásia Central é a questão do fundamentalismo islâmico, que vem crescendo até as fronteiras do Estado russo. O 11 de setembro de 2001, conforme já citado, aproximou os Estados Unidos da Rússia. Putin viu no atentado terrorista aos EUA a oportunidade de conseguir apoio da comunidade internacional para combater o fundamentalismo islâmico na Chechênia. O rápido apoio de Putin ao governo Bush uniu esses dois países na luta contra um inimigo comum, o terrorismo internacional.

Com o argumento do combate ao terrorismo internacional Putin se vê livre para agir na Chechênia e para combater o crescimento do fundamentalismo islâmico em toda Ásia Central. A radicalização do Islã nos anos 2000 tornou-se um verdadeiro problema para a Comunidade Internacional e, para os russos, um problema alarmante, já que os mesmos crescem nas suas fronteiras diretas. A ameaça da segurança russa coloca o crescimento do fundamentalismo islâmico como uma questão de Segurança Internacional que deve ser tratada como ameaça primeira, juntamente com o crescimento da OTAN. (WEGREN, HERSPRING, 2010)

Ao falar da relação russa com o Oriente Médio, serão apenas mencionadas as relações como um todo com a região e, especificamente a aproximação russa da Síria durante a guerra civil no Estado. Será abordado dessa maneira devido aos objetivos finais desse trabalho que não possui o Oriente Médio como temática central.

Com o fim da URSS existe um afastamento da Rússia com relação ao Oriente Médio, e é possível afirmar que existe uma relação de negligência do governo Yeltsin com a região. Ao centralizar a política externa, Putin volta a olhar para a região com atenção e vê parceiros potenciais. Percebe-se que a política externa de Putin muda de foco e de visão da aproximação com o Oeste, para uma visão mais focada na Ásia e no contraponto. (LO, 2003 p.27)

Nesse sentido, quando estoura a guerra civil na Síria, Putin se coloca ao lado de Bashar Al-Assad, o ditador sírio que estava sendo acusado de violar os direitos de seus cidadãos. A guerra civil síria colocou os Estados Unidos e a Rússia novamente em evidência no cenário internacional. É sabido que o Oriente Médio foi um dos principais focos de disputa da Guerra Fria, chegando até a sofrer uma invasão direta na Guerra do Afeganistão.

Esta região é, portanto, uma região de foco de disputa entre países, disputa esta que está longe de terminar. Hoje, entretanto, o Oriente Médio está passando por uma questão ainda mais preocupante, o crescimento do Estado Islâmico. O EI não é Estado e não possui bandeira e vem praticando ataques terroristas e espalhando o terror por toda a comunidade internacional. Esse inimigo maior e comum aos países ocidentais e a Rússia, ofuscou a disputa dos mesmos na região e hoje é visto como prioridade de Segurança Internacional. O EI está ultrapassando fronteiras e se tornando uma força ameaçadora em todo Oriente Médio e seus vizinhos. A guerra travada por eles está

longe de ser resolvida e falta a comunidade internacional percepção do que eles buscam e quais os seus reais interesses.

Questões da ordem do dia a parte, o que é possível perceber é que, desde a chegada de Putin no governo russo, as questões de política externa voltaram a ser prioritárias para o país e isso inclui como agenda principal a relação direta com o seu entorno regional. Entorno esse que pode ser definido na sua relação com as ex-repúblicas soviéticas, com os Balcãs e com a Ásia Central e Oriente Médio. O que as elites russas podem concordar é que Putin deu uma direção para uma política externa que se encontrava fragilizada e sem foco e a colocou de volta no eixo.

“ ...Central (or statist) control translates into dividends for many different constituencies: for supporters of a liberal foreign policy agenda, it offers the promise of increased security and economic integration with the West; for quase-imperialists, an activist approach in the FSU\*, and for everyone, an increasingly plausible projection of Russia as a major player in international affairs. ” (LO, 2003 p.20-21)<sup>7</sup>

### **1.5 A chave da questão: a origem comum – a ortodoxia religiosa e o pan-eslavismo**

O desmantelamento da URSS fez com que a Rússia recuasse as suas fronteiras e assumisse uma posição frágil no cenário internacional. O governo Yeltsin se viu obrigado a lidar com um país afundado em crise política, corrupção e crise econômica. Por causa dessas questões, a sua política externa foi vista por muitos como inexistente.

A chegada de Vladimir Putin dá um novo fôlego a Rússia no cenário internacional. Apesar das elites russas divergirem de como a política externa seja conduzida, os grupos encontravam-se divididos entre aqueles que almejavam uma maior aproximação com o Oeste; aqueles que buscavam a retomada de uma posição quase imperial da Rússia, e; aqueles que acreditavam que a Rússia deveria ser eurásiana, concentrando iguais esforços em ambas as frentes, todos os grupos estavam de acordo que Putin estava colocando a política externa do país de volta nos eixos. “*but they (russians) endorse Putin’s ability to make decisions, whatever they are, and appreciate his image as a man who is determined and uncompromising.*” (LARUELLE, 2009 p.25)

---

<sup>7</sup> \* FSU – Former Soviet Union

As últimas questões internacionais que opõem a Rússia e o Oeste, no entanto, se colocam para os russos muito mais como uma agenda positiva de buscarem seus próprios interesses, do que como uma posição de confrontação do Oeste, que é o que a maior parte dos líderes de Estado do Oeste parecem pensar e sugerir. Os russos se preocupam com a chegada do Oeste nas suas fronteiras por acreditarem que os países ocidentais apenas obedecem às leis internacionais conforme os convém.

Essa possível arbitrariedade é vista pelos russos com grande preocupação. Os mesmos temem por sua segurança dentro de suas próprias fronteiras. É desnecessário dizer que, apesar de ter apoiado a guerra contra o terror implementada por George W. Bush e ter votado a favor da invasão do Afeganistão pelo mesmo, a Rússia teme essa intervenção constante dos Estados Unidos e da OTAN em Estados soberanos. Os russos acreditam que o Oeste se utiliza da questão humanitária para intervir nos assuntos internos de outros países, violando as leis internacionais.

A invasão do Iraque pelos Estados Unidos, indo contra o que foi decidido na ONU, abriu um precedente para que a própria eficácia da organização fosse questionada. Afinal, para que existe o Conselho de Segurança se, quando uma questão é vetada os países ocidentais se utilizam de outros meios para intervir nos Estados?

Não é o objetivo desse trabalho a tomada de posição em relação a qualquer um dos lados, e muito menos questionar os direitos humanos que são constantemente violados por alguns chefes de Estado, no entanto, é importante ressaltar que os países Ocidentais agem dessa maneira e não esperam que os demais se preocupem nem se defendam, existe a crença de que estes são os valores universais e que os mesmos devem ser respeitados.

O atual dirigente russo, Vladimir Putin tem o receio de que esse argumento ocidental possa ser usado contra seu Estado. Por causa disso se posiciona contra intervenções do Ocidente nos assuntos internos de outros Estados. Isso colocou os russos ao lado da Síria, em sua guerra civil. Putin acreditava que as questões sírias deveriam ser decididas internamente e que uma intervenção Ocidental poderia prejudicar mais do que melhorar a situação do país.

E hoje a Rússia se vê novamente em posição de confronto com o Ocidente na Ucrânia. A questão ucraniana tornou-se central para entender os argumentos de ambos

os lados no conflito. O Oeste, Europa e Estados Unidos argumentam que o que os russos fizeram na Crimeia foi uma violação da lei internacional. Estes falam que Putin se aproveitou de um momento de crise e fragilidade dos ucranianos e anexou a região da Crimeia. Enquanto o conflito persiste existe o medo de que os russos anexem ainda mais territórios, assumindo uma postura quase imperial em relação a Ucrânia e seu entorno regional.

O governo russo, por sua vez, rebate as críticas ocidentais com o argumento de que a Crimeia sempre pertenceu a Rússia e fazia parte deste Estado desde a sua origem, isso seria comprovado pelo fato de 70% da população ser de origem russa e de que o referendo feito para a incorporação da Crimeia pela federação russa foi positivo. A população disse sim a anexação. Segundo Putin:

“Colegas, na mente e no coração do povo, a Crimeia sempre foi uma porção inseparável da Rússia. Essa firme convicção se baseia na verdade e na justiça e foi passada de geração em geração, ao longo do tempo, sob quaisquer circunstâncias, apesar de todas as drásticas mudanças que nosso país atravessou durante todo o século XX.”<sup>8</sup>

O presidente russo vê, portanto, a incorporação da Crimeia como algo natural e que a mesma nunca deveria ter se separado da Rússia devido ao seu passado religioso e identitário comum. Esse argumento coloca Putin em uma posição diferente dos países do Oeste. Ele acredita que está respeitando o direito à autodeterminação dos povos, e que os crimeios optaram por fazerem parte da Federação russa.

Se os argumentos de Putin são verdadeiros e se de fato ele acredita nesse julgamento de valores, não cabe ao presente trabalho julgar. O que deve ser enfatizado aqui é que o argumento da origem comum entre a Crimeia e a Rússia é válido, pois a História de ambos mostra isso. Antes da Crimeia ser Crimeia e da Rússia ser o que hoje é Rússia, ambos possuíam em sua origem uma formação étnico-cultural comum: a cultura eslava e a ortodoxia religiosa.

O pan-eslavismo e a religião ortodoxa exercem aqui um papel crucial para compreender o que une a Crimeia à Rússia. Isso é verdade nos dias de hoje, como era também no passado. Entender que os russos se preocupam em proteger os povos eslavos, mesmo que fora de suas fronteiras, é compreender a História da identidade russa e como que essa se manifesta ao longo do tempo. É evidente que hoje muitas

---

<sup>8</sup> (Discurso de Putin na data de um ano de anexação da Crimeia)

outras questões estão por detrás da anexação da Crimeia pela Rússia, isso não está sendo negado nem esquecido aqui; no entanto, existe uma matriz desse movimento atual russo e, essa matriz está ligada a formação da religião ortodoxa, que os russos seriam os herdeiros, e a formação étnica dos povos eslavos.

A origem e o cerne dessa questão devem ser buscados na História das relações internacionais da Rússia, em momentos em que esse mesmo argumento da origem comum dos povos encontrava-se evidente. É apenas mergulhando no passado que será possível compreender e preencher, de maneira satisfatória, as lacunas do que acontece hoje.

Em meio as nuances do atual, dos fatos, da leitura diária dos jornais e das notícias, é possível fazer uma análise da questão. Esse trabalho, entretanto, não se pretende factual e tampouco ser um trabalho de análise da conjuntura internacional do século XXI. Ele é, acima de tudo, um trabalho de investigação histórica. Uma busca em vestígios do passado para melhor compreender os dias de hoje. E, para entender a Rússia e o seu argumento da origem comum, é preciso, inegavelmente, mergulhar em séculos passados e buscar vestígios que comprovem o pan-eslavismo e a ortodoxia religiosa como a chave-mestra para entender não só a crise ucraniana e a incorporação da Crimeia, mas também a relação por muitas vezes conturbada e incompreendida dos russos com o seu entorno regional.

“Tudo na Crimeia fala da nossa história e orgulhos compartilhados. Essa é a região dos antigos Khersones, onde o príncipe Vladimir foi batizado. Seu feito espiritual de adotar a ortodoxia pré-determinou a base geral da cultura, civilização e dos valores humanos que unem os povos da Rússia, Ucrânia e Bielorrússia. As sepulturas dos soldados russos cuja valentia levou a Crimeia para o império russo também estão na Crimeia. Assim é também Sevastopol – uma cidade lendária com uma história extraordinária, uma fortaleza que serve como ponto da Frota do Mar Negro da Rússia. A Crimeia é Balaklava e Kerch, Malakhov Kurgan e Sapun Ridge. Cada um desses locais nos é querido, símbolos da glória militar e da notável coragem russas.

A Crimeia é uma fusão ímpar de culturas e tradições de diferentes povos. Isso a torna semelhante à Rússia como um todo, onde nenhum grupo étnico foi perdido ao longo dos séculos. Russos e ucranianos, crimeios e tártaros e povos de outros grupos étnicos conviveram na Crimeia, preservando a própria identidade, as tradições, idiomas e crenças.

Curiosamente, a atual população total da península da Crimeia é de 2,2 milhões de pessoas, das quais cerca de 1,5 milhão são russos, 350 mil são ucranianos que consideram o russo predominantemente como idioma nativo e

cerca de 290 mil a 300 mil são tártaros da Crimeia que, como mostrou o referendo, inclinam-se a favor da Rússia.”<sup>9</sup>

## **CAPÍTULO 2:**

### **A QUESTÃO RELIGIOSA, A CRIMEIA EM FOCO**

---

<sup>9</sup> (Discurso de Putin na data de um ano de anexação da Crimeia In: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/03/leia-integra-do-discurso-em-que-putim-reconhece-crimea.html>)



## 2.1 A importância da região da Crimeia

A região da Crimeia, localizada no norte do Mar Negro, e hoje considerada uma Península autônoma anexada pela Federação Russa desde 2014, faz parte de uma história de longa duração do povo russo. A sua importância religiosa, cultural e militar fez com que essa região protagonizasse momentos conturbados nas relações entre os povos do Cáucaso, da Anatólia e do sul da Rússia.

Para os russos, essa região possuía importância fundamental, já que ali se encontravam muitos cristãos ortodoxos que viviam sobre a égide do sultão otomano. Ao longo dos séculos XVIII e XIX, russos e turcos entrariam constantemente em guerras. Por parte da Rússia, essas guerras eram sempre justificadas a partir de um ponto comum: a proteção dos ortodoxos. Nesse sentido, duas regiões eram particularmente importantes para os russos: o delta do Danúbio (onde se encontravam os principados da Moldávia e Valáquia, hoje Romênia) e a costa nordeste do Mar Negro (que incluía a Crimeia). (FIGES, 2010 p.10). Essas duas regiões, não por acaso, se tornariam palcos principais da Guerra da Crimeia.

A costa do Mar Negro também era importante para os russos devido a sua posição geoestratégica. Sem a saída do Mar Negro, os russos só teriam acesso a Europa pelo Báltico, que poderia a qualquer momento ser bloqueado por qualquer potência europeia (como foi o caso do bloqueio britânico na batalha da Crimeia). A cidade de Odessa, em particular, era fundamental no comércio do Mar Negro.

Diferentemente das demais potências, o Império Russo tinha a sua identidade atrelada a religião. *“More than any other power, the Russian Empire had religion at its heart. The tsarist system organized its subjects through their confessional status”* (FIGES, 2010 p.9) A religião ortodoxa dava aos russos a sua percepção de identidade. Os demais povos ortodoxos deveriam receber a proteção da Rússia, que, de acordo com sua história, seria o Estado protetor natural daqueles que comungavam dessa religião.

Os governos da Europa Ocidental, no entanto, não reconheciam a importância da Terra Santa para os russos. Percebiam os movimentos russos naquela região como uma ameaça a cristandade ocidental e um avanço sobre as igrejas locais era logo interpretado como uma ameaça direta à religião do Ocidente. Essa falta de percepção do

outro, fez com que muitas vezes uma tentativa de proteção fosse interpretada como uma ameaça.

O contrário, todavia, também foi por muitas vezes verdadeiro. O discurso de proteção dos ortodoxos foi, e em certa medida ainda é, usado pelos russos como um recurso político para obterem posições estratégicas em algumas regiões. A relação dos russos com a religião ortodoxa, no entanto, é muito profunda e esta faz parte da história de construção da nação russa.

A Crimeia encaixa-se nessa história. A história da identidade russa perpassa pela história dos povos eslavos.<sup>10</sup> Estes se dividiam entre eslavos do Oeste, nos quais se incluem os tchecos e poloneses; eslavos do Sul, onde estariam os eslavos dos Balcãs e, os eslavos do Leste, da onde viriam os russos. (VERNADSKY, 1969 p.2). Juntamente com os russos, encontravam-se, em minoria, os ucranianos e os bielorrussos. Esses três povos possuíam língua e origem identitária comum. Ucrânia e Bielorrússia têm, portanto, sua história de identidade e formação atrelada à identidade e formação da própria Rússia.

De acordo com Vernadsky (VERNADSKY, 1969), a partir do século XII começam a aparecer subdivisões entre os eslavos do Leste e, a partir desse momento, essas subdivisões se perpetuam a partir de eventos políticos. Entre os séculos XIV e XVIII os russos foram divididos entre dois grandes Estados: o reino czarista de Moscou (ao leste) e o outro dominado pelos poloneses e lituanos (à oeste). Algumas partes do que seria a Ucrânia e a Bielorrússia, pertenceram a este outro Estado e somente no final do século XVIII, com a divisão da Polônia, que esses três povos de origem comum passaram a fazer parte de um único Estado. A influência polonesa, ao longo desses séculos, fez-se sentir tanto na cultura e na língua de ucranianos e bielorrussos.

A região da Crimeia, no entanto, possui uma trajetória além da história da formação da identidade eslava. Ela tem a sua origem atrelada aos tártaros, denominados como povos das estepes. O canato da Crimeia foi fundado por um herdeiro de Gêngis Khan, e, no século XV passou a ser tributário do Império Otomano, ao qual pertenceu até a conquista feita por Catarina, a Grande em 1783. (FIGES, 2010 p.11-12)

---

<sup>10</sup> Para maiores informações sobre a origem dos povos eslavos, ver o apêndice 1 dessa dissertação (página 110).

Para os russos a Crimeia não era apenas um território tártaro que fazia parte do Império Otomano. Essa região possuía uma história longa e complexa atrelada a formação da religião ortodoxa russa. Foi onde Vladimir, o príncipe de Kiev foi batizado em 988, levando a cristandade para Kievan Rus. (FIGES, 2010 p.20) Devido a essa sacralidade, os russos consideravam a Crimeia um lugar de formação da religião ortodoxa e que estava sendo dominado pelos povos muçulmanos sobre a égide do sultão Otomano.

Além de ser um lugar sagrado para os russos a Crimeia também era considerada uma casa religiosa para gregos, romanos, judeus, tártaros (entre outros). *“Located on a deep historical fault-line separating Christendom from the Muslim world of the Ottomans and the Turkic-speaking tribes, the Crimea was continuously in contention, the site of many wars.”* (FIGES, 2010 p.20) Os edifícios religiosos da cidade eram locais onde aconteciam disputas de fé.

Segundo Figes (FIGES, 2010), na ideologia do Estado czarista, Moscou era a única capital restante da Ortodoxia religiosa, uma espécie de ‘terceira Roma’, que prosseguiu após a queda de Constantinopla para os Turcos em 1453. Seria, portanto, de acordo com essa ideologia, missão divina dos russos libertar a Ortodoxia do Império Islâmico dos Otomanos e restaurar Constantinopla como o centro da Cristandade do Leste.

*“From the defeat of the Mongol khanates of Kazan and Astrakhan in the sixteenth century to the conquest of the Crimea, the Caucasus and Siberia in the eighteenth and nineteenth centuries, Russia’s imperial identity was practically defined by the conflict between Christian settlers and Tatar nomads on the Eurasian steppe. This religious boundary was always more important than any ethnic one in the definition of the Russian national consciousness: the Russian was Orthodox and the foreigner was of a different faith.”* (FIGES, 2010 p.9)

Ninguém incorporou melhor essa ideologia do que Catarina, a Grande. Sua ideia era transformar a Rússia em um grande poder a partir de uma expansão voltada para o Sul. Ao encarregar Potemkin pela Nova Rússia (‘Novorossia’) o mesmo começou a colonizar os territórios no Mar Negro conquistados dos Otomanos. A cidade de Odessa passou a ser considerada a joia da Coroa, com arquitetura ocidental e um porto importante no Mar Negro, graças à ajuda dos gregos que foram encorajados a viver lá, junto com outras nacionalidades ocidentais.

Foi o tratado de Kuchuk Kainarji que tornou a Crimeia independente dos Otomanos. O sultão, no entanto, manteria a autoridade religiosa da região. Em 1783 a Crimeia foi anexada à Rússia. Este foi o primeiro território muçulmano a ser perdido para os cristãos, o que foi considerado uma verdadeira humilhação para os otomanos. Somente em 1792, com o Tratado de Iasi que os turcos reconhecem formalmente a anexação da Crimeia pela Rússia.

A partir da incorporação da região da Crimeia, Catarina começou a contar com o problema dos tártaros que viviam naquele território. Os mesmos tinham sua fé posta no califa Otomano o que fazia com que os russos temessem uma revolta muçulmana na região. Nesse sentido Catarina pede a Gregory Potemkin, um grande estadista russo, que este dominasse a região da Crimeia e do Mar Negro (VERNADSKY, 1969 p.167); conseqüentemente expulsando os tártaros.

*“The exodus of the Crimean Tatars was the start of a gradual retreat of the Muslims from Europe. It was part of a long history of demographic exchange and ethnic conflict between the Ottoman and Orthodox spheres which would last until the Balkan crises of the late twentieth century.”* (FIGES, 2010 p.21)

Além da tentativa de expulsão dos tártaros do território da Crimeia, Catarina também empenha um grande esforço em cristianizar a região. Foi nesse final de século XVIII e início do XIX, que se foram construindo muitas igrejas e novas cidades no estilo neoclássico. Esse foi o caso da construção da cidade de Sebastopol, que seria posteriormente palco de algumas batalhas da Guerra da Crimeia e uma cidade que, até os dias de hoje, possui extrema relevância para os russos.

Esse esforço de tornar a Crimeia um lugar sagrado para os Ortodoxos foi além da construção de igrejas. Catarina acreditava que esta era a região que ligava os russos com o antigo Império Bizantino, por isso empenhou-se em buscar ruínas bizantinas no local que justificassem essa aproximação. A Crimeia, portanto, fazia parte do imaginário dos fiéis ortodoxos, que viam naquela região a sua ligação com sua fé e cristandade. *“But it was in the Crimea that the religious character of Russia’s southern conquests was most clear. The Crimea has a long and complex religious history. For the Russians, it was a sacred place.”* (FIGES, 2010 p.20)

Para os russos, portanto a Crimeia era um local de espiritualidade e que fazia parte do mito fundador do povo russo. No entanto, por se encontrar em uma encruzilhada de fés, a Crimeia e seu entorno no Mar Negro era disputada não apenas por

ortodoxos e muçulmanos, como também pela cristandade ocidental. Ao longo do século XIX, inúmeras disputas irão ocorrer nesse território e no seu entorno. Não somente disputas entre russos e otomanos, como também disputa entre as potências ocidentais, como França e Áustria.

A própria Guerra da Crimeia terá no seu estopim uma questão religiosa: o direito dos cristãos ortodoxos na região. É possível, portanto, concluir que essa região era para os russos um local onde a proteção dos cristãos-ortodoxos assumia um papel fundamental e pela qual a Rússia estaria disposta a entrar em guerra para proteger.

## 2.2 A Geografia

A posição geográfica da Crimeia também explica, de algum modo, a fixação russa por esse espaço. Localizada na Costa norte do Mar Negro, ela daria acesso direto aos Estreitos de Bósforo e Dardanelos que, por sua vez, dão acesso direto ao Mar Mediterrâneo. Para os russos, essa saída ao Mar Mediterrâneo se tornava importante a partir da premissa de que seria a melhor saída do Império para os ‘mares quentes’.



MAPA 1: A QUESTÃO ORIENTAL

Fonte: The Crimean War, Orlando Figes

Os estreitos, no entanto, eram controlados pelo Império Otomano. O tratado de Kuchuk Kainarji eliminou o monopólio turco dos estreitos e deu acesso aos navios russos de navegarem pelo Mar Negro em direção ao Mediterrâneo (LEDONNE, 1997

p.106). Esse tratado, como visto anteriormente, ainda assegurou a independência da Crimeia; o que colocou os turcos em uma situação de desfavorável com relação a Rússia naquela região.

Com as conquistas territoriais russas após a Guerra Russo-Turca de 1768-1774<sup>11</sup>, inicia-se a criação de uma marinha russa no Mar Negro, que os coloca em uma situação de cautela com relação ao Império Otomano. Por um lado, um avanço pelos territórios que circunscreviam o Mar Negro colocaria os russos em posição de hostilidade com relação aos turcos, o que significava dizer que essa frota naval deveria possuir supremacia na região. Por outro lado, uma relação de amizade com os turcos tiraria dos russos a possibilidade de avanço pela fronteira e colocaria em risco seus planos com relação a desestabilização dos Balcãs. (LEDONNE, 1997 p.113)

Esse impasse colocado ao Império russo ainda foi agravado pelo fato de que outras potências, como França, Áustria - Hungria e principalmente a Grã-Bretanha viam com muita cautela e apreensão essa abertura dos estreitos aos navios russos. Esse imbróglio que se desenhava nesse final de século XVIII, tomaria maiores proporções no século XIX e viria a ser chamado pela literatura de ‘Questão Oriental’.

Como ficou evidente ao longo das guerras travadas entre a Rússia e o Império Otomano no século XVIII, o último demonstrava claros sinais de enfraquecimento e perda de controle do seu próprio território. Isso preocupava diretamente os homens de Estado russo que viam essa fraqueza Otomana como uma possibilidade de uma, ou várias potências europeias intervirem na região e ferindo diretamente os interesses russos. Nesse sentido, a Rússia deveria se preocupar não apenas com os seus próprios interesses no Mar Negro como também pensar nos interesses das demais potências.

Indo além das questões práticas é possível também entender que existia, perante os estadistas russos um medo de que as potências europeias poderiam se unir contra o Império russo e invadir o seu território. O século XIX deixaria a memória da invasão napoleônica viva no imaginário russo, o que contribuiria, por muitas vezes, na tomada de decisões com relação à política do Mar Negro e dos Balcãs de maneira mais geral.

*“In considering the policy to take toward events in the Balkans, Russian statesmen thus had to consider carefully not only their own interests in the Black Sea region, but also those of other powers, in particular Britain*

---

<sup>11</sup> (Para maiores informações sobre essa guerra ver: VERNADSKY, 1969: 166-168)

*and the Habsburg Empire. The great nightmare of Russian diplomacy was that an issue would arise that would draw together all of the European powers into a coalition against Russia.” (JELAVICH, 1991 p.32)*

Mesmo tendo essa preocupação em mente, os russos não se esquivaram de se expandir na região e, na primeira metade do século XIX suas vitórias militares os levaram ao Danúbio e a costa leste do Mar Negro. (LEDONNE, 1997 p.124). Em 1833 os russos assinam mais um acordo com os Otomanos, o Tratado de Unkiar Skelesi. Esse acordo visava, para o sultão, criar uma aliança entre russos e turcos, já que estava ocorrendo uma resistência interna no Império Otomano com a rivalidade entre o sultão e o paxá (Mehmed Ali, governador do Império).

Para o Império russo, todavia, o tratado possibilitava a passagem de seus navios pelo Dardanelos até o Mediterrâneo, dando a estes um privilégio com relação aos demais Estados europeus. O acordo, entretanto, foi evidenciado como sendo ambíguo já que no mesmo não continha explicitamente que existiria esse privilégio russo em relação aos demais.

Os britânicos perceberam essa ambiguidade e viram na mesma uma oportunidade única para os russos, que poderiam navegar pelos estreitos e projetar seu poder naval pelo Mar Negro até o Mediterrâneo (LEDONNE, 1997 p.124). Dado esse impasse entre britânicos, russos e otomanos, logo viu-se a necessidade de que um novo acordo fosse forjado.

Em 1841 acontece a Convenção dos Estreitos, assinada por Rússia, Grã-Bretanha, França, Áustria e Prússia; reafirmando a antiga regra otomana de que os estreitos estariam fechados para qualquer navio estrangeiro, desde que os Otomanos estivessem em um período de paz. (LEDONNE, 1997 p.124) Essa convenção tirou o possível ‘privilégio’ ganho pelos russos para navegar pelos estreitos e foi considerada uma vitória para os britânicos.

O período entre 1841 e a Guerra da Crimeia foi um momento considerado de calmaria na região dos estreitos. Isso não impediu os russos de acirrares seus laços com os Principados do Danúbio, região que também era considerada de extrema importância para os estadistas do Império. *“It must be remembered that until 1854 the Russian government had more influence over the fate of the provinces than did the suzerain Ottoman Empire”.* (JELAVICH, 1991 p.31-42)

É possível perceber que existiu, ao longo do século XIX, uma influência do Grande Jogo entre Rússia e Grã-Bretanha<sup>12</sup> na política específica para os estreitos. Nos momentos em que os russos ganhavam posições e a possibilidade de navegação no Dardanelos (como aconteceu com o Tratado de Unkiar Skelesi), os britânicos procuravam frear esse privilégio. E, ao contrário, no momento em que os russos eram forçados a retrair suas posições, os mesmos sempre buscavam novas oportunidades de retomar o espaço perdido.

A Guerra da Crimeia não deixou de representar para os russos uma perda maior ainda de posições no Mar Negro e nos Balcãs. A saída para o Mediterrâneo era, sem dúvida nenhuma de extrema relevância para o Império russo, já que suas demais saídas para os mares quentes eram ‘menos amigáveis’. O que não se pode perder de vista, no entanto, é que a região da Crimeia representava muito mais do que apenas uma posição geoestratégica, ela era, acima disso, a região na qual nasceu a religiosidade para o povo russo e na qual o Império depositava a sua fé. Além disso, o caráter sagrado dessa região contava com a ampla capacidade de mobilização do povo russo, já que as pessoas agiam movidas pela fé, dessa maneira era possível contar com o apoio popular quando se tratava da Crimeia, especialmente na causa contra o domínio Otomano.

Foi justamente pelo princípio da fé que se iniciou o conflito que seria posteriormente conhecido como a Guerra da Crimeia. Nicolau I, o czar russo da época, era, mais do que seu antecessor, um seguidor da fé ortodoxa. *“More than Alexander, Nicholas placed the defence of Orthodoxy at the centre of his foreign policy. Throughout his reign he was governed by an absolute conviction in his divine mission to save Orthodox Europe from the Western heresies of liberalism, rationalism and revolution.”* (FIGES, 2010 p.36-37)

Essa movimentação na causa da fé foi verdade na época de Catarina, a Grande que acreditava que os russos deveriam recuperar o seu passado bizantino perdido, se repetiu no apoio russo a separação grega do Império Otomano e, por fim, foi o que movimentou Nicolau I em direção a mais uma guerra com os turcos. Essa última, a Guerra da Crimeia, no entanto, aconteceu a partir de uma interferência de outra potência europeia, a França de Napoleão III.

---

<sup>12</sup> (Para maiores informações sobre o chamado Grande Jogo entre Grã-Bretanha e Rússia ver: Diplomacia de Henry Kissinger)



### 2.3 A Guerra

Na década anterior ao conflito na Crimeia já era possível visualizar uma divisão entre Rússia de um lado e Grã-Bretanha e França do outro (VERNADSKY, 1969 p.215). Isso não melhorou com a ascensão ao trono de Napoleão III que se empenhou em fazer uma política externa forte para compensar sua fragilidade dentro da França. Nesse sentido, Napoleão busca uma aproximação com os cristãos dentro e fora da França.

Essa tentativa de aproximação com os cristãos fora da França coloca Napoleão em confronto direto com os interesses russos no Império Otomano. Napoleão busca obter privilégios para os católicos sobre a égide do sultão. Proteção essa que os cristãos ortodoxos já recebiam por parte dos russos desde o Tratado de Kuchuk Kainardji. Quando o sultão recusa o reestabelecimento do direito dos ortodoxos, Nicolau I manda tropas para as já autônomas Moldávia e Valáquia.

Para compreender melhor o que levou britânicos e franceses a se unirem contra os russos em uma guerra que, inicialmente seria mais uma guerra entre os otomanos e a Rússia, é preciso entender todos os interesses que circundavam a tão complexa ‘Questão Oriental’. Ao longo desse século XIX ficou claro para as potências europeias que o sultão Otomano estava perdendo controle sobre o seu vasto território e que existiria a possibilidade real de que o Império turco ruísse.

Na década anterior ao conflito na Crimeia a posição russa em relação a manutenção do Império Otomano passou a se modificar. Até então os russos se ausentaram de qualquer tentativa de manutenção do Império. Com o crescimento de movimentos cristãos e com a ameaça muçulmana vinda, principalmente do Egito, os estadistas russos tiveram que se abrir para a possibilidade de que talvez fosse impossível manter as terras do Império como uma integridade.

A preocupação dos homens de Estado russos era ainda maior quando pensavam na possível possibilidade de que Constantinopla viesse a ser controlada pelos gregos, ou ainda, por britânicos ou franceses. Nesse sentido, passa a haver uma aproximação entre o czar russo e o Império Habsburgo. A Áustria-Hungria era outra potência

extremamente preocupada com o futuro incerto do Império Otomano. Eles dividiam com os russos a preocupação de proteger as minorias locais contra o sultão turco.

A apreensão de Nicolau chegou ao ponto de o mesmo traçar esquemas que poderiam dividir o Império caso fosse necessária uma intervenção das grandes potências. Nesse esquema evidencia que a Áustria deveria ficar com Constantinopla e abre a possibilidade para que os britânicos controlem o Egito. (JELAVICH, 1991 p.113) O czar ainda tentou fazer acordos com os britânicos e, como última tentativa com os franceses.

Um esfacelamento do Império Otomano nesse momento poderia significar, para os russos, uma intervenção massiva das Grandes Potências, em especial da Grã-Bretanha. Ou, em última análise, poderia significar a formação de pequenas repúblicas sobre as quais os russos não teriam influência e perderiam todo o seu jogo de manobra na região. Foi um momento, portanto, no qual os russos tentaram jogar o jogo das Grandes Potências para manter o status quo na região, que seria, nesse caso, melhor do que uma mudança, para pior, na questão oriental.

Ao buscar um entendimento com os britânicos, os estadistas russos acreditavam estarem falando em nome do Império russo e do Império Habsburgo, o que fica evidente a partir da fala do próprio czar: *“When I speak of Russia, I speak of Austria as well; what suits the one suits the other, our interests as regards Turkey are perfectly identical.”* (JELAVICH, 1991 p.114). Os diplomatas austríacos, por sua vez, não compartilhavam da mesma visão. Apesar dos interesses russos e dos austríacos se alinharem por muitas das vezes na região, devido a sua ligação pela cultura eslava, nesse momento a fala do czar russo foi interpretada muito mais como um aviso de uma possível intervenção agressiva no Império Otomano. Essa percepção também foi partilhada pelos britânicos que perceberam essa aproximação de Nicolas como uma possível ameaça à integridade do Império turco.

Existiu, por parte de Áustria e Grã-Bretanha uma interpretação conjunta de que os russos estavam sinalizando uma intervenção no Império Otomano. Estes dois outros atores, não partilhavam dessa visão do czar russo, de um possível esfacelamento do gigante turco e buscavam, ao contrário, defender a sua integridade.

*“With the memory of the national revolts of 1848-9 still fresh, the Habsburg government wanted no disturbances of the status quo in the Balkans. The*

*British diplomats, although with differing approaches to the problem, remained apprehensive about Russia's links with the Balkan Orthodox and its ability to put pressure on the Porte.” (JELAVICH, 1991 p.115)*

É possível, portanto, perceber que existiu um diálogo de surdos entre o czar russo de um lado e os representantes de Estado da Grã-Bretanha e da Áustria do outro. Enquanto os russos acreditavam que britânicos e austríacos iriam consultá-los no caso de uma possível intervenção; estes percebiam nas atitudes do czar claros sinais de que a Rússia iria intervir no Império Otomano.

Essa falta de comunicação clara deteriora ainda mais as relações quando é colocado um quarto ator em cena, a França de Napoleão III, que, para os russos, seria o Estado a ser isolado das questões do Império Otomano. Para Nicolau, a França de Napoleão representava tudo aquilo o qual ele abominava, um retorno à Revolução Francesa e seus valores de liberdade.

Foi uma disputa entre lugares sagrados em Jerusalém que colocou de um lado os Católicos e de outro os Ortodoxos, o estopim da Guerra da Crimeia. Primeiramente, Napoleão III apoiou o pleito dos Católicos já que o mesmo precisava de apoio interno da igreja. A França, nesse caso, deu os primeiros passos com direção a essa disputa. Napoleão III acreditava que os católicos deveriam ter a chave da Igreja do Santo Sepulcro, igreja na qual acredita-se que Jesus foi crucificado. Essa igreja havia sido incendiada no início do século XIX e, os católicos pleiteavam o direito a reformá-la.

As chaves da igreja foram retiradas dos gregos ortodoxos e dadas nas mãos na Igreja Católica. (VERNADSKY, 1969 p.215) Napoleão III alegava que os católicos que viviam sobre a égide do sultão Otomano possuíam menos direitos que os cristãos ortodoxos. Essa era uma maneira de Napoleão III demonstrar firmeza em sua política externa e ganhar apoio da igreja católica dentro da França.

Nicolau I foi ao apoio dos cristãos ortodoxos. Desde 1774 com o Tratado de Kutchuk Kainardji ele era o protetor dos cristãos ortodoxos dentro do Império Otomano. O czar russo exigiu, por parte de Constantinopla, o reestabelecimento dos direitos dos ortodoxos sobre aquela igreja. Essa disputa entre duas potências dentro do território Otomano colocou o sultão em uma posição difícil. Se por um lado os franceses poderiam ameaçar o Império através de um possível ataque naval; os russos já possuíam um grande exército na fronteira. (JELAVICH, 1991 p.116)

Em meio a esse cenário complexo, os russos exigem o retorno ao direito dos ortodoxos na região. O sultão, entretanto, negou o pedido do czar russo, cedendo à pressão francesa. Em 1853 o Império Otomano declara guerra à Rússia. O czar acreditava que entrando nessa guerra teria o apoio tanto da Grã-Bretanha como da Áustria, o que acabou não se confirmando. Essas duas potências já vinham percebendo as ações do czar russo como ações de clara ameaça à existência do Império Otomano, o que foi confirmado para eles com essa declaração de guerra.

Ao entrar na guerra da Crimeia os estadistas russos acreditavam estar protegendo duas coisas que para eles eram fundamentais: a manutenção do status quo na região, que se via ameaçado a partir dessa investida francesa; e a proteção do direito dos ortodoxos conquistados no século anterior com o Tratado de Kutchuk Kainardji. Era para eles não apenas uma disputa de regiões estratégicas, mas também uma disputa pautada na fé e nos direitos ortodoxos dentro do território Otomano.

A necessidade de manutenção do status quo russo na região, os colocou justamente em uma posição na qual não queriam estar: em uma guerra na qual disputariam contra duas grandes potências, França e Grã-Bretanha e da qual a manutenção do Império Otomano se via extremamente ameaçada. Nicolau percebeu a contradição existente entre as suas tentativas de manter o Império e a sua agora quase certa entrada em uma guerra que o futuro Otomano estava ameaçado.

Menshikov foi o homem escolhido para ir a uma missão especial ao Império Otomano, ainda em 1852, com o objetivo de tentar resolver os atritos com o sultão e reestabelecer os direitos ortodoxos na região. Para os russos nenhuma demanda nova estaria sendo feita, apenas um retorno ao status quo ante da intervenção de Napoleão III em prol dos católicos. Nesse sentido:

*“The goal of the Menshikov mission was thus to ensure the continuation of the successful policy that the Russian government had carried out since Adrianople: the maintenance of the status quo in the Near East and thus the territorial integrity of the Ottoman Empire, but with a strong Russian influence in Constantinople.” (JELAVICH, 1991 p.118-119)*

Para o czar russo era ainda fundamental que o Tratado de Kutchuk Kainardji voltasse a sua validade, já que ele estava sendo violado por parte do sultão Otomano. O objetivo da missão de Menshikov extrapolava, portanto, os limites de uma simples

disputa territorial, ele perpassava pela questão do cumprimento de um tratado que havia sido estabelecido em prol dos cristãos ortodoxos.

Ao longo do ano de 1852 e 53 foi ficando claro que a Rússia não iria conseguir o seu objetivo através de uma missão diplomática. A posição Otomana na negociação não se alterou. O sultão não iria ceder a um comprometimento apenas com uma potência envolvida nas disputas na região. Como citado anteriormente, a posição na qual o sultão se encontrava era frágil. O mesmo acreditava que um comprometimento com os russos faria com que França e Grã-Bretanha entrassem em guerra contra o Império Otomano o que poderia causar a sua dissolução.

O contrário, todavia, também era verdadeiro. Ao decidir não apoiar o pleito russo, o sultão se via sujeito a entrar em mais uma guerra com o Império do czar. Para entender melhor a decisão do sultão otomano é preciso também levar em consideração as questões internas dentro do próprio patriarcado turco. Um alinhamento com os russos representaria uma maior influência destes nas questões internas do Império, o que poderia vir a diminuir o poder decisório do patriarcado sobre seu próprio território.

Essa possível diminuição de influência do patriarcado levou os otomanos a optarem por não atenderem as demandas russas. Sabendo dessas questões, Nicolau pede que Menshikov escreva um ultimato ao sultão otomano. Ao não atenderem ao ultimato, os otomanos se veem mais uma vez em guerra com a Rússia czarista.

A partir desse momento existe um escalonamento nas tensões entre o Império turco, Rússia, França e Grã-Bretanha que iria dar início ao conflito. As tropas russas iniciam um movimento ofensivo a partir da ocupação dos Principados do Danúbio. A justificativa russa para essa ocupação lança luz à atual questão da ocupação russa da Crimeia. Segundo Nesselrode:

*“In occupying the Principalities for a time, we disavow beforehand any idea of conquest. We do not intend to obtain any increase in territory. Knowingly and voluntarily we will not seek to excite any uprising among Christian populations of Turkey.” (JELAVICH, 1991 p.125)*

Esse argumento dado por Nesselrode é possível ser percebido também no discurso de Vladimir Putin hoje com relação à Crimeia. Putin alega que o Estado russo não tem pretensões de anexar outros territórios, nem da Ucrânia, nem de outros ex-Estados da antiga URSS. Ao lançar mão desse tipo de discurso, tanto Nesselrode como

Putin, tentam defender o argumento de que a Rússia não é um Estado expansionista, mas apenas um Estado em busca da defesa de seus direitos já adquiridos.

No caso da Guerra da Crimeia de 1853 a invasão dos Principados tinha como objetivo obter uma garantia de segurança com relação as movimentações, por mar, das potências do Oeste. (JELAVICH, 1991) O Império russo se viu, rapidamente, em face ao cenário que Nicolau havia tanto temido estar. Lutando no Império Otomano contra duas potências do Oeste e correndo o risco de um esfacelamento do gigante turco, com retrocesso da influência russa no processo.

Quando estoura a guerra e começam as hostilidades entre a Rússia de um lado, e franceses e britânicos do outro, Nicolau procura enfatizar internamente as razões pelas quais decide ir à guerra. Em sua fala ele coloca a questão ortodoxa como central da disputa:

*“From the very beginnig of our Dispute with the Turkish government, we solemnly announced to our Faithful Subjects that a feeling of justice had alone induced us to reestablish the injured Rights of Orthodox Christians, subjects of the Ottoman Porte.”* (JELAVICH, 1991 p.125)

*“...Russia has not forgotten God! It is not for worldly interests that she has taken up arms; she fights for the Christian Faith, for the defense of her co-religionists oppressed by implacable enemies”* (JELAVICH, 1991 p.126)

O tzar em sua fala deixa claro que a luta russa no Império Otomano é uma luta pela fé. É a partir desse argumento que ele busca apoio popular para fazer a guerra. A ameaça das potências aparece no discurso como uma ameaça a fé e aos valores ortodoxos que estariam em cheque nessa disputa.

Assim como é perceptível a importância do elemento religioso no discurso do tzar, também o é no lado oposto do conflito. Os britânicos também se utilizaram do elemento da fé para convencer a população de que esta guerra era uma guerra entre anglicanos e muçulmanos de um lado, e ortodoxos de outro. Apesar da religião anglicana não se assemelhar de maneira alguma a religião muçulmana, existiu um esforço por parte dos Estadistas britânicos de tentar criar uma imagem positiva para os turcos muçulmanos.

Existe ainda uma tentativa de tentar montar uma imagem de que os turcos seriam inofensivos e fracos e que estes estariam lutando contra a tirania dos russos. De acordo com os diplomatas da época, em especial Palmerston, os rituais anglicanos se assemelhariam mais aos rituais muçulmanos do que aos ortodoxos (FIGES, 2010 p.149-

151). Essa tentativa quase esdruxula de comparação servia para tentar justificar a entrada da Grã-Bretanha na guerra ao lado dos Otomanos.

Toda essa propaganda religiosa foi feita porque além de todas as outras questões, a Guerra da Crimeia foi a primeira guerra europeia que foi amplamente divulgada à população. Os jornais britânicos tiveram grande participação nessa mobilização popular em prol dos turcos e do sultão. As notícias mexiam com a mentalidade popular e estimulavam o povo a apoiar aqueles que eram considerados os mocinhos na guerra.

*“The mere mention of the Sultan’s name was enough to evoke tumultuous applause. At one meeting in a theatre in Chester, for example, two thousand people passed by acclamation a resolution calling on the government to assist the Sultan ‘by the strongest warlike measures’...”*(FIGES, 2010 p.149)

O conflito colocou em evidência a fragilidade do exército russo perante os exércitos das potências marítimas. Apesar de no início da disputa obterem uma grande vantagem no avanço sobre os Otomanos, os russos se viram em desigualdade quando tiveram que enfrentar, principalmente, o exército britânico. Os russos não esperavam terem que lutar em várias frentes, a guerra se estendeu pelo Mar Negro, Danúbio e Pacífico.



**MAPA 2: A REGIÃO DA CRIMEIA**

Fonte: The Crimean War, Orlando Figes.

O que de fato colocou os russos em uma posição delicada na guerra foi o posicionamento austríaco ao lado dos britânicos e franceses. Uma possível nova frente de guerra contra a Áustria seria insustentável para o exército russo que já vinha sofrendo inúmeras perdas para as forças da Grã-Bretanha e francesas. A situação era ainda mais alarmante quando se pensava em mais um ator nesse jogo, a Prússia, que nesse momento se comportava de maneira imprevisível. (VERNADSKY, 1969 p.216)

Em 1855 morre o czar e assume seu filho Alexandre que mantém os planos russos de guerra. Sebastopol, onde foi travada a maior batalha da guerra, ficou à própria sorte até sucumbir para os franceses. Diferentemente do que é visto na literatura clássica sobre a Guerra da Crimeia, a Rússia não sofreu uma grande derrota militar. (VAN DER OYE, 2006). Foi muito mais uma derrota diplomática, sacramentada no pós-guerra, do que uma derrota propriamente nos campos de batalha.





**MAPA 3: O DANÚBIO**

Fonte: The Crimean War, Orlando Figes.

## 2.4 A Derrota

É claro que os problemas internos que vinham se desenvolvendo na Rússia não podem ser desconsiderados no resultado na guerra. A batalha da Crimeia evidenciou, internamente, um atraso russo perante as demais potências europeias. Isso, juntamente com as diversas insatisfações internas, levaram o novo czar, Alexandre II, a buscar reformas para seu Império, fazendo com que a Rússia se voltasse, por um breve período, para questões urgentes que insuflavam sua população.<sup>13</sup>

Não é possível afirmar se a Guerra da Crimeia sinalizou ao czar a necessidade de mudanças internas para que o mesmo continuasse a disputar com as demais potências externamente, ou se, ao contrário, a derrota na Crimeia era apenas um reflexo de um possível atraso interno combinado com a insatisfação de uma população politicamente apartada das questões da política externa. De uma maneira ou de outra, o que fica evidente para os estadistas russos após a perda da Crimeia é que a Rússia deveria recuar na região e aguardar por um novo momento em que seria possível o retorno de sua influência.

A derrota russa na guerra significou sua perda de influência direta nos Balcãs. Como ficaria evidente no Tratado de Paris, os russos sofreram perante as demais potências uma importante derrota diplomática. Um sentimento de humilhação dentre os diplomatas e estadistas russos que iria ecoar por muitos anos da história russa. Esse sentimento de perda seria, em diferentes momentos, uma arma poderosa a ser jogada pelos homens de Estado russo para insuflar a sua população.

Ao olhar para história russa é possível perceber que as guerras, por muitas vezes, são utilizadas como instrumentos políticos por aqueles que se encontram no poder. Isso foi verdade após a derrota de Napoleão em 1815, quando a defesa do território russo despertou nas mentes mais acaloradas sentimentos de amor ao território e alerta constante para a sua defesa e segurança. Como também passaria a ser verdade, na derrota da Crimeia, onde os homens de Estado lembrariam, frequentemente a população que as demais potências europeias haviam ferido o orgulho russo.

---

<sup>13</sup> (Para maiores informações sobre as reformas de Alexandre II ver: Capítulo 10 de A History of Russia de George Vernadsky)

O fim da guerra mexeu com o status quo no Império Otomano. Se antes da guerra a Rússia era a principal potência com influência na região, após a guerra os russos perdem essa posição, que passa a ser exercida principalmente pelos britânicos. Saindo da questão específica da Crimeia e pensando na questão europeia, é possível perceber também uma mudança do status quo entre as potências. A Rússia sai fragilizada e perde seu prestígio conquistado após 1815 em Viena.

Já Grã-Bretanha e França aparecem como potências fortalecidas. A aproximação entre esses dois Estados, que até um pouco antes da guerra se viam como rivais, iria fornecer as bases para a formação da *Entente* (à qual, muitos anos depois, a própria Rússia iria se unir). O Império Otomano, por sua vez, passaria a viver sobre o guarda-chuva dos britânicos até o seu completo esfacelamento na Primeira Guerra Mundial.

Ainda é possível ver, em última análise, que a derrota dos russos na Crimeia significou também uma alteração na balança do Grande Jogo entre Rússia e Grã-Bretanha. Para os russos a manutenção de sua influência direta na região dos Balcãs era um dos pilares fundamentais de sua política externa. (BASSIN, 2006 p.46). Esse recuo, significou, portanto, uma vitória britânica nessa frente. Isso não significava dizer, todavia, que os britânicos estavam vencendo em todas as frentes. A grande expansão russa para o Cáucaso e para a Ásia Central iria deslocar o foco do grande jogo colocando os britânicos em alerta com a chegada russa as proximidades da Índia.

Sem entrar nas questões que fogem ao limite dessa dissertação, percebe-se que a postura dos diplomatas russos era de que a perda de prestígio no cenário europeu não prejudicaria de maneira alguma as suas estratégias de expansão asiática. Apesar de a maioria da literatura sobre o tema apresentar a derrota da Crimeia como um recuo russo e como uma clara demonstração de fragilidade do Império do czar perante as demais potências europeias. É possível perceber que a frente europeia, na qual encontravam-se os Balcãs, era apenas uma das três grandes fronteiras nas quais os russos possuíam interesse e que essa derrota não significou uma perda de influência russa nas suas demais frentes.

A história das potências europeias não abarca de maneira alguma a história da expansão russa. O que fica evidente é que essa chamada 'fragilidade russa' é estendida a todas as áreas de sua influência, como se essa derrota específica significasse uma perda total de prestígio e influência no cenário mundial. Ao contrário, foi justamente nesse

mesmo momento que os russos estavam se lançando a sua maior expansão para o Leste, chegando, ainda no século XIX nas fronteiras da China.

Mesmo com todas essas contradições, é perceptível que a perda da Crimeia significou para os russos um grande retrocesso na região, o que acabou por abalar a política interna do czar. O Tratado de Paris de 1856 formalizou o recuo russo do Danúbio e tirou as vantagens russas no Mar Negro. Esse foi neutralizado. Tanto a Rússia como o Império Otomano foram proibidos de manterem seus navios e remontarem seus arsenais nas costas. (LEDONNE, 1997 p.126-127)

O Tratado de Paris marca, portanto, um novo momento nas relações russas com o Império Otomano. A partir daí a Rússia recua a sua própria fronteira e aguarda uma nova oportunidade para retomar suas possessões perdidas. Essa oportunidade iria surgir na década de 1870, quando mais uma vez os russos entrariam em conflito com os otomanos. Dessa vez, todavia, seria o discurso étnico que exerceria o papel fundamental na aproximação entre russos e búlgaros.

Para os demais envolvidos o Tratado de Paris significou, em última instância, um rearranjo na balança de poder. Antes da Crimeia os russos eram a maior potência externa envolvida nos assuntos otomanos. Com o fim da guerra, isso é modificado. O Império turco passa para o guarda-chuva protetor dos britânicos, que passam a ser os maiores influentes na política da região, o que, a grosso modo, permaneceria acontecendo até a iminência da Primeira Guerra Mundial.

Para os franceses o tratado significou uma recuperação do prestígio de Napoleão III que conseguiu manter os direitos dos católicos que viviam no Império Otomano. E, ainda pensando em termos de potências europeias, aproximou a Grã-Bretanha da França, coisa que há muito tempo não acontecia no cenário europeu. A Áustria-Hungria, mesmo não tendo participado ativamente da guerra, também garante seus privilégios no território otomano que, por muitas vezes, se chocavam diretamente com os interesses russos, como ficaria claro alguns anos depois.

A partir da derrota da Crimeia é possível perceber uma movimentação russa no sentido de recuperar o seu território perdido na guerra. Muito mais do que um sentimento de humilhação, entre os dirigentes russos, fica claro que a perda nos Balcãs era uma coisa que não poderia perdurar por muito tempo. A busca pela saída para os

mares quentes, como objetivo geoestratégico, se mistura a um sentimento de falha com os ortodoxos e, se torna ainda mais complexo quando os eslavos entram na equação.

Esses três fatores, cada qual a sua maneira, foram utilizados e reutilizados pelos dirigentes russos na busca por uma recuperação de influência na região dos Balcãs. Internamente, todavia, o tzar e seu aparato estatal estavam lidando com outras dificuldades. Essas dificuldades, que foram traduzidas em uma extensa reforma interna, talvez a primeira na história czarista, foram evidenciadas pela perda da guerra. A construção da imagem de um exército russo poderoso, com superioridade numérica sobre todos os demais exércitos europeus, acabou sendo colocada em xeque quando os russos perdem a guerra.

Essa imagem de superioridade militar, tanto interna como externamente, que acabou sendo desmistificada pela Crimeia, trouxe à tona os problemas reais do Império russo. Problemas esses que, internamente, eram ignorados a partir de um discurso de que a Rússia era uma grande potência e como tal, mantinha a sua imagem de grande poder militar. Isso acabava por abafar os clamores populacionais por reforma. Nesse sentido, a Crimeia acaba com o discurso de grande potência e o tzar se vê obrigado a discutir as reformas necessárias.

Já externamente a derrota na Crimeia passa a ser encarada pelos demais estados do clube das cinco principais potências, como um retrocesso do poderio russo fora de seu território. Dentro da Europa o Império do tzar passa a ser encarado como uma potência de segunda ordem que não tinha mais a capacidade militar demonstrada nas guerras napoleônicas. Essa percepção do Estado russo, por muitas vezes se confunde com um sentimento de humilhação por parte dos próprios dirigentes do Império. A Guerra da Crimeia é tratada por muitos especialistas no tema, como uma guerra na qual os russos saíram humilhados e com um claro sentimento de revanche contra as demais potências europeias. Seria inerente ao sentimento russo uma crença de que era preciso recuperar o prestígio perdido no cenário internacional.

O ressentimento da perda da guerra fomentaria uma forma de nacionalismo agressivo, por parte das elites russas, que resultaria em um desejo de retorno ao status quo ante, que seria levado conseqüentemente a um expansionismo. Esse primeiro momento de humilhação nacional teria sido justamente a perda da Crimeia. (TUMINEZ, 2010 p.10). Essa análise, contudo, não consegue abarcar todos os fatores

que influenciavam as decisões dos dirigentes russos naquele momento. O que estava em jogo para os dirigentes russos não era apenas uma perda de status dentro da Europa. Isso influenciava as mentes de forma inegável, mas, era muito mais do que isso. O que estava em jogo era a percepção de que a Rússia havia falhado no seu papel de protetora maior dos cristãos ortodoxos no mundo.

É possível, portanto perceber que uma análise que retira o fator religioso da equação, não pode ser considerada uma análise completa da perda da Crimeia. Esta deve ser feita a partir da percepção do que essa retração russa significava para eles e não apenas o que significava para a percepção dos outros com relação a eles. É claro que, com os eventos que se seguem no curso da História, as demais potências europeias passam a ver o Império russo como uma ameaça a existência do Império Otomano. É necessário, no entanto, sempre ser levado em consideração que os fatores geopolíticos que levavam os russos constantemente aquela região não explicam a sua forte ligação com os Balcãs. Esta perpassa por fatores étnicos e populacionais que são essenciais para entender a persistência russa, ao longo da sua história, de estar sempre retornando aquela região.

O fim da Guerra da Crimeia marca uma retração russa na região e o isolamento da política externa de Moscou. Foi um momento em que o czar Alexandre II volta-se para as questões internas do Império, que até então, era vistas como questões de segunda ordem. As reformas iniciadas por Alexandre II foram marcadas, principalmente, pela abolição do regime de servidão em 1861. (HOBSBAWM, 1987). Foram feitas reformas também no setor industrial e no exército. Essas reformas, no entanto, não foram suficientes para acabar com a necessidade de reformas políticas. Reformas estas que seriam ignoradas por Moscou ainda por todo o século XIX.

Em política externa a perda da Crimeia significava para os russos a perda de apenas uma de suas regiões de influência. A expansão para as províncias do Cáucaso e para as fronteiras da China corria em paralelo ao que acontecia nos Balcãs, portanto, a perda dessa região não significava uma diminuição no esforço russo do seu avanço para a Ásia. Esse avanço apenas se intensificou na medida em que a metade do século XIX se avançava.

O Império russo, entretanto, não deixou de ver a região dos Balcãs como uma região fundamental para exercerem sua influência. Na década de 1870 os russos

entrariam novamente em guerra com o Império Otomano, dessa vez levantando a bandeira do pan-eslavismo. A criação da Grande Bulgária fazia parte de um projeto maior de união dos povos eslavos e do sentimento de pertencimento a uma raiz étnica comum.

O pan-eslavismo, bandeira levantada por nacionalistas russos, ganhou força dentro do Império Otomano e insuflou sentimentos nacionais. Essa corrente eslavófila começou a ganhar espaço dentro do cenário político russo após a derrota na Crimeia e a necessidade de recuperar um território fundamental para os russos. Esse movimento étnico vai ganhando força e pode ser considerado responsável pela guerra entre Rússia e o Império Otomano de 1876.

É justamente sobre o sentimento eslavo e a sua importância dentro do cenário político russo e, em grande medida, dentro do cenário político otomano, mexendo com questões de ordem interna, que o capítulo seguinte irá tratar. Se a guerra da Crimeia foi movida por um sentimento de fé e proteção dos ortodoxos, a guerra Russo-turca de 1876 foi impulsionada pelos eslavófilos russos que acreditavam que nos Balcãs a Rússia deveria assumir a liderança dos eslavos em uma cruzada para destruir o Império Otomano. (HOSKING, 2001)

“A Questão Oriental, adormecida desde a Guerra da Crimeia, passou novamente a dominar a agenda internacional na primeira série de *imbróglios* intrincados que, à medida que o século avançava, tornar-se-iam tão estereotipados quanto as peças japonesas Kabuki. Quase que qualquer evento acidental poderia desencadear uma crise: a Rússia fazia ameaças e a Grã-Bretanha despachava a Marinha Real, A Rússia ocupava, então, alguma parte dos Balcãs Otomanos para manter como refém. A Grã-Bretanha ameaçava declarar guerra. As negociações iniciavam-se, durante as quais a Rússia reduzia suas exigências, exatamente no ponto onde tudo ia pelos ares.” (KISSINGER, 1994 p.170)

### **CAPÍTULO 3:**

## **A QUESTÃO ÉTNICO CULTURAL, O PAN-ESLAVISMO E A GUERRA RUSSO-TURCA**

### 3.1 O revisionismo

Ao assumir o Império o novo czar Alexandre II se deparou com a necessidade urgente de algumas reformas. A guerra da Crimeia evidenciou que o grande contingente militar russo não era suficiente para conter os exércitos modernos da Grã-Bretanha e da França. Era necessário, portanto, uma reforma militar de grande escopo, assim como outras reformas na economia e na sociedade russa.

Devido a essa necessidade de se voltar para as questões internas, Alexandre II designou ao seu novo ministro do exterior, Gorchakov, uma política de retração com relação aos assuntos europeus. Enquanto Nicolau I esteve sempre disposto a intervir nos assuntos europeus com o objetivo de defender os princípios conservadores, o novo czar acreditava ser necessário voltar as atenções as questões internas, quase que preterindo, inicialmente, a política externa. (JELAVICH, 1991 p.145-146)

Isso não significava, no entanto, que os russos se mantiveram completamente alheios aos assuntos da Europa. Existia, dentro do aparato de Estado, um revisionismo com relação ao Tratado de Paris, principalmente na questão da neutralização do Mar Negro. Esse mar, como já mencionado no capítulo anterior, possuía uma grande frota naval russa e era a ponte do Império para o Mediterrâneo.

Além disso, de acordo com o próprio Gorchakov, os interesses russos permaneciam como sempre foram em relação à Questão Oriental, atrelados diretamente ao direito dos ortodoxos residentes do Império Otomano. A política externa com relação aos Bálcãs, apesar de ter sofrido um retrocesso em termos de influência, permanecia a mesma. A diferença é que no momento posterior à guerra os russos não podiam mais dar as cartas, como faziam anteriormente.

Nesse sentido, por mais paradoxal que possa parecer, os russos acabaram por se unir aos franceses quando se tratava da política dos Bálcãs. Estava bem claro para os estadistas russos que eles não poderiam por conta própria ditarem o destino dos povos que viviam sobre a égide do sultão; era necessário, portanto fazer alianças com aqueles que estavam no momento jogando o jogo local.

A situação interna no Império Otomano também acabou se alterando. Sem a participação intensa russa nas questões internas, os movimentos revolucionários suprimidos acabaram ganhando novo fôlego. Muitos desses movimentos vendo nessa



retração russa uma oportunidade de ganharem espaço em prol de suas próprias agendas, como foi o caso de húngaros e romenos, que enxergavam os russos como os seus grandes adversários.

Com esse novo cenário se desenhando no Império Otomano nem mesmo entre os ortodoxos os russos estavam encontrando apoio. A nova geração que ganhava participação política havia sido educada no Oeste e não recordava que os russos haviam sido os que fizeram sacrifícios pela cristandade ortodoxa, mas sim, os viam como os representantes de governos que essa nova geração política desprezava. (JELAVICH, 1991 p.148)

Durante esse momento de retração russa nos Bálcãs alguns mapas foram alterados, principalmente nas províncias do Danúbio, que, conforme foi visto anteriormente, era uma região dominada pelo Império do czar. Em 1861 a Moldávia e a Valáquia acabaram se unindo ao que hoje é conhecido como Romênia. A expansão romena acabou trazendo como consequência a formação de um Estado que não tinha os princípios ortodoxos em sua formação.

A influência russa na Romênia era muito aquém da desejada. Os russos, devido a sua posição de retração, acabavam por contar com os franceses para manterem algum tipo de influência nas questões balcânicas. Ao longo da década de 1860, outros movimentos rebeldes eclodem na região, como o grego e o sérvio. O movimento sérvio nacionalista tinha o objetivo maior de unir os povos dos Bálcãs contra o controle Otomano.

Nesse momento percebe-se que os nacionalismos internos ganham força e que os movimentos nos Bálcãs passam a acontecer independentemente do envolvimento das grandes potências. O movimento sérvio é a chave para entender que essa questão interna passa a ganhar força. Os líderes sérvios buscam forjar alianças com seus vizinhos, como Grécia e Romênia, com o objetivo maior de unirem os povos dos Bálcãs. Essas alianças acontecem a despeito da participação das grandes potências, o que demonstra um grau de autonomia entre os líderes de movimentos internos.

Para compreender o que estava em jogo nos Bálcãs nessa segunda metade do século XIX é necessário mergulhar na ebulição dos nacionalismos internos e como que esses nacionalismos se utilizam dos interesses das potências europeias na região para

atingirem seus próprios objetivos. Os sérvios desejavam separação do Império Otomano e para conseguirem isso iriam em busca de apoio dos seus vizinhos, para talvez, como um último recurso, buscarem o apoio de uma grande potência capaz de bancar e apoiar sua causa.

Na década de 1860, entretanto, essa potência não poderia ser a Rússia. O Império do czar encontrava-se muito fragilizado e estava em busca apenas de uma aliança nos Bálcãs e não de uma guerra. (JELAVICH, 1991 p.153). Não era de interesse dos homens de Estado russos que naquele momento acontecesse uma fragmentação do Império Otomano, pois não existia um canal direto de influência da Rússia nos povos balcânicos, como acontecia antes da Guerra da Crimeia.

A situação russa começa a melhorar a partir de um grande acontecimento no cenário europeu, a Guerra Franco-Prussiana. Essa guerra permitiu aos russos alcançarem um de seus objetivos desde o fim da Guerra na Crimeia, denunciar as cláusulas sobre o Mar Negro impostas no Tratado de Paris. A Unificação germânica junto com as modificações do Tratado, marcaram um momento de aproximação entre a recém-criada Alemanha e o Império russo. Essa aproximação era o germe do que seria a futura Liga dos Três Imperadores, que uniria Alemanha, Rússia e Áustria-Hungria em torno de princípios conservadores e cooperação mútua.

Apesar de uma reaproximação com a Áustria-Hungria, russos e austríacos possuíam interesses no Império Otomano, interesses estes que por muitas vezes foram conflitivos. Ambos procuravam proteger os povos de matriz eslava que se encontravam sobre o jugo do sultão otomano. As duas potências europeias, por muitas vezes, jogavam com os nacionalismos locais para obterem seus interesses. Esse jogo, todavia, era jogado em duas vias. As potências procuravam se aliar a movimentos que viessem a lhes favorecer na região, assim como os nacionalismos latentes buscavam apoio de uma potência que poderia vir de apoio na hora de um possível levante contra o Império Otomano.

O caso búlgaro, nesse sentido, serve como exemplo desse tipo de relação. São inegáveis os interesses russos ao se aproximarem dos búlgaros e desenharem o mapa da Grande Bulgária. Para o Império do czar estava em jogo uma nova oportunidade de saída para os mares quentes e uma possibilidade de participarem, dessa vez de dentro, do jogo balcânico. O movimento de criar um grande Estado búlgaro pode ser entendido

como uma possível percepção da diplomacia russa de estar agindo no momento certo, na hora certa.

Já para o nacionalismo búlgaro o que se apresentava era uma oportunidade de jogar com os interesses de uma grande potência para alcançarem seus próprios objetivos: a libertação do jugo otomano e a formação de um Estado nacional próprio. Existiu, portanto, a percepção de um benefício mútuo quando Rússia e Bulgária decidem se aproximar. Essa relação, que veria o seu ápice na segunda metade da década de 1870, foi consolidada a partir de uma matriz que unia ambos os povos, o pan-eslavismo. Foi carregando a bandeira do pan-eslavismo que os russos entraram novamente em guerra com os turcos e, como consequência, formaram a Grande Bulgária. E é justamente sobre esses três grandes temas que esse capítulo irá tratar.

### 3.2 A Bulgária (estudo de caso)



#### MAPA 4: REGIÃO DA BULGÁRIA

Fonte: <http://www.portalestoria.net/BULGARIA.htm>

O atual Estado da Bulgária no século XIX via sobre a égide do Império Otomano, não possuindo autonomia. Por se localizar relativamente próximo a

Constantinopla, a capital do Império, alguns grupos búlgaros acabariam por se beneficiar dessa proximidade, adquirindo vantagens com relação a outras etnias que não estavam tão próximas à capital. Ao perderem algumas terras do Mar Negro e o Egito, os otomanos buscaram outras alternativas para adquirirem alimentos para o Império, e uma delas foi a Bulgária.

Devido a essa proximidade com a capital desenvolveu-se uma classe de mercadores e trabalhadores fabris prósperos em Bucareste que impulsionaram o desenvolvimento da região. Esses grupos, apesar de se beneficiarem do Império Otomano, não deixavam de desejar reformas políticas e buscavam sua própria autonomia. Por causa de seu imenso território a administração otomana por muitas vezes era ineficiente, o que facilitava a corrupção e aumentava a insatisfação dos grupos que ali viviam.

Assim como sérvios, romenos e gregos, os búlgaros também buscavam sua autonomia e desejavam mudanças políticas que apesar de constantemente prometidas pelo sultão, não eram de fato implementadas. Dentre os povos balcânicos existia uma crença de que os mesmos precisavam do apoio de uma grande potência que abraçasse sua causa e os ajudasse a se livrarem do jugo do sultão. No caso búlgaro, esse “padrinho” só poderia ser a Rússia. *“Like the other Balkan people the Bulgarians also sought a foreign patron, and they had only one possible choice.”* (JELAVICH, 1991 p.159)

A relação direta do Império russo com os búlgaros no início do século XIX havia sido uma relação de utilização do espaço geográfico. As tropas russas haviam estado no território búlgaro para lutar guerras com o Império Otomano. Além disso, existia uma relação de migração entre esses dois povos. Os russos estimulavam a saída de muçulmanos da Nova Rússia para o Império Otomano, assim como existia um estímulo de chegada de cristãos dos Bálcãs na Rússia.

Conforme já foi exposto no capítulo anterior, existia uma forte ligação entre o cristianismo ortodoxo russo e os demais ortodoxos do mundo, principalmente os ortodoxos dos Bálcãs. Com a anexação da Bessarábia pelo Império russo, surgiu um grande estímulo da imigração de búlgaros para essa região. O objetivo do Império era expulsar a população tártara que ali vivia, para colocar em seu lugar populações que mais se assemelhavam ao povo russo, o que nesse caso, incluía os búlgaros.

A política russa em relação aos Bálcãs pré 1856, de maneira mais geral, era de manter a paz dos povos que ali viviam. Nesse sentido, os russos não apoiaram as revoltas que aconteceram no território búlgaro em 1841 e 1850. A postura do Império russo era de manutenção dos territórios controlados pelos turcos. A Rússia mantinha sua participação e influência nos territórios que a ela interessava, o que já era suficiente para o czar. Além disso, existia aquele medo constante de que se existisse uma rebelião entre os diferentes povos que viviam no Império Otomano isso poderia convidar outras potências ao território, o que poderia mexer diretamente com a influência russa em seus territórios de preferência.

Devido a isso, as tropas russas que se encontravam no território búlgaro apenas assistiram as revoltas que ali ocorreram. Era perceptível a imposição das autoridades turcas sobre os búlgaros. Preocupava aos russos a forma como os cristãos eram tratados naquele território e, por causa disso, foi permitido que os refugiados búlgaros atravessassem a fronteira para a Valáquia, que naquele momento, ainda era controlada pelo czar. Existia uma necessidade por parte dos dirigentes russos de proteger os cristãos ortodoxos que estavam sofrendo as crueldades da guerra contra os turcos.

Entre búlgaros e russos formou-se um laço, já que, em um momento de necessidade, o Império russo foi ao socorro dos búlgaros oprimidos pelo sultão Otomano. Essa ajuda por parte de uma potência europeia não é de maneira nenhuma uma exclusividade da política do czar. Como é possível perceber, ao se olhar para a história do Império Otomano no século XIX, é que essa prática, era muito comum entre as potências que possuíam interesses diretos no Império Otomano, principalmente a Grã-Bretanha e o Império Austro-Húngaro.

Assim como não era exclusividade da Rússia ir ao socorro das minorias cristãs no território búlgaro, também não era uma ajuda apenas aos povos da Bulgária. Existia laços de proteção entre o Império russo e muitos outros povos sobre o domínio dos turcos, como era o caso dos gregos, dos sérvios e dos romenos. A política do czar de proteção da cristandade ortodoxa, como já foi visto, se estendia para diferentes territórios balcânicos. O objetivo era proteger as minorias cristãs que se encontravam em território estrangeiro. A Rússia se colocava e era vista como a protetora dos ortodoxos e devido a isso dela era esperada atitudes que cumprissem com essa proteção.

Os representantes russos que se encontravam em Bucareste viam com bons olhos as atitudes tomadas pelos búlgaros em relação ao desenvolvimento de sua sociedade. Nesse sentido, havia um grande estímulo para que estudantes búlgaros fossem a Rússia para fazerem seus estudos. Além de colaborarem diretamente com o desenvolvimento local. A única coisa que não havia por parte dos dirigentes russos era um estímulo às ideias revolucionárias que se formavam no território búlgaro. Não era interessante naquele momento ao czar que existisse um movimento nacionalista nos Bálcãs que pudesse desencadear outros movimentos nacionalistas. Apesar disso, com o desenvolvimento social era inevitável que tais ideias surgissem e as mesmas eram sempre acompanhadas de perto pelos russos que ali viviam.

Assim como outros povos que viviam no Império Otomano, como gregos, sérvios e romenos, os búlgaros também buscavam independência do sultão. Essa busca por independência era vista de duas maneiras por dois grupos principais: um grupo que acreditava que as reformas deveriam vir de maneira lenta e contínua, este era o grupo mais conservador, que era mais próximo aos dirigentes russos. O segundo grupo, que era formado por jovens, em sua maioria, acreditava que as reformas deveriam acontecer de maneira radical, e que os búlgaros deveriam pegar em armas para se voltarem contra os turco-otomanos.

Esse grupo radical era visto pelos russos com bastante apreensão, assim como acontecia com relação aos grupos radicais dos demais povos citados acima. O Império russo procurava se aproximar dos grupos mais conservadores, pois os mesmos buscavam reformas lentas e graduais, nas quais os dirigentes russos teriam a oportunidade de participarem ativamente das atividades e que, de certa maneira, poderiam vir a controlar o processo. Já no caso dos grupos mais radicais, existia um temor por parte dos russos que a situação fugisse ao seu controle e que as reformas pudessem ser atingidas sem o apoio russo, o que poderia convidar outras potências a serem as patrocinadoras desses possíveis processos nacionalistas.

*“The Bulgarians of the Principalities, and especially those of Bucharest form...amidst Romanian society a very united and very homogeneous group, which is animated by the same sentiments and which follows the same current of ideas. Outside of that compact mass, it is true that some young radicals of the modern school are active, but for reasons*

*which I will try to elucidate, they are neither followed nor even understood by their compatriots.” (JELAVICH, 1991 p.164)<sup>14</sup>*

Durante as décadas de 1860 e 1870 Ignatiev, o ministro russo no Império Otomano, apesar de pessoalmente acreditar que deveria existir uma separação do Império Otomano e o estabelecimento de Estados nacionais com influência direta da Rússia, percebia que esse não era um momento propício para que isto acontecesse. Ele sabia da fragilidade russa na região e também entendia que uma separação otomana naquele momento não seria favorável aos russos. Sua política, portanto, era de manter a influência russa dentro do sistema de conselhos do sultão. Dessa maneira ele poderia assegurar algum tipo de influência nas decisões.

Em relação à Bulgária, especificamente, sua política era de assegurar a construção de uma igreja ortodoxa que fosse separada do patriarcado turco. A questão religiosa, como já foi visto em capítulo anterior, era uma questão que gerava muitos desentendimentos dentro do Império Otomano já que, uma parte da população que ali vivia não comungava da mesma religião do sultão. Ignatiev tinha como seu objetivo pessoal manter a unidade ortodoxa dentro e fora do Império russo.

A relação russa com o Império Otomano nesse momento, apesar de ser uma relação conturbada na maior parte da história desses dois Impérios, era uma relação relativamente cordial. Os dirigentes russos que se encontravam no Império Otomano buscavam participar ativamente dos conselhos de decisão. Para o tzar era mais importante que os russos se mantivessem ativos nas questões que envolviam os Bálcãs do que se arriscassem em apoiar nacionalismos extremos e perderem seu campo de atuação.

É possível perceber, portanto, que o momento posterior à perda da Crimeia foi um momento de contenção da política russa nos Bálcãs. A perda de influência russa na região fez com que a sua política fosse reavaliada. Era um momento de manutenção de posições e formação de novas alianças. Dentro do Império Otomano os dirigentes russos buscaram se manter a par dos processos decisórios, com o intuito de evitarem uma perda maior ainda de suas posições de influência.

---

<sup>14</sup> (APUD: OFFENBERG, 1871)

Ignatiev, como ministro russo no Império Otomano sabia que a posição russa se encontrava fragilizada. Sua opinião pessoal, no entanto, era de que o Império turco deveria ser fragmentado no longo prazo e de que os novos Estados formados deveriam sofrer a influência direta da Rússia. Ao entrar na década de 70 do século XIX, Ignatiev acredita ser o momento em que os russos deveriam agir de maneira ativa na região, ao começar pela Bulgária.

*“The best place to begin was Bulgaria: it had been conquered by Russian arms in 1828; it was on the way to Constantinople; Russia and Austria were not yet rivals there; and a strong movement was agitating for the creation of a national Bulgarian church. For Ignatiev, Russia’s ‘meditation’ was over, and the time had come for the systematic destruction of the Ottoman Empire.” (LEDONNE, 1997 p.139)*

### **3.3 A Questão eslava**

Além da ortodoxia cristã, comum entre a Rússia e os búlgaros, existia outro traço comum que unia estes dois povos. Este traço era a origem eslava. Os eslavos são procedentes de uma origem étnica europeia que vivem principalmente na Europa Central e Oriental. Dentre os eslavos orientais, a maioria são os habitantes do Império russo. Já nos Bálcãs, os povos de origem eslava são os búlgaros, os croatas, os bósnios, os montenegrinos, os sérvios, os eslovenos e os macedônios.

Ao longo dos séculos a população russa sofreu a influência dos povos nórdicos, do Império Mongol, turcos e fenícios; mas, de maneira geral os russos permaneceram sendo essencialmente eslavos. (VERNADSKY, 1969 p.3) O traço eslavo pertencente a população russa também existia, mesmo que em uma minoria, em outra grande potência europeia, o Império Austro-Húngaro. Devido a esse traço étnico-cultural comum, tanto Rússia como Áustria-Hungria sempre possuíram um laço com alguns povos do Império Otomano e acompanharam de perto o desenvolvimento nacional desses povos.

O sentimento eslavo sempre existiu dentro da sociedade russa. No século XIX, entretanto, o mesmo se tornou mais forte dentro do corpo do Estado. Cada vez mais homens influentes no governo possuíam como uma de suas características principais o eslavismo e buscavam unir os russos com os demais eslavos espalhados na Europa. Os defensores da cultura eslava viam nos Bálcãs o local ideal de ação do Império russo, pois lá, diferentemente da Ucrânia e da Bielo-Rússia, a cultura eslava era a cultura da minoria e constantemente reprimida pelo sultão otomano.



É possível afirmar que, em linhas gerais, no século XIX três grupos principais disputavam a influência na política externa do Império russo. (SEGRILLO, 2011) O grupo que defendia uma política externa a partir de uma matriz religiosa, ou seja, o grupo da ortodoxia cristã. Esse grupo é possível perceber que ao longo do século foi perdendo sua influência em relação aos demais. Isso pode ser evidenciado a partir da própria personalidade do novo czar, Alexandre II, que não era tão religioso como seu antecessor.

Um grupo de política externa ativa nos Bálcãs. Esse grupo era formado por altos funcionários, diplomatas e militares. Defendiam a luta com os ingleses pela supremacia no Mediterrâneo Oriental, no Oriente Médio e na Ásia Central. Buscavam também assegurar o poder e influência russo no Bósforo e Dardanelos. Para esse grupo o inimigo claro da Rússia era a Inglaterra e os russos deveriam sempre buscar minimizar o poder britânico nos locais onde o Império russo possuía interesse direto.

E um último grupo, o grupo dos pan-eslavos que pregava a defesa dos povos eslavos dos Bálcãs e da Europa Central. Esse grupo ia contra os interesses diretos dos turcos e dos austro-húngaros. Para eles o inimigo central do Império russo era a Áustria (KENNAN, 1979 p.38) e o czar deveria se empenhar em tentar diminuir a influência desta outra potência sobre os eslavos que viviam no Império Otomano. Conforme já foi visto, tanto Rússia como Áustria jogavam com os nacionalismos locais para tentar tirarem vantagem a seus favores.

Esses três grupos possuíam base de apoio na sociedade e no governo russos. Ao longo do século XIX, todavia, acontece uma mudança de influência entre esses três grupos, tanto no meio governamental, como na sociedade russa. É possível lembrar que, até 1856, os principais interesses russos na região dos Bálcãs haviam sido nos assuntos gregos e romenos, dois povos que não possuíam origem eslava. Com a guerra da Crimeia e os acontecimentos posteriores a ela, os interesses russos mudam de foco e passam a convergir em assuntos de povos que eram eslavos.

De acordo com Barbara Jelavich o conceito do movimento pan-eslavo poderia ser definido da seguinte maneira: “...a program calling for the removal of the Orthodox Slavs from foreign control, their organization into separate states, and the establishment of a federation under Russian leadership.” (JELAVICH, 1991 p.157) O sentimento pan-eslavo cresceu no momento em que a Rússia mudava o seu foco e sua

política para os Bálcãs, devido a derrota na Crimeia. Outros fatores também foram importantes impulsionadores para a influência pan-eslava no Império russo.

A Guerra da Crimeia foi a primeira guerra a ser amplamente comunicada através de jornais para a população. Nesse sentido a guerra não mais pertencia apenas aos dirigentes políticos e estrategistas militares, mas ela passou a ser discutida nas ruas. A perda da Crimeia significou para o Império do czar uma perda de territórios estratégicos e do espaço natural de atuação russa. Para a população, todavia, ela significou uma perda humana, além de ter despertado um sentimento de humilhação perante outras potências europeias.

Ao longo da década seguinte as tendências mais nacionalistas tomaram os jornais russos. O diário de Moscou pode ser citado como o maior exemplo de jornal nacionalista que era extremamente influente em São Petersburgo e na própria Moscou. Já as tendências eslavas foram ganhando espaço na mesma proporção em que a questão balcânica se tornava latente. Como exemplo dos jornais pan-eslavistas é possível apontar o jornal *Rus* do eslavófilo Ivan Aksakov, também situado em Moscou e alguns em São Petersburgo como: *Novoye Vremya*, *Svyet* e o *Novosti*. (KENNAN, 1979 p.43). Sendo este último liberal, mas não menos pan-eslavo.

Esses jornais, ao longo das décadas que seguiram a perda da Crimeia, foram ganhando espaço entre a sociedade russa. Os mesmos advogavam uma maior participação na questão dos Bálcãs e pregavam uma política antiaustríaca na região. Os jornais com tendências pan-eslavas passaram a ganhar as ruas e a opinião social. O advento da causa eslava foi assim tomando maiores proporções dentro do Império russo e passou a ser uma força política considerável dentro e fora do aparelho do Estado.

A Sociedade Benevolente Eslavófila havia sido formada em 1858, em Moscou com o objetivo maior de ajudar e assistir a população eslava fora do território russo, principalmente os eslavos do Sul, que eram os habitantes do Império turco. Dentre os apoiadores da causa eslava haviam muitos jornalistas, autores famosos (como Dostoievsky), e o futuro czar Alexandre III. A agenda de política externa dos eslavófilos era ativa e procurava dirigir a atenção pública à sua causa.

*“...the Panslavs provided the important service of directing public attention to the affairs of the peninsula. Their writers and journalists gave wide publicity to the events occurring there. Their shift in emphasis from the*

*Orthodox as a whole to the Slavic people in particular was also to be significant for the future.” (JELAVICH, 1991 p.158)*

A questão eslava foi ganhando espaço também nas cadeias do governo. Ignatiev, o emissário russo no Império Otomano buscava uma política mais ativa do czar nos Bálcãs, devido a isso, ele passou a contar com a ação do movimento pan-eslavo tanto na Rússia como na região balcânica. Era necessário que a Rússia retomasse seu espaço na região e, com o retorno da sua influência garantida, fomentar os nacionalismos locais para a fragmentação do Império turco.

O sentimento de proteção eslava ficou tão exacerbado que alguns pan-eslavistas defendiam que a Rússia deveria se proteger do Ocidente, que era hostil, e deveria acolher todos os eslavos da Europa sobre sua proteção e liderança. (FIGES, 2010 p.456). Percebe-se que esse argumento não era inédito dentro da sociedade russa. O mesmo havia sido utilizado, apenas algumas décadas antes, com relação a proteção ortodoxa em relação à dominação muçulmana. Houve, portanto, uma mudança de argumentos na política externa russa para os Bálcãs. Enquanto que até a década de 1850 o essencial era o caráter religioso, a proteção da ortodoxia fora do território russo; a partir da metade da década de 1860, o discurso se mantém o de proteção dos externos, mas dessa vez a partir da proteção de uma matriz étnico-cultural: a matriz eslava.

A diferença entre o argumento de proteção eslavo e o argumento ortodoxo foi a aceitação perante a sociedade russa. Enquanto a ortodoxia fazia parte dos princípios conservadores do czar, o argumento eslavo ganhou força nas ruas. A força do apelo eslavo, encontrou, devido ao momento em que se concretizou, um amplo apoio social. Isso pode ser percebido a partir de alguns elementos que estavam em jogo naquele momento da história.

Em primeiro lugar a perda da Crimeia gerou um sentimento na sociedade de perda de prestígio internacional perante as demais nações europeias. Prestígio esse que havia sido obtido pelo Império russo após a derrota de Napoleão. A Rússia era vista pelas potências europeias, na primeira metade do século XIX, como um grande poderio militar. Seu contingente militar ultrapassava o exército de qualquer nação europeia. A guerra da Crimeia acabou desmistificando o gigantismo do exército russo, que apesar de não ter perdido em batalhas e sim na arena diplomática, encontrou uma enorme dificuldade de combater os exércitos britânicos e franceses.

A sociedade russa percebe a perda da Crimeia como um motivo de vergonha para o Império. Não somente pelo fato da derrota em si, mas também pelo fato de que a Crimeia, de acordo com a história russa, era o local de nascimento dos russos. Ou seja, era uma região muito importante para a formação da nação russa. Esse sentimento de humilhação gerou na Rússia, e costuma gerar de maneira geral, o crescimento de nacionalismos. O nacionalismo russo cresceu de maneira perceptível da metade do século XIX até o início do século XX. Esse sentimento nacional pode ser percebido a partir da expansão ininterrupta russa na Ásia Central até chegar à China. O nacionalismo também pode ser percebido nos discursos dos dirigentes políticos e nos jornais.

No caso do sentimento eslavo este é traduzido como uma forma de “nacionalismo étnico”. O pan-eslavismo era uma forma de nacionalismo que transgredia fronteiras. Era um nacionalismo que unia diferentes povos a uma só cultura. A união eslava transbordava a fronteira russa e encontrava apoio no sentimento de pertencimento das nações balcânicas. Estes olhavam para o Império russo como um possível salvador e protetor de suas causas.

*“The connection of the Slavic peoples with Russia, the feeling which attracts them to Russia, is a natural, organic, free feeling, which flows from the deepest depths of their popular essence...Because they are called to a universal role, not as Czechs, Slovaks, Slovenes, and so on, separately, but as Slavs and through Slavdom: only by this aspect of their existence, only as parts of the universally significant Slavic tribe can they attain importance in the history of the world. When they are outside this common Slavic bond, or when they betray the idea of Slavdom.” (JELAVICH, 1991 p.158) <sup>15</sup>*

O segundo argumento que ajuda a explicar porque a adesão ao sentimento eslavo foi muito maior que a adesão à ortodoxia cristã está na divulgação das questões de política externa para a população. Conforme já foi mencionado, os jornais e a mídia europeias se proliferaram a partir da segunda metade do século XIX. A guerra da Crimeia foi a primeira guerra amplamente divulgada pela mídia e apoiada, ou não, pelas populações. As ideias eslavas, portanto, ganharam força pela divulgação nos jornais, principalmente de São Petersburgo e Moscou. O pan-eslavismo foi uma força que dominou as ruas. Não foi somente um apelo nacional-étnico de dirigentes de Estado e pessoas de alta influência social; ele foi abraçado pela sociedade russa que passou a apoiar uma política mais ativa no Império turco, tudo em prol dos irmãos eslavos.

---

<sup>15</sup> (APUD: RIASANOVSKY, Nicholas V.)

Além disso, o pan-eslavismo estava ligado às necessidades geopolíticas da Rússia. Com a perda de territórios na Crimeia e a perda de influência na Romênia, o Império russo se viu diante de um cenário em que não contava mais com sua saída para o Mar Negro. Havia, dentre os dirigentes russos, o desejo de reaver suas possessões e de buscar compensações na Europa, já que a Crimeia havia fugido ao seu controle. Ajudar a causa eslava nos Bálcãs também significava ganhar poder e espaço na região, que para muitos estadistas russos era uma região fundamental de controle da Rússia.

O apelo ao pan-eslavismo parecia favorecer a obtenção de poder no Império turco e conter o Império Austríaco. O sentimento eslavo ganhava adeptos não somente na Rússia, mas também nas sociedades dos Bálcãs. As sociedades de cultura eslava passam a enxergar o Império do czar como um possível aliado em suas lutas para se livrarem do jugo otomano. Enquanto na Rússia pregava-se a ideia de que os eslavos russos deveriam estabelecer uma cruzada contra o Império Otomano para salvarem os seus irmãos; nos Bálcãs essas ideias chegaram aos nacionalistas como uma oportunidade de encontrarem o patrocinador que desejavam.

As populações que viviam no Império turco eram objeto de violência perpetrada pelo sultão otomano. Os sentimentos nacionais, apesar de já existirem, ganharam força nessa segunda metade do século XIX. Em parte, porque se percebia uma fragilidade clara do grande Império, chamado pelos Europeus de o “gigante doente da Europa”. Em parte, porque se percebia no contexto externo uma possibilidade de angariar apoio das potências para suas próprias causas nacionalistas.

Nesse sentido é importante enfatizar que os interesses das grandes potências europeias na região eram claros e iam desde interesses geopolíticos a interesses comerciais; entretanto, não se pode perder de vista que os interesses das futuras nações que ali passariam a existir em sua completude após a Primeira Guerra Mundial, também eram evidentes e estes viram nas potências europeias não apenas salvadores de suas causas, mas sim, trampolins para suas liberdades.

A preocupação russa em relação ao Império Habsburgo se devia ao fato de o mesmo também possuir interesses diretos no Império Otomano. Além disso, existia uma influência direta dos eslavos balcânicos na população eslava da Áustria-Hungria. Isso fazia com que alguns movimentos nacionais se identificassem mais com os austro-húngaros do que com os russos. Para a Rússia, portanto, a movimentação na região se

encontrava delicada. Era necessário socorrer os eslavos balcânicos para esses se libertarem do controle otomano, mas essa emancipação deveria ser assegurada, de modo que esses movimentos de libertação não se apoiassem na Áustria-Hungria.

De acordo com Kennan, a desintegração do Império turco preocupava tanto austríacos como russos. No caso do Império dos Habsburgo os problemas nacionalistas eram muito mais imediatos já que as possíveis nações formadas da fragmentação do Império Otomano iriam influenciar diretamente as atitudes e aspirações de seus semelhantes eslavos que viviam na Áustria-Hungria. (KENNAN, 1979 p.44) Vale lembrar que assim como o Império Otomano, o Império dos Habsburgos também era multiétnico. Ou seja, a possível libertação nacional dos eslavos dos Bálcãs poderia repercutir em movimentos nacionalistas na Áustria-Hungria. Devido a isso, o interesse habsburgo na região era concreto e o este Império deveria acompanhar de perto as movimentações que aconteciam dentre os balcânicos.

No caso russo, como já mencionado ao longo do capítulo, essa era uma região escolhida por eles como seu 'teatro do futuro de sucesso e glória'. (KENNAN, 1979). Eles precisavam ir ao socorro dos eslavos dos Bálcãs que sofriam nas mãos do sultão otomano. Ao apoiarem as emancipações nacionalistas, no entanto, os russos deveriam assegurar que seriam eles os influentes nessas novas nações a serem formadas. Nesse sentido, ainda de acordo com Kennan, os interesses austríacos na região seriam interesses defensivos, desejando assegurar que a desintegração do Império do sultão não consistisse também na desintegração do Império de Viena. Enquanto que os interesses russos seriam ofensivos, buscando adquirir poder e influência na região que para os dirigentes russos era vista como vital. (KENNAN, 1979)

O intercâmbio entre os eslavos russos e os eslavos dos Bálcãs apenas cresceu com a onda pan-eslavista que se estabelecia na Rússia. Foi comum a ida de balcânicos para o Império russo para fazerem seus estudos e em contrapartida, com a proliferação de sociedades eslavas, a ajuda aos irmãos que viviam nos Bálcãs se tornaram cada vez mais frequentes. Esse intercâmbio facilitou a proliferação de ideias nacionalistas nos grupos de elite balcânicos que iam estudar nas grandes cidades russas. Esses grupos procuravam difundir a ideia de libertação nacional com base na identidade eslava. Dessa maneira eles sabiam que, no caso de uma provável guerra de emancipação, os russos iriam ao seu apoio carregando a bandeira do pan-eslavismo.

Ao mesmo tempo em que o sentimento eslavo ganhava força nos Bálcãs e na Rússia a opressão otomana crescia sobre essas minorias étnicas. O Império turco estava cada vez mais fragilizado e incapaz de controlar o seu imenso território. Aumentava o nível de corrupção dentro do Império e os funcionários do sultão não estavam conseguindo controlar os novos movimentos de emancipação que surgiam. Nesse contexto, o ponto de inflexão foi a libertação grega ainda no início do século XIX. A emancipação dos gregos do jugo otomano foi apenas o pontapé inicial para o colapso do grande gigante quase um século depois.

A questão grega, entretanto, se coloca como ponto de partida para que outras ideias nacionais surgissem na região. O exemplo dado pelos gregos insuflou nacionalismos que passaram a propor suas próprias agendas de emancipação. Ao longo do século XIX algumas identidades nacionais surgiram com mais força e alguns conseguiriam se tornar semi-independentes do Império turco, como foi o caso da própria Bulgária, com ajuda russa.

Na década de 1870 uma ebulição de identidades nacionais iria confluir em uma guerra dentro do Império Otomano. A repressão cada vez mais frequente e cada vez mais violenta aos processos de revoltas locais chamou a atenção das potências europeias e as trouxe de volta para a Questão Oriental. No caso específico da Bulgária essa repressão, inicialmente foi apenas acompanhada pelo Império russo. Um diplomata russo que acompanhava os eventos ocorridos na Bulgária escreveu para N.K. Giers, ministro do Departamento Asiático no momento: *“We are at the standstill. One can do nothing other than observe the horrors that are taking place in Turkey. And it is only the beginning! The ferocious beast has smelled blood.”* (JELAVICH, 1991 p.169)<sup>16</sup>

Mesmo com as notícias dessas atrocidades chegando em Moscou e com o apoio de diversos diplomatas à causa búlgara, o czar opta por não intervir na região. Os interesses russos permaneciam nos Bálcãs do Oeste, na tentativa de mediar um outro conflito que acontecia no mesmo momento na Bósnia-Herzegovina. O próprio Ignatiev aconselhou o czar de não intervir e deixar que os assuntos búlgaros fossem decididos pelo próprio Império Otomano. Segundo ele, a questão búlgara era uma questão interna e que deveria ser decidida por oficiais locais. (JELAVICH, 1991)

---

<sup>16</sup> (APUD: JOMINI TO GIERS, JUGENHEIM, JUNE 7/19, 1876)

Nem um ano depois, com a entrada da Rússia em uma guerra inicialmente interna do Império Otomano, os interesses russos iriam mudar de foco. Da Bósnia-Herzegovina e da Sérvia (que seria o estopim da guerra) para a Bulgária. Isso acontece devido a inúmeros acontecimentos que iriam se desenrolar ao longo de um pouco menos de um ano. Esses acontecimentos levariam a Rússia mais uma vez a intervir nos assuntos dos turcos e mais uma vez a uma guerra. Essa guerra, entretanto, diferentemente do que havia acontecido na Crimeia seria vencida pelos russos que aproveitariam o momento favorável para retomarem possessões junto ao Mar Negro.

A Guerra Russo-Turca de 1877 desenhava os planos russos da criação de uma Grande Bulgária, independente, que nasceria sobre a influência russa. Essa posição favorável russa seria provada ilusória já que em apenas alguns meses as potências europeias interviriam na questão e não permitiriam a formação da Grande Bulgária. O Império russo mais uma vez seria vítima de um jogo diplomático entre grandes potências. Dessa vez, entretanto, a balança de poder na Europa só existia no papel e quem ditava as novas cartas da diplomacia europeia era o recém-criado Estado alemão.

O que levou os russos a mudarem seu foco nos Bálcãs e como eles se direcionam mais uma vez a uma guerra que, após todas as suas consequências, iria se provar mais uma guerra perdida pelo Império, será analisado a seguir. O interesse russo na região e o impulso do sentimento eslavo foi o que levou o czar a mais uma vez se envolver nos assuntos balcânicos e a buscar suas compensações geopolíticas que estavam adormecidas desde a perda da Crimeia.

### **3.4 A Guerra e a formação da Grande Bulgária**

O conflito que iria levar os russos mais uma vez a intervir nos assuntos otomanos daria início em julho de 1876 na Sérvia e em Montenegro. Esses dois futuros Estados declararam guerra ao sultão após afirmarem estarem sendo submetidos a grande opressão por parte do Império. Mesmo sem o inicial envolvimento das grandes potências e sem o apoio russo, o governo sérvio convidou o general russo Cherniaev para comandar as tropas sérvias.

Junto com o general os entusiastas do movimento pan-eslavo demonstraram seu apoio quase imediato à causa sérvia e enviaram quase cinco mil voluntários para



lutarem ao lado dos seus compatriotas. O governo russo, no entanto, não demonstrou muito interesse em ir à guerra para apoiar os sérvios. Conforme o confronto foi se desenrolando, ficou claro que a força sérvia não era páreo para as forças do Império turco. Nesse momento seria necessária uma intervenção de uma potência.

A sociedade russa assistiu aos horrores que aconteceram alguns meses antes na Bulgária e estava mais uma vez se vendo diante de uma situação em que os povos eslavos estavam sendo violentados pelos turcos. Nesse momento o pan-eslavismo dentro do Império russo aflorou e a população passou a clamar por uma participação ativa do Império czarista nos assuntos dos povos balcânicos. Os povos eslavos deveriam ser socorridos das atrocidades as quais estavam sendo submetidos nas mãos do sultão otomano.

Os jornais pan-eslavos passaram a abertamente declararem seu apoio aos sérvios e a chamarem a população para aderir a causa eslava. O general Cherniaev também conhecido por publicar um artigo reacionário apoiador da causa eslava passou a ser celebrado como herói do momento. Ao longo do conflito, quando foi se tornando evidente que os sérvios perderiam a guerra até mesmo os jornais de cunho liberal passaram a criticar a postura do czar de se manter neutro e buscar uma solução diplomática para o conflito. *“Demonstrations, large contributions of Money, and calls to arms of Russian volunteers plainly indicated that the Russian public was inclined to view unqualified support for Balkan Slavs as a ‘holy duty’.* (GEYER, 1987 p.71)

A população, portanto, passa a apoiar irrestritamente a causa eslava e pede ao czar que entre na guerra contra os turcos. O governo russo, entretanto, se mantém hesitante em novamente se envolver em um conflito nos Bálcãs que poderia resultar em uma nova perda de influência na região. A perda da Crimeia havia deixado marcas no Império czarista e o czar Alexandre II procura uma maneira de resolver a questão por meio da diplomacia.

Os diplomatas russos são instruídos a concluir um acordo com o Império Habsburgo, caso a guerra se mostrasse inevitável. Para o czar um acordo com os austríacos seria fundamental, devido às experiências deixadas pela guerra da Crimeia. Os russos buscavam a segurança de que a Áustria-Hungria não iria se voltar contra eles no caso de todos irem à guerra. Conforme já foi mencionado, tanto Rússia como o

Império Austro-Húngaro, possuíam fortes ligações com as nacionalidades balcânicas e com os eslavos.

Pelo lado de Viena esse acordo deveria assegurar que, no caso de vitória dos pequenos Estados, tanto Bulgária quanto a Rumélia (antes uma província separada da Bulgária) seriam formados, mas que, em nenhuma hipótese um grande estado eslavo iria se formar. Os habsburgos temiam a formação de um grande Estado eslavo que pudesse ameaçar a própria existência do Império Austro-Húngaro. O acordo estipulava que, no caso da Rússia ir à guerra, não iria conduzir ações militares nos Bálcãs do Oeste, nesse caso, Bósnia-Herzegovina, Sérvia e Montenegro; já a Áustria-Hungria não iria interferir na Romênia, Bulgária, Sérvia ou Montenegro. (JELAVICH, 1991 p.171)

Esse acordo definia as zonas de influência dessas duas potências no Império Otomano. Essa divisão remetia a divisões feitas no passado por essas duas potências que acreditavam que, caso o Império turco sucumbisse, seus Estados deveriam assumir o controle das recentes nações a se formarem. Para o Império russo esse acordo fazia jus aos seus interesses na região já que não mencionava nenhum tipo de controle específico do Mar Negro.

Mesmo após a confecção desse acordo com os austríacos os dirigentes russos mantiveram-se reticentes a ir à guerra. Ao se reunirem em Constantinopla para tentarem resolver a questão, o representante russo, Ignatiev pela primeira vez enfatizou a necessidade de estabelecimento da Grande Bulgária. Nesse momento os interesses russos já haviam mudado de foco, saindo do Oeste balcânico para as terras da Bulgária. Os motivos pelos quais houve essa mudança não são muito claros, mas, segundo Barbara Jelavich, foi a junção da eminente derrota sérvia com o compromisso feito com os austríacos. (JELAVICH, 1991 p.171)

As verdadeiras razões pelas quais os russos mudam seu foco de ação nos Bálcãs são obscuras já que não se sabe ao certo o que o tzar pretendia naquela ocasião. Isso não significa que não seja possível especular sobre os motivos dessa mudança. O acordo com os austríacos havia deixado uma divisão clara entre áreas de influência das duas potências na região. O oeste dos Bálcãs passaria a ser uma área de influência austríaca o que necessariamente mudava as pretensões russas para aquela região. Dentro do Estado russo existia uma memória viva da suposta “traição” austríaca na guerra da Crimeia.

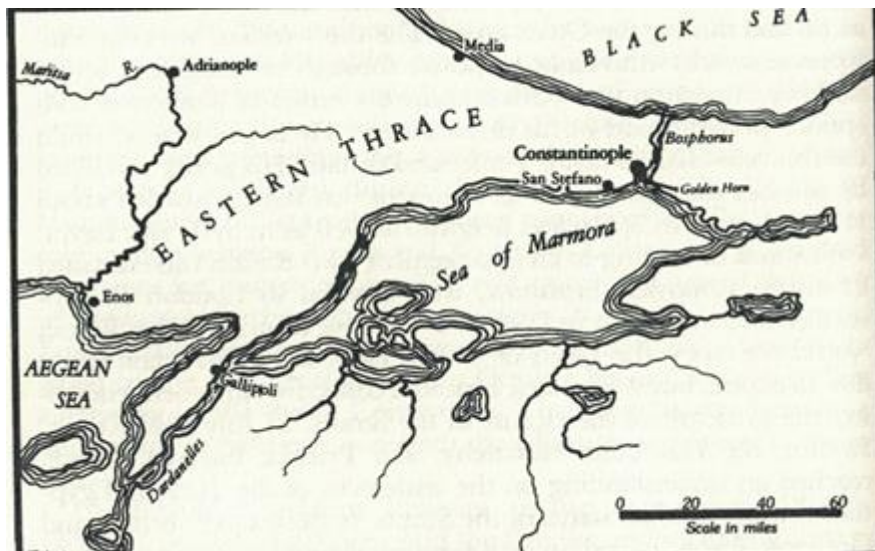
Esse era um motivo que atrasava os russos a entrarem novamente nos assuntos otomanos.

Ao formular esse acordo com os austríacos, os russos, de uma certa maneira, estavam assegurando que, se fossem a guerra, iriam sozinhos, e que caso alguma potência decidisse intervir (como havia acontecido vinte anos antes), ao menos o Império Habsburgo se manteria fora da situação. Essa segurança de que os austríacos não iriam intervir poderia ter sido garantida pelos russos a partir do momento em que os mesmos deixam o oeste balcânico para ser zona de influência dos Habsburgo.

Além disso, vale lembrar que o objetivo geopolítico maior do Império russo é a saída para os Mares quentes. Ao perder a Crimeia os russos perderam a saída para o Mar Negro, que para sua política externa era fundamental. O oeste dos Bálcãs também possuía saída para os mares quentes, pelo Mar Adriático. Ao garantir essa região para os austríacos, os russos precisaram buscar outra futura nação que pudesse garantir essa saída para os mares. Esse seria mais um motivo pelo qual os russos decidiram optar por mudar seu foco de interesse nos Bálcãs para a Bulgária.

A relação russa com os búlgaros, conforme já foi visto, era uma relação próxima já que ambos compartilhavam da matriz cultural eslava. Os massacres constantes que vinham acontecendo na região por parte do sultão otomano, já estava repercutindo nas ruas da Rússia. A população russa clamava ao czar que este interviesse ao favor dos seus irmãos eslavos. O pan-eslavismo, portanto, pode ser visto como mais um motivo pelo qual o Império russo decide mudar o seu foco de ação nos Bálcãs.

Na conferência de dezembro de 1876, Ignatiev demonstrou seu interesse na construção da Grande Bulgária. Esta deveria incluir as terras ao norte e ao sul das montanhas dos Bálcãs, além de Dobrudja e a maior parte da Macedônia. (JELAVICH, 1991 p.171) Esta Grande Bulgária, portanto, possuiria duas saídas para os Mares. Uma para o Mar Negro e outra para o Mar Egeu, com a inclusão das terras da Macedônia.



### MAPA 5: ESTREITOS

Fonte: Russia's Balkan Entanglements 1806-1914, Barbara Jelavich, p.98

Essa proposta feita por Ignatiev acabou sofrendo forte oposição britânica. Após longa discussão, os russos cedem e concordam em dividir essa Grande Bulgária em Leste e Oeste. Apesar do acordo entre as duas potências, esse projeto não foi levado adiante, pois o governo Otomano rejeitou a questão. Os russos acabaram não conquistando nada nessa conferência e crescia, internamente, a pressão para que o tzar declarasse guerra.

A ligação formada entre russos e os povos dos Bálcãs era estreita e de longa data. Isso não era algo que o governo podia ignorar. A cada mês que passava, maior era a pressão social para que a Rússia fosse a guerra. Apesar de os russos não serem mais tão influentes na região, desde o Tratado de Paris, existia na sociedade russa o sentimento de solidariedade perante essa população eslava que estava sofrendo com os abusos dos turcos.

Por outro lado, existiam aqueles que se opunham fortemente a guerra. Aqui se pode citar o exemplo do ministro das finanças Michael Khristoforovich, que afirmava que, se a Rússia decidisse ir à guerra, iria esgotar suas finanças e não conseguiria obter empréstimos externos, já que as demais potências europeias se colocariam contra mais uma intervenção russa nos Bálcãs; o que poderia colocar o Império russo em uma situação alarmante de crise financeira sem precedentes. O que a História iria mostrar é

que de fato os russos mergulhariam em uma grave crise financeira que só seria resolvida (em termos) a partir de um acordo feito com os franceses no final do século.

Sem atropelar o curso dos acontecimentos, o fato é que existiam divergências com relação à posição que o czar deveria tomar com relação à guerra. Ambos os lados da argumentação eram dignos de atenção e o czar passou a encontrar-se em uma situação de imobilismo. A pressão pan-eslava continuava a crescer e até aqueles que não eram pan-eslavos sentiam uma obrigação de irem ao encontro dos seus companheiros para ajuda-los.

É necessário perceber que existiu, nesse momento, um argumento acima das questões geopolíticas e militares que se colocavam em questão. O apelo popular pela salvação dos povos eslavos foi colocado na ordem do dia e superou qualquer argumento estratégico que pudesse ser colocado em pauta. O próprio czar, em uma discussão com seus ministros mais próximos, deixa claro que não era do melhor interesse nacional russo ir à guerra com os turcos naquele momento.

O interesse nacional pode ser entendido aqui como o interesse do czar e seu grupo privado de ministros. Era o interesse estratégico que estava sendo avaliado. O verdadeiro interesse nacional, ou seja, o interesse da sociedade russa, parecia apontar em outra direção. O nacionalismo étnico eslavo mexia com a solidariedade popular. Os russos se sentiam impelidos em proteger os seus irmãos eslavos além de suas fronteiras. Esse sim pode ser interpretado como o verdadeiro interesse da nação, e, no final, foi ele que prevaleceu. Assim declarou Alexandre II: *“In the life of states just as in that of private individuals there are moments when one must forget all but the defense of his honor.”* (JELAVICH, 1991 p.172)<sup>17</sup>

A questão eslava, portanto, foi o que levou finalmente os russos a declararem guerra aos Otomanos em abril de 1877. É claro que, como o curso da guerra e o seu fechamento iriam demonstrar, os russos tentariam assegurar novas posições estratégicas e tirarem vantagens da situação em que foram colocados. Fica claro, no entanto, que o motivo real para que o czar optasse pela guerra foi a questão étnico-cultural eslava e a sua repercussão dentro e fora da Rússia. Além disso, existiam pressões internas de outras partes para que o governo fosse mais ativo.

---

<sup>17</sup> (APUD, W. REUTERN-BARON NOLCKEN)

*“Government diplomacy was under pressure to produce results. That pressure originated in large part from the Pan-Slavic movement, but autocracy’s international prestige was also on the line in the Balkans. The autocracy did not want to waste the confidence that the southern Slavs placed in Russia, and this special relationship was considered a political pledge that placed its policies in the Balkans on a higher plane than those of other interested governments.” (GEYER, 1987 p.74)*

A Rússia mais uma vez vai à guerra com o Império Otomano. Dessa vez carregando consigo a bandeira do pan-eslavismo. A guerra em si, como havia acontecido em outras guerras com os turcos, foi custosa e exaustiva para os russos. Apesar de estarem vencendo nos campos de batalha, existia o medo da intervenção dos britânicos, que acompanhavam de perto o que estava acontecendo; e também o receio de uma participação dos austríacos, por mais que estes houvessem firmado um acordo anterior com os russos.

Finalmente quando os russos já haviam conquistado Adrianópolis e ameaçavam entrar em Constantinopla, os turcos se viram forçados a negociar a paz. A presença russa em Constantinopla não poderia ser permitida pelo sultão. Além disso, essa proximidade da capital turca chamou a atenção dos britânicos que viram seus interesses na região serem diretamente ameaçados. Nesse momento, a Grã-Bretanha envia uma frota para a cidade de São Estevão, onde estava sendo assinado o acordo de paz entre russos e turcos.

O resultado imediato da guerra trouxe a conquista da independência de Sérvia, Montenegro e Romênia. A Bósnia-Herzegovina adquire autonomia dentro do Império turco, passando posteriormente para a órbita de influência da Áustria-Hungria. Além disso, cria-se o Estado da Bulgária, com as fronteiras delimitadas pelo Império russo. (VAN DER OYE, 2006 p.575) O Tratado de São Estevão de 1878 formalizava essas questões, além de reconhecer o direito russo de garantir reformas no Império Otomano.

A nova Grande Bulgária consistia naquela que havia sido apresentada dois anos antes por Ignatiev em Constantinopla, com a inclusão da Trácia e a exclusão de Dobrudja (JELAVICH, 1991 p.175), que foi cedida pelos russos para a Romênia, em troca da Bessarábia. Esse grande Estado abarcaria duas saídas marítimas, uma no Mar Negro e outra no Mar Egeu. Essa resolução evidenciava as aspirações geopolíticas da Rússia na região, já que, a conclusão desse tratado colocaria os russos em uma posição única nos Bálcãs.

A formação desse novo Estado da Bulgária garantia também que este, futuramente, seria o estado mais forte dos Bálcãs, deixando os russos em posição de igualdades na região com o próprio Império Otomano. Ainda de acordo com Barbara Jelavich:

*“The Treaty of San Stefano of March, 3 thus provided, among other stipulations, for the creation of a Bulgaria whose size and situation guaranteed that in the future it would be the strongest Balkan state. In addition, other treaty conditions appeared to ensure Russia a controlling position.”* (JELAVICH, 1991 p.175)

Os termos do Tratado rapidamente deflagraram uma crise internacional. Tanto britânicos como austríacos foram contrários ao acordo e buscaram rapidamente uma maneira de anulá-lo. No caso do Império Austro-Húngaro, o Tratado de São Estevão feria os termos do acordo previamente feito entre essa potência e o Império russo. Ao conceder independência a Sérvia, Bósnia e Montenegro, os russos estavam ferindo o acordo prévio feito com o Império Habsburgo, já que o que havia sido acordado era que estes Estados passariam para a zona de influência austríaca.

Já os britânicos temiam esse ganho de posição russa nos Bálcãs. A criação de um grande Estado balcânico, com apoio e influência direta russo, poderia futuramente levar a uma dominação direta do Império Otomano por parte do czar. Além de ser um Estado grande e com duas saídas para o mar, a recém-criada Bulgária ainda possuía uma proximidade com Constantinopla, o que preocupava demais os britânicos. A capital Constantinopla era o centro do poder turco, caso esta fosse tomada por alguma potência europeia, as chances do Império Otomano rachar aumentavam consideravelmente.

Sabendo que não estavam em posição de ir contra a Europa, os russos acabam concordando em participarem de uma conferência europeia que iria rever os termos do Tratado de São Estevão. O Congresso de Berlim, de julho de 1878, reuniu as potências europeias e o representante do Império Otomano com o objetivo de rever os termos do Tratado de São Estevão e assegurar as alegações de Áustria-Hungria e Grã-Bretanha sobre o tratado anterior.

### **3.5 O Congresso de Berlim e o recuo russo**

O Congresso de Berlim foi conduzido por Otto Von Bismark, chanceler da recém-formada Alemanha. Os novos termos estipulados por este Congresso acabam

alterando drasticamente aquilo que havia sido estabelecido em São Estevão, não somente com relação a formação da Bulgária, mas em outras questões também. A Bulgária, de acordo com a nova proposta acabou sendo dividida em três partes:

“A Grande Bulgária criada pelo Tratado de São Estevão foi substituída por três novas entidades: um Estado independente da Bulgária muito mais reduzido; o Estado da Romélia Oriental, uma entidade autônoma que encontrava-se tecnicamente sob o controle de um governador turco mas cuja administração seria supervisionada por um Comitê Europeu; o resto da Bulgária reverteu para o governo turco.” (KISSINGER, 1994 p.178)

O acordo firmado em Berlim também devolveu o território da Macedônia ao Império turco, além de reconhecer formalmente as independências da Sérvia, Montenegro e Romênia. Apesar dos russos recuperarem a região sudeste da Bessarábia, que havia sido perdida em 1856, e algum território asiático, o acordo de Berlim foi mais um golpe na diplomacia do czar. Em questão de meses os russos assumiram o controle de um vasto território para logo em seguida perderem esse domínio. A Grande Bulgária não seria criada. Em seu lugar três pequenos Estados foram criados, sendo que apenas um deles passaria para a órbita de influência russa.



## MAPA 6: OS TRATADOS

Fonte: Russia's Balkan Entanglements, Barbara Jelavich, p.175.

O Congresso de Berlim foi mais um golpe dado na diplomacia russo. Os russos haviam ganhado a guerra, mas perderiam a paz. Assim como aconteceu na Crimeia, o período após o congresso foi um período conturbado na Rússia. A habilidade diplomática do czar passa a ser questionada. A guerra além de não ter atingido as



expectativas dos russos havia sido extremamente custosa para o Império. Além disso, o sentimento nacionalista que havia sido a principal bandeira para ir à guerra, estava novamente sendo colocado em cheque. Mais uma vez, em um intervalo de vinte anos, os russos se viam diminuídos perante as potências do Oeste. Seus desejos haviam sido bloqueados por duas outras potências, Grã-Bretanha e Áustria-Hungria.

*“The furious reaction of the public to the results of the Berlin Congress showed how quickly a loss of international prestige could engender substantial decline in the domestic authority of the regime.”* (GEYER, 1987 p.92) A reação social após o Congresso foi de perda de confiança no regime. Não apenas nos diplomatas, mas no próprio czar. A guerra de libertação dos eslavos não havia produzido o resultado esperado. Internamente os jornais russos passam convocar os russos a pegarem em armas contra as injustiças feitas em Berlim.

Mais uma vez na História da Rússia a política externa acaba por influenciar diretamente na política interna. De acordo com os jornais, as reformas internas deveriam ser acompanhadas pela guerra externa. As reformas deveriam acontecer para que a Rússia pudesse estar preparada para ir à guerra, em oposição a mais uma vez ser humilhada no cenário internacional. Novamente, assim como aconteceu na Crimeia, as questões internas se tornaram evidentes com o fim da guerra. A mudança seria necessária para que os russos recuperassem seu status quo externo, que, mais uma vez, havia sido diminuído.

A decisão do czar de ir à guerra em favor dos eslavos acabou resultando em questionamentos de seu poder de decisão interno e externo. O fim da guerra trouxe para a Rússia ebulções sociais e evidenciou o abismo existente entre a sociedade russa e a autocracia czarista. As últimas décadas do século XIX iriam demonstrar a ineficiência do regime czarista. A História iria mostrar que ainda seria necessário o envolvimento em mais duas guerras por parte do Império russo para que a autocracia czarista de fato chegasse ao seu fim. Essa história, entretanto, ultrapassa os limites de análise desse trabalho. O que fica evidente, todavia, é que a política czarista do século XIX e do início do século XX, estava totalmente atrelada a performance da política externa desse mesmo governo, especialmente quando se trata da política externa da Rússia para a Questão Oriental.

Vale lembrar que, enquanto a crise dos Bálcãs se desenvolvia, a expansão russa para a Ásia Central e o Extremo Oriente seguia acontecendo a todo o vapor. Estas, no entanto, não se mostravam suficientes para arrefecer o desejo social por mudanças internas. O motivo pelo qual isso acontecia não está claro. É possível, no entanto, arriscar pistas sobre o porquê dessa forte ligação entre a política externa russa para a Europa e as insatisfações sociais internas. A explicação poderia estar no fator geográfico. As duas maiores cidades, naquele momento, na Rússia eram Moscou e São Petersburgo. Ali era onde florescia a vida urbana, onde os jornais circulavam, onde a elite intelectual vivia e pensava.

Apesar de Dostoievsky ser um grande entusiasta da expansão asiática, as terras nas quais os russos estavam se aventurando encontravam-se geograficamente distantes dos grandes centros, enquanto os Bálcãs estavam geograficamente próximos dessas grandes cidades. Conforme já foi mencionado, existia um constante intercâmbio entre os habitantes dos Bálcãs e a Rússia. Já a segunda explicação, é justamente a questão eslava. Existia uma identidade cultural entre russos e alguns povos balcânicos e esta identidade ultrapassava a questão nacional.

O que liga os russos às questões dos Bálcãs não é apenas uma questão geoestratégica ou comercial. É uma questão de identidade. Assim como aconteceu na Crimeia, na qual o czar se sente compelido a ir à guerra em prol dos cristãos ortodoxos, os quais ele havia prometido proteger; no caso da guerra contra os turcos, o czar novamente se viu incumbido a se lançar em mais uma guerra no território otomano, desta vez, com o intuito de proteger os irmãos eslavos. Internamente, são essas questões de identidade que movem a sociedade russa. Nesse sentido é possível entender que, mesmo com todas as conquistas asiáticas, a população apenas se mobiliza diante das perdas nos Bálcãs. Isso acontece porque naquela região não se trata apenas de perdas territoriais, mas sim, de perda de uma missão maior. A perda da missão do Império russo de proteger e guiar os povos ortodoxos e eslavos.

Segundo Dostoievsky, nos Bálcãs a Rússia assumiria a liderança dos eslavos e dos ortodoxos numa cruzada para destruir o Império Otomano. (HOSKING, 2001). Os russos, portanto, se colocavam como os líderes dos povos ortodoxos e eslavos e seria missão deles protegerem essas populações contra os abusos do sultão turco. Quando o czar falhava nessa missão, como aconteceu na Crimeia, e acabou se repetindo no

Congresso de Berlim, a população passava a questionar suas habilidades de proteger o próprio povo russo. Assim, afloravam os questionamentos em relação à autocracia czarista e as questões sociais entravam em ebulição.

É evidente que essa não é, de maneira alguma, a única explicação que se coloca para responder o motivo pelo qual as perdas externas sempre eram acompanhadas por ebulições internas; mas parece plausível que essa ligação exista e que tenha se tornado cada vez mais forte no desenrolar do século XIX. É possível ainda ir além e entender que a cada guerra na qual o Império czarista se envolvia e não obtinha bons resultados, maiores ficavam as demandas sociais internas por mudanças no regime. Percebe-se um processo de espiral, no qual as demandas sociais vão crescendo conforme o século XIX vai chegando ao seu fim. O ponto de auge dessas demandas, grosso modo, é atingido com a participação russa na Primeira Guerra Mundial. Essa análise, entretanto, ultrapassa os limites dessa pesquisa.

O fato perceptível para essa análise é de que existe uma ligação direta entre a necessidade histórica russa de proteção de algumas minorias fora de seu território como foi o caso dos ortodoxos e, posteriormente, dos eslavos; com a decisão do governo czarista de ir à guerra. Em cada uma dessas duas guerras citadas, da Crimeia em 1856, e Russo-Turca em 1877-1878, existiram, motivos circunstanciais que influenciaram a decisão do czar de fazer a guerra. O que aparece em comum, em ambas as ocorrências, entretanto, é o clamor de proteção a essas minorias, que no segundo caso, chegou inclusive a tomar proporções de clamores populares.

O motivo real pelo qual o czar aceita ir à guerra em 1877 está além do que essa pesquisa consegue avançar. O que parece ficar claro, todavia, é que o mesmo decide aceitar os clamores populares e novamente se lançar em uma guerra contra os otomanos mesmo em um momento que a situação externa se encontrava desfavorável. De acordo com Dietrich Geyer:

*“The regime definitely did not decide to go to war because it had succumbed to the allures of its imperial war aims: no one could seriously have thought that these exaggerated war aims, which conflicted with strong Austrian and English interests, would prove acceptable. Nor were imperial policies in the Balkans activated by a desire to conquer new markets for the Russian economy and penetrate the Balkans economically. Commercial pressure groups did not influence the decisions taken by the Tzar.” (GEYER, 1987 p.85)*

A pressão popular pela guerra em prol dos eslavos que estavam sofrendo nas mãos do sultão otomano acabara ganhando fortes repercussões e chegando ao governo do czar. Por parte da população ficava claro que o seu desejo maior era apoiar os “irmãos eslavos” com os quais possuíam laços maiores que os laços nacionais. Por parte do czar, todavia, existia a necessidade de ganhar apoio interno ao seu governo. Ainda segundo Geyer:

*“All that remained was the hope that the decision to go to war would rally public support within Russia. However, the expectation that the popularity of the war would rub off on the authority of the autocracy quickly proved illusory. Rather than increasing the Tsar’s margin for maneuver, the war seriously reduced it.”* (GEYER, 1987 p.85)

Ao contrário do esperado, a perda das conquistas russas no Congresso de Berlim, foi um grande golpe na autocracia czarista, que acabou vivendo um momento de grave instabilidade interna nos anos que se seguiram ao Congresso. O prestígio do czar estava atrelado a suas conquistas no cenário externo. Quando essas não se concretizam, o clamor das forças sociais acabou por colocar a autocracia czarista em uma crise à qual o Império, futuramente não iria sobreviver.

No cenário europeu, a perda das posições conquistadas na Bulgária por parte dos russos os coloca mais uma vez em uma situação de fragilidade perante as demais potências. Assim como aconteceu na Crimeia, em que os russos acabaram por culpar os austríacos de os traírem ao declararem guerra, mesmo quando haviam dito que se manteriam neutros no conflito; no caso da guerra contra os turcos de 1877-1878, os russos acabaram culpando os alemães pelo que aconteceu no Congresso de Berlim. (JELAVICH, 1991 p.178) A Rússia acreditava que o novo Estado alemão, comandado por Bismark, não havia lhe dado o apoio necessário, quando eles (os russos) precisaram.

Devido a isso, a Liga dos Três Imperadores, que unia as três grandes autocracias europeias, Rússia, Alemanha e Áustria-Hungria; encontrou-se abalada. A Rússia havia saído insatisfeita de Berlim e culpando os alemães por suas perdas. Bismark nesse momento busca uma alternativa e conclui com os austríacos uma Dupla Aliança em 1879, à qual a Itália iria se juntar em 1882. Essa aliança tripla iria permanecer até 1914 na Primeira Guerra Mundial.

Os russos, por sua vez, mesmo se sentindo traídos primeiramente pelos austríacos e, posteriormente pelos alemães, percebem que não podem ficar sem aliados europeus.

Em 1881, a Liga dos Três Imperadores é renovada, dessa vez com um acordo escrito. Este daria origem ao Tratado de Resseguro de 1887. Todos esses acordos e tratados, como se sabe, posteriormente iriam se entrelaçar na Primeira Guerra Mundial. Ao se verem fragilizados no cenário europeu e ao perceberem que não seria possível manter uma aliança com dois parceiros não muito confiáveis, os russos decidem forjar uma aliança com a França em 1891.

Esse rearranjo interno das potências europeias foi fundamental para entender o conflito futuro da Primeira Guerra. Com relação aos russos, porém, é necessário perceber que os conflitos externos que viriam a seguir - a Guerra de 1904-1905 com o Japão e a própria Primeira Guerra Mundial - colocariam em cheque um governo que já estava em crise desde a metade do século XIX. A cada guerra as insatisfações internas cresciam, chegando ao seu momento clímax no ano de 1917. A Revolução bolchevique inauguraria um novo período da História da Rússia. Esse novo momento teria algo em comum com o antigo: o ideal socialista, assim como o ideal eslavo, ultrapassaria barreiras nacionais; a questão soviética, entretanto, foge à argumentação desse trabalho.

O que fica para a reflexão é que, em diferentes momentos de sua História, certas noções de identidade supranacional exerceram profundo impacto sobre a opinião política das massas e de certos setores das elites intelectuais, com inequívoco reflexo na tomada de decisões de política externa, no âmbito dos grupos dirigentes. Fosse a ortodoxia religiosa, a identidade étnico-cultural eslava ou o socialismo soviético; todos acabaram por estabelecer uma dinâmica de tensão política diante dos problemas relativos à questão nacional e à projeção de poder externo do Estado russo. Desconsiderar tais elementos na análise das iniciativas internacionais da Rússia, ontem e hoje, exige de nós que aceitemos os riscos de produzir uma análise apenas epidérmica das relações internacionais.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao lançar luz sobre os atuais assuntos que rondam as relações internacionais do Estado russo é possível perceber que a mesma passa por um momento de crise com o seu entorno regional. O início dessa crise pode ser apontado na aproximação entre o líder russo, Vladimir Putin, e o presidente sírio Bashar Al-Assad. Quando estourou a guerra civil na Síria, norte-americanos e russos se viram tomando posições diferenciadas com relação ao conflito. Enquanto os norte-americanos apoiaram os grupos que desejavam a queda do presidente sírio; os russos acabaram ficando ao lado do estadista local.

A partir desse momento o escalonamento dessa crise que envolve não somente norte-americanos e russos, mas também europeus do Oeste; apenas cresceu. Em 2014, esta tensão ganhou uma nova proporção quando estourou mais uma guerra civil, desta vez na Ucrânia. A guerra da Ucrânia colocou russos de um lado e Europa do Oeste mais os Estados Unidos do outro. A relação russa com a Ucrânia, desde o desmantelamento da URSS, sempre foi uma relação complexa e conturbada.

Durante o período soviético muitos russos migraram para a Ucrânia. Com o fim da URSS, esses russos se viram vivendo em outro país. Um país que buscava se desvencilhar da proximidade com a Rússia e desejava seguir um novo caminho. Isso aconteceu não somente com a Ucrânia mais também com outros países que faziam parte da União Soviética. O caso ucraniano, entretanto, demonstra-se ainda mais complexo devido a região da Crimeia fazer parte, até pouco tempo, do mesmo.

Conforme foi analisado no capítulo dois, a Crimeia é uma região que faz parte da construção da identidade do povo russo. Foi ali que, segundo a História russa, Vladimir, o príncipe de Kiev foi batizado e levou a cristandade ortodoxa para os russos. A partir de então os russos passaram a construir uma imagem de que eles seriam os herdeiros naturais do cristianismo ortodoxo e que seria missão do povo russo levar e proteger a religião fora da Rússia. Além de ser uma região importante para os russos, a Crimeia era um ponto de encontro entre diversas práticas religiosas. Além da ortodoxia, muitos católicos também viam a sacralidade do local; assim como muçulmanos, já que, a região no passado fazia parte do Império Otomano.

Por ser o local onde teria nascido a Kievan Rus, Catarina a grande, demonstrou grande interesse na região; ocupando-a ainda no final do século XVIII e, entrando em confronto com a população local, os tártaros. Os russos temiam que essa população se

voltasse contra eles já que os mesmos permaneciam fiéis ao sultão otomano. Catarina estimula, portanto, a expulsão dos tártaros de volta para o Império Otomano. Além de ser o local onde Vladmir havia se batizado, Catarina também acreditava que a Crimeia era a ligação russa com o antigo Império Bizantino, do qual a Imperatriz acreditava que o povo russo era o verdadeiro herdeiro.

Esta então era uma região crucial para a construção da construção da religiosidade russa. A guerra da Crimeia, na metade do século XIX, foi uma guerra que se iniciou justamente a partir de preceitos religiosos. A França católica buscava obter vantagens religiosas na região, enquanto que os russos levantavam a bandeira ortodoxa. Os russos buscavam proteger os cristãos ortodoxos que viviam em minoria sob a égide do sultão. A partir dessa ótica, o então Imperador russo, Nicolau, busca apoio popular para que a população se sensibilizasse com os irmãos ortodoxos e passasse a apoiar uma intervenção no Império Otomano.

A derrota russa na Crimeia acaba por reduzir a influência dos mesmos na região. Os russos acabam se voltando para a sua expansão asiática, sem perder de vista a região dos Balcãs. Durante as duas décadas seguintes, os russos constroem uma relação de aproximação com alguns povos da região balcânica, como foi o caso dos sérvios, e, posteriormente, dos búlgaros. Essa aproximação russa desses povos estava embasada no fato de que os mesmos dividiam uma origem comum, a origem eslava.

Os povos eslavos nasceram a partir de um grupo Indo-europeu de populações. (VERNADSKY, 1969 p.2) Entre os séculos VIII e IX, estes povos sofreram a influência direta da população nórdica, que invadiu os territórios eslavos, principalmente dos eslavos do Leste (dos quais os russos faziam parte). (VERNADSKY, 1969 p.3) Apesar das invasões e das misturas raciais, estas não foram suficientes para modificar as características raciais dos russos, que se mantiveram eslavos em sua essência.

Além dos russos, haviam eslavos nos Balcãs. Essa identificação de origem entre algumas populações balcânicas e a população russa atingiu o seu clímax na segunda metade do século XIX. A perda da região da Crimeia havia afastado os russos dos assuntos da península balcânica. A fragilidade do governo do sultão Otomano, todavia, acabou por atrair algumas potências europeias para aquela região. Cada vez mais o Império Otomano era visto como o gigante doente da Europa e, as demais potências

perceberam uma oportunidade de investirem em movimentos locais em prol de seus próprios interesses.

Não eram somente as potências que agiam em prol dos seus interesses, as próprias populações locais, ao perceberem o momento propício, acabaram buscando nas potências apoio para que também agissem em prol de suas próprias agendas. O caso da Bulgária foi mais ou menos pelo mesmo caminho. A aproximação entre a Rússia e a Bulgária se deu na forma de intercâmbios. Russos foram viver na Bulgária, e o contrário também aconteceu. O movimento de libertação búlgaro começou a ganhar força na década de 1860 e foi constantemente freado pelos otomanos que massacraram a população local.

A questão pan-eslava, portanto, surge nesse contexto em que os eslavos dos Balcãs estavam sofrendo nas mãos do sultão Otomano. Essa necessidade de proteger àqueles que possuíam a mesma origem étnica russa, passou a ganhar apoio nos jornais das maiores cidades da Rússia. Ao chegar aos jornais a questão pan-eslava ganhou grande fôlego e a população passou a se mobilizar em prol dos seus irmãos que estavam sofrendo abusos.

A decisão russa de ir à guerra novamente com os turcos-otomanos recaí na questão da origem étnica. Na necessidade de proteção daqueles que não faziam parte do Império russo e estavam sofrendo por serem uma minoria. O Imperador russo se vê, portanto, na posição de que deveria ir ao encontro dos irmãos eslavos. Essa noção de identidade supranacional acabou mexendo tanto com a população como com as elites russas que apoiaram a ida do Império russo a mais uma guerra com os Otomanos.

É possível traçar um paralelo entre o discurso feito pelo Estadista russo hoje, com essas duas questões cruciais para a história russa, a ortodoxia religiosa e o pan-eslavismo. A atual anexação da Crimeia faz parte da construção de uma identidade supranacional que vai além das noções de território e Estados Nacionais. A Crimeia é para os russos hoje, ainda aquilo que ela era há quase dois séculos atrás. Um território que faz parte da construção da história russa e que possui sua origem interligada a do povo russo.

Devido a isso, não somente o Estadista russo, como uma parte da sua população acredita que o mesmo deve sim fazer parte da Rússia, pois foi ali que nasceu a



crisandade ortodoxa e onde vive uma população eslava. Além disso, na região a maior parcela da população é russa, ou de origem russa o que faz com que os mesmos se identifiquem mais com o Estado russo do que com a Ucrânia.

Uma análise das relações internacionais da Rússia hoje com os seus vizinhos requer, portanto, uma percepção mais detalhada desse fato. Caso contrário, a percepção das movimentações do Estado russo será vista apenas a partir de uma perspectiva midiática, que, na maior parte das vezes, não contempla análises profundas e de longo prazo dos assuntos atuais. É inegável a importância territorial e militar da Crimeia hoje, a questão que se coloca, todavia, é que existem forças mais profundas que atuam tanto no âmbito popular, como no das elites russas para movimenta-los em direção ao apoio das atitudes do presidente russo.

Essa questão se coloca hoje, assim como se colocou nos dois momentos analisados aqui. A ortodoxia cristã e o pan-eslavismo são elementos de longo prazo que agiram no passado e agem hoje impulsionando a população russa a apoiar as decisões tomadas por seus líderes. Isso foi verdade no caso dos tzares no século XIX, e é verdade hoje na presidência de Vladimir Putin. Dessa maneira é possível separar esses dois elementos como fundamentais para melhor compreender a política externa da Rússia.

Existe hoje uma proteção real aos eslavos de alguns países do Balcãs, como é o caso da Sérvia. Ela é feita, principalmente, a partir do financiamento de partidos políticos e compra de empresas por parte dos russos. A partir do pan-eslavismo os russos procuram aumentar a sua influência naquela região, que ainda hoje, é alvo de disputa de poder entre diferentes países. O senso de proteção eslava, entretanto, era mais forte no século XIX do que atualmente o que pode ser explicado pelo fato de haverem muitas outras questões em jogo.

A religião ortodoxa ainda hoje é de extrema importância para o povo russo e os eslavos de maneira geral. Ela é um elemento muito presente na vida desses povos e, muitas vezes, acaba sendo usada como instrumento político de mobilização da população. Isso também pôde ser observado quando a Guerra da Crimeia foi tratada. Como o czar Nicolau se utilizou do argumento da fé para justificar a importância de uma região para a população do Império russo.

A noção de que o Estado russo age de maneira agressiva e que o mesmo possui interesses em dominar os antigos espaços soviéticos, é uma interpretação parcial dos eventos que se colocam hoje. Não cabe a esta análise responder se esses argumentos feitos pelo Ocidente são verdadeiros ou não. O que foi proposto aqui foi de fazer um mergulho mais profundo em raízes que movimentam as relações internacionais da Rússia ontem e hoje.

E nessas raízes foi possível encontrar a religião ortodoxa e a questão pan-eslava. A partir dessas duas forças supranacionais foi possível entender que ambas serviram e servem como instrumento de mobilização de massas e de elites. Essa mobilização é fundamental para entender a movimentação do jogo político de alto escalão. A decisão de ir à guerra na metade do século XIX, já não podia ser vista como uma decisão simples de ser tomada pelos dirigentes estatais. A proliferação dos jornais contribuiu enormemente com a necessidade de apoio popular para a tomada de algumas decisões. (BARRACLOUGH, 1987 p.113)

Hoje, essa necessidade continua persistindo e ainda muito mais forte. É claro que existem pessoas na Rússia que não concordam com a anexação da Crimeia, mas, o discurso político construído por Putin; da origem do povo russo e da importância daquela região mobiliza a população. Assim como mobilizou no passado. Mexe com o imaginário da construção de identidade daquele povo e cria uma tensão política aos assuntos mais delicados de política externa.

Esses dois elementos supranacionais permeiam a História da projeção de poder russa e da sua relação com o seu entorno regional. Eles são fundamentais para entender o que acontece hoje na relação russa com a Ucrânia e com alguns países dos Balcãs; e para perceber na História a permanência desses elementos. Na história de um país tão complexo, que passou por inúmeros momentos distintos de formação política econômica; entender esses elementos como aqueles que permaneceram e serviram para construir uma identidade de longa duração e de sentimento de semelhança ao outro.

Tanto a religião ortodoxa como a etnia eslava unem os russos a alguns de seus vizinhos. Pensar nesses elementos é pensar além de elementos nacionais. É pensar que esses povos possuem sua identidade atrelada não apenas aos Estados aos quais pertencem, mas além deste, a elementos que os formam como seres humanos e que os reúne a outras pessoas que possuem as mesmas origens.

Essa percepção de entender que os elementos supranacionais podem, por muitas vezes, influenciar tanto quanto o sentimento de identidade nacional; torna-se muitas vezes um exercício complexo de se fazer. O que se deve compreender, sobretudo, é que a formação das identidades é algo complexo e que passa e perpassa pela questão nacional. O que define um russo, um inglês ou um brasileiro é, primeiramente, a sua nacionalidade, mas o que os constrói é um emaranhado de outras forças e influências que em alguns momentos de suas vidas pode os definir e os mover muito mais que o sentimento de nação. A religião e a etnia são aqui elementos-chave para entender o que moveu, e move, a relação da Rússia e dos russos com o seu entorno regional.

## APÊNDICE 1

A população eslava tem a sua origem étnica de uma ramificação dos povos Indo-Europeus. A partir do século VI os eslavos se espalharam pela Europa Oriental, Central e os Balcãs. Os eslavos se dividem em três principais ramificações: Eslavos do Oeste, poloneses, tchecos, eslovacos; eslavos do Leste, onde se incluem os russos e junto a eles os bielo-russos e ucranianos; e, os eslavos dos Balcãs (sérvios, macedônios, montenegrinos, bósnios, búlgaros, croatas).

Os primeiros eslavos eram agricultores e criadores de animais e viviam em algumas áreas do noroeste da Ucrânia e no sudeste da Polônia, ao norte dos Montes Cárpatos.

Com o tempo uma diferenciação linguística e cultural passou a surgir entre os eslavos do Leste, que se dividiram em três grandes ramificações: os Grandes Russos (agora somente russos) que eram responsáveis por 65% do total da população eslava do Leste; os antigamente chamados, pequenos russos (ucranianos) que eram mais ou menos 25% da população; e os bielo-russos (russos brancos) que eram menos de 10 % do total. (VERNADSKY, 1969 p.3)

Ao longo dos séculos as três ramificações foram unidas e separadas. Durante esse período tanto ucranianos como bielo-russos sofreram influência polonesa por parte de seus territórios terem feito parte da Polônia. Somente no século XIX que as três ramificações foram reunidas em um só Estado. A influência polonesa, entretanto, permaneceu tanto na cultura como na língua de ucranianos e bielo-russos. (VERNADSKY, 1969 p.3)

## APÊNDICE 2

A Igreja Ortodoxa nasce a partir do cisma de 1054 entre as Igrejas cristãs. A partir desse cisma, muitas igrejas orientais passaram a se unirem em torno do poder do Patriarcado de Constantinopla, incluindo a Igreja Ortodoxa.

Existe hoje pelo menos quatorze igrejas ortodoxas autocéfalas, as quatro primeiras: Constantinopla, Alexandria, Antioquia e Jerusalém; assim como as outras dez que surgiram ao longo do tempo: Rússia, Sérvia, Romênia, Bulgária, Geórgia, Chipre, Grécia, Albânia, República Tcheca e Eslováquia.

É possível perceber, portanto, que existe uma divisão entre ortodoxos que são de etnia eslava, e outros povos com origens distinta; como é o caso por exemplo dos gregos. Estes possuem uma afinidade religiosa com o Estado russo, mas não compartilham de uma origem comum.

Já alguns países dos Balcãs além de dividirem com os russos a mesma origem étnica também compartilham da mesma religião, como é o caso da Bulgária e da Sérvia. Nesses estados balcânicos a influência russa é grande, pelo fato de possuírem esses elementos supranacionais em comum.

## Referências Bibliográficas

### 1. Artigos:

ADAM, Gabriel Pessin. *A Rússia e os países da Comunidade dos Estados Independentes no início do século XXI. Uma Longa Transição: vinte anos de transformações na Rússia*, IPEA, 2011.

BARATA, Pedro. *A Ucrânia, a UE e a Rússia: softpower versus realpolitik?* JANUS.NET, 2014.

BARREIROS, Daniel de Pinho. *Um mundo dividido: mercado mundial, as relações interestatais e o advento da Era Contemporânea (1870-1914)*.

DAVUTOGLU, Ahmet. *Turkey's foreign policy vision: An assessment of 2007*. Inside Turkey, vol.10, 2008.

FREIRE, Raquel M. *Contenção, Projeção e Envolvimento: a política externa russa para o Grande Médio Oriente*. Nação e Defesa, 2008.

LUNKES, Daniela Sallet. PINTO, Danielle Jacon Ayres. *O atual processo de construção identitária da Ucrânia: o conflito entre a tradição russa e o modelo econômico da UE*. Agosto, 2014.

KISSINGER, Henry. *To settle the Ukraine crisis, start at the end*. Março, 2014.

MIELNICZUK, Fabiano. *Identidade como fonte de conflito: Ucrânia e Rússia no pós-URSS*. Contexto Internacional, vol.28, 2006.

PAUTASSO, Diego. *Da Política de contenção à Reemergência: A Rússia volta ao tabuleiro*. AUSTRAL, vol. 3, 2014.

PRAZERES, Jorge Paulo. *O conflito na Ucrânia sobre o ponto de vista da segurança e defesa*, Jornal de Defesa e Relações Internacionais, 2014.

SAYARI, Sabri. *Turkish foreign policy in the post- Cold War era*. Journal of International Affairs, 2000.

SEGRILLO, Angelo. *A diarquia Putin-Medvedev: dimensões da política interna e da política externa. Uma longa transição: vinte anos de transformação na Rússia*, IPEA, 2011.

2. Livros:

**ARRIGHI, Giovanni.** *O longo século XX.* Rio de Janeiro, Contraponto, 2005.

**BARRACLOUGH, Geoffrey.** *Introdução à História Contemporânea.* Editora Guanabara, 5ª Edição, 1987.

**BASSIN, Mark.** Geographies of imperial identity. In: *The Cambridge History of Russia. Volume II.* Cambridge University Press, 2006.

**BIDELEUX, Robert and JEFFRIES, Ian.** *The Balkans: A Post-Communist History.* Routledge, 2007.

**BRAUDEL, Fernand.** *Civilização material, economia e capitalismo. Volume 3: O tempo e o mundo.* Martins Fontes, 1998.

**BREYFOGLE, Nicholas B. SCHRADER, Abby. SUNDERLAND, Williard.** *Peopling the russian periphery: Boarderland colonization in Eurasian History.* Routledge, 2010.

**BRZEZINSKI, Zbigniew.** *Strategic Vision American and the Crisis of Global Power.* Basic Books, 2013.

**CARRIÉ, René Albrecht.** *A Diplomatic History of Europe – Since the Congress of Viena.* University Paperbacks, 1958.

**COHEN, Ariel.** *Russian Imperialism: Development and Crisis.* Greenwood Publishing Group, 1996.

**CRAMPTON, R.J.** *Bulgaria. In: Oxford History of Modern Europe.* Oxford University Press, USA, 2007.

**DARWIN, John.** *The Empire Project – The Rise and Fall of the British World-System (1830-1970).* Cambridge University Press, 2009.

**EICHENGREEN, Barry.** *A Globalização do Capital: uma história do sistema monetário internacional.* São Paulo: 34, 2000.

- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador. Volume 2: Formação do Estado e civilização*. Zahar, 1993.
- FIGES, Orlando. *The Crimean war, a History*. Picador, 2010.
- FIORI, José L. *Formação, Expansão e Limites do Poder Global*. Petrópolis, Vozes, 2004.
- FIORI, José Luis. *O Poder Global*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- FIORI, José L. *História, Estratégia e Desenvolvimento: para uma geopolítica do capitalismo*. Boitempo, 2014.
- FORBES, Nevill. TOYNBEE, Arnold J. HOGARTH, D.G. *The Balkans: A History of Bulgaria – Serbia- Greece- Rumania – Turkey*. Timeless Classic Books, 2010.
- GEYER, Dietrich. *Russian imperialism, the interaction of domestic and foreign policy 1860-1914*. Yale University Press, 1987.
- GIANNAKOS, Symeon A. *Bulgaria's Macedonian dilemma*. In: *Journal of Southern Europe and the Balkans*, Volume 3, Number 2, 2011.
- HAAS, Marcel de. *Russia's Foreign Security Policy in the 21st century*. Routledge, 2010.
- HOBSBAWM, Eric J. *A Era das revoluções: 1789-1848*. Paz & Terra, 1977.
- HOBSBAWM, Eric J. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. Paz & Terra, 1987.
- HOBSBAWM, Eric J. *A Era do Capital 1848-1875*. Editora Paz & Terra, 4ª Edição, 1982.
- HOBSBAWM, Eric J. *On Empire: America, War, and Global Supremacy*. Pantheon Books, 2008.
- HOSKING, Geoffrey. *Russia and the Russians. A History*. The Belknap Press of Harvard University Press. Second Edition. 2001, Cambridge, Massachusetts.
- JELAVICH, Barbara. *Russia's balkan entanglements 1806-1914*. Cambridge University Press, 1991.



- KAGARLITSKY, Boris.** *Russia under Yeltsin and Putin: Neo-liberal Autocracy.* Pluto Press, 2002.
- KEEGAN, John.** *A History of warfare.* Vintage Books, 1993.
- KENNAN, George Frost.** *O declínio da ordem europeia de Bismarck.* Editora Universidade de Brasília, 1979.
- KENNEDY, Paul.** *Ascensão e queda das grandes potências.* Editora Campus, 12<sup>a</sup> Edição, 1988.
- KISSINGER, Henry.** *Diplomacia.* Livraria Francisco Alves S.A, Rio de Janeiro, 1997
- KISSINGER, Henry.** *World Order.* Penguin Press, 2014.
- LARUELLE, Marlène.** *In the name of the nation: Nationalism and politics in contemporary Russia.* Palgrave Macmillan, 2009.
- LEDONNE, John P.** *The Grand Strategy of the Russian Empire, 1650-1831.* Oxford University Press, 2004.
- LEDONNE, John P.** *The Russian Empire and the World 1700-1917, the geopolitics of expansion and containment.* Oxford University Press, 1997.
- LIEVEN, Dominic.** *Russia as empire and periphery. In: The Cambridge History of Russia. Volume II.* Cambridge University Press. 2006.
- LO, Bobo.** *Vladimir Putin and the evolution of russian foreign policy.* Blackwell Publishing, 2003.
- LOHR, Eric and POE, Marshall.** *The Military and Society in Russia 1450-1917. In: History of Warfare.* BRILL, 2002.
- LOVELL, Stephen.** *Destination in doubt: Russia since 1989.* Fernwood Publishing, 2006.
- MILGRIM, Michael R.** *An overlooked problem in Turkish- Russian relations: the 1878 war indemnity. In: International Journal Middle East Studies volume 9, issue 4.*

MONIZ BANDEIRA, Luis Alberto. *A Segunda Guerra Fria: Geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos*. Civilização Brasileira, 2013.

PRAVDA, Alex. *Leading Russia: Putin in perspective*. Oxford University Press, 2005.

POLANYI, Karl. *A Grande Transformação - as origens de nossa época*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1980

REYNOLDS, Michael A. *Shattering Empires – The Clash and the Collapse of the Ottoman and Russian Empires, 1908-1918*. Cambridge University Press. 2011.

SARAIVA, José Flávio Sombra. *História das Relações Internacionais Contemporâneas – da sociedade internacional do século XIX à era da globalização*. Editora Saraiva, 2ª Edição, São Paulo, 2008.

SGHEVILL, Ferdinand. *A History of the Balkans: From the earliest times to the present day*. Dorset Press, 1991.

STONE, David R. *A Military History of Russia From Ivan the Terrible to the War in Chechnya*. Praeger Security International, 2006.

SUNY, Ronald Grigor. *The Cambridge History of Russia – volume III: The twentieth century*. Cambridge University Press, 2006.

TAYLOR, Brian D. *Politics and the Russian Army: Civil-Military relations 1689-2000*. Cambridge University Press, 2003.

TUMINEZ, Astrid S. *Russia nationalism since 1856: Ideology and the Making of Foreign Policy*. Rowman & Littlefield Publishers, 2000.

VAN DER OYE, David Schimmelpennick. *Russia foreign policy 1815-1917*. In: *The Cambridge History of Russia. Volume II*. Cambridge University Press. 2006.

VERNADSKY, George. *A History of Russia*. Yale University Press, 1969.

WEEKS, Theodore R. *Managing Empire: tsarist nationalities policy*. In: *The Cambridge History of Russia. Volume II*. Cambridge University Press. 2006.

WEGREN, Stephen K. HERSPRING, Dale R. *After Putin's Russia: Past Imperfect, future uncertain*. Rowman & Littlefield Publishers, 2010.

### 3. Notícias:

<http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,a-confusa-guerra-da-turquia--imp-,1734154>

[http://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/01/internacional/1417459894\\_673112.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2014/12/01/internacional/1417459894_673112.html)

<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2014/07/17/entenda-o-conflito-envolvendo-ucrania-e-russia.htm>

<http://oglobo.globo.com/mundo/putin-assina-acordo-para-anexar-crimea-russia-11908094>

Le Figaro, 2014.

Discurso de Putin sobre a anexação da Crimeia, 2015.



